

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

VALENTINA RUIVO BRESSAN

**O ETHOS DA MULHER REPÓRTER NO DISCURSO DE NELLIE BLY:**  
*ANÁLISE DE DEZ DIAS NUM HOSPÍCIO (1887)*

PORTO ALEGRE

2024

VALENTINA RUIVO BRESSAN

**O ethos da mulher repórter no discurso de Nellie Bly:**  
análise de *Dez dias num hospício* (1887)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Benetti

PORTO ALEGRE

2024

### CIP - Catalogação na Publicação

Bressan, Valentina Ruivo

O ethos da mulher repórter repórter no discurso de  
Nellie Bly: análise de Dez dias num hospício (1887) /  
Valentina Ruivo Bressan. -- 2024.

122 f.

Orientadora: Marcia Benetti.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,  
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. jornalismo. 2. discurso. 3. ethos. 4. repórter.  
5. mulheres jornalistas. I. Benetti, Marcia, orient.  
II. Título.

VALENTINA RUIVO BRESSAN

**O ethos da mulher repórter no discurso de Nellie Bly:**

análise de *Dez dias num hospício* (1887)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Benetti

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Benetti – Orientadora  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Thaís Helena Furtado – Examinadora  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline do Amaral Garcia Strelow – Examinadora  
UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Gosto muito de um poema em que Adília Lopes fala que “escrever um poema é como apanhar um peixe com as mãos”. Nos versos finais, ela diz: “tenho de estar atenta/ tenho medo de não chegar ao fim/ é uma questão de vida ou de morte/ quando chego ao fim/ descubro que precisei de apanhar o peixe/ para me livrar do peixe/ livro-me do peixe com o alívio/ que não sei dizer”.

Escrever poesia é muito distante de escrever um TCC, eu sei, mas me dou a liberdade de tecer a comparação. Penso que nos dois casos, se pôr a trabalhar com as palavras é uma artesanaria delicada, escorregadia, que demanda persistência, envolvimento. Durante a elaboração desta monografia, muitas vezes, tive medo de não chegar ao fim. Este trabalho representa, mais que uma exigência acadêmica, o capítulo final de uma trajetória que não começou nem se encerra aqui. Por isso, agradeço a todos que, de diferentes formas, fizeram parte desse caminho.

Primeiro, aos meus pais. À minha mãe, Rochele, que me presenteou com as palavras todas, com o cuidado atento a cada ponto dessa nossa costura, com a curiosidade inteligente de quem sempre descobre o assassino antes do livro terminar. Ao meu pai, Gerri, pela insistência infinita na minha capacidade, pelas muitas músicas no carro, por me mostrar que toda equação tem uma – ou mais – saídas. É uma honra ter vocês como leitores orgulhosos.

À Marcia, agradeço por me orientar neste trabalho de forma gentil e atenta, brilhante e afetuosa. Muito obrigada pela aposta e pela paciência em dar forma ao emaranhado de ideias, vontades e preocupações que originou esse texto. Tu me mostrou outra perspectiva possível, responsável e criativa, de fazer pesquisa.

Obrigada também a todos os professores que fizeram parte da minha construção. Em especial, Thaís Furtado, que me acompanhou da iniciação científica até esta monografia. À Gisele Reginato, pela companhia em alguns de meus textos preferidos e na monitoria acadêmica. Vocês duas fizeram minhas manhãs mais alegres e mostraram como ser contente fazendo jornalismo.

Tenho a sorte de ter uma família extensa, principalmente no que diz respeito ao tamanho do carinho e do amor que circulam. Agradeço por entenderem os momentos solitários que a escrita exige. Às minhas avós e à minha dinda Déia, por serem minhas maiores fãs, minhas alunas nas intermináveis brincadeiras da infância.

Obrigada às minhas primas, Bibi, Bê e Bárbara. Ao meu avô, Ângelo, por todo o carinho. Aos meus tios, Mara e Luiz, aos primos Gabi, Rodrigo e Livia. Dedico esse trabalho também à Manu, dona do autógrafo mais importante da minha estante. Desde sempre, vocês me incentivaram a estudar e trataram com importância o que eu tinha a dizer. Obrigada.

Sou muito feliz por ter a amizade de pessoas tão especiais, divertidas e inteligentes. Obrigada por me tranquilizarem, por aguentarem minhas (muitas) reclamações e por trazerem felicidade a todos os meus dias. À Rafa e ao Vini, pela longa amizade e diversão sem fim. À Amanda, por ser minha companheira nesse olhar sensível e criativo para a vida. À Bettina, pelas viagens repletas de risadas (e algumas lágrimas), pela compreensão, sinceridade e inspiração. Obrigada também à Carol, Carol G. e Ana, Cecília, Mari, Pâmela e Ju. À Sophia, obrigada por estar comigo desde o início da faculdade e partilhar inquietações e conquistas, tornando esse caminho bem mais feliz. À Nicole, Duda e Ju, por toda a ajuda no TCC e nas nossas reportagens.

Agradeço também aos meus colegas de trabalho, por tantos ensinamentos sobre o jornalismo de qualidade que desejo sempre fazer.

À Pietra, obrigada pela elaboração compartilhada de que toda escrita é tecida a muitas mãos.

Agora, percebo que precisei de apanhar esse peixe para poder me livrar dele. No processo, aprendi muito. Por mais clichê que seja – entre numa sala de primeiro semestre da graduação e escute a unanimidade –, foi mesmo a vontade de escrever que me trouxe até o jornalismo. Agora, depois do alívio de me livrar desse peixe, espero ansiosa para saber aonde a escrita ainda vai me levar.

*uma canção popular (séc. xix-xx):  
uma mulher incomoda  
é interdita  
levada para o depósito  
das mulheres que incomodam*

*loucas louquinhas  
tantãs da cabeça  
ataduras banhos frios  
descargas elétricas*

*são porcas permanentes  
mas como descobrem os maridos  
enriquecidos subitamente  
as porcas loucas trancafiadas  
são muito convenientes*

*interna, enterra*

(Um útero é do tamanho de um punho, Angélica Freitas)

## RESUMO

Esta pesquisa analisa a imagem de si construída pela jornalista estadunidense Nellie Bly na reportagem *Dez dias num hospício*, de 1887. Utilizando a Análise de Discurso francesa como método, acionamos o conceito de ethos para identificar os valores do jornalismo implicados na reportagem testemunhal escrita em primeira pessoa e produzida através do disfarce. Os objetivos específicos do trabalho são reconhecer os aspectos da imagem de si valorizados pela narradora como repórter e como mulher, mapear os sentidos presentes no discurso sobre o jornalismo e os jornalistas e identificar os valores da profissão que começam a se constituir naquele momento e ainda permanecem vigentes. A partir da análise da reportagem, publicada originalmente em duas partes no jornal *New York World* e reunida no livro *Dez dias num hospício* (2021), identificamos a presença de oito núcleos de sentido relacionados à forma como a repórter fala de si, do jornalismo e de outros jornalistas. O sentido predominante é “descubro a verdade e sou fiel aos fatos”, que representa 29,78% das incidências de sentido e evoca o compromisso com a verdade e as práticas – naquele momento ainda incipientes – de objetividade. O segundo sentido mais prevalente é “sou corajosa e tenho uma missão”, com 22,54% das incidências, enquadrando o jornalismo como um dever. O terceiro, “sou obstinada e estratégica”, representa 16,20% do total e traz elementos específicos da reportagem de disfarce. O quarto núcleo é “sou empática” e inclui 12,14% das incidências. O quinto sentido presente posiciona Bly como uma repórter que vive “experiências inesquecíveis” e contempla 7,20% do material. O sexto é “sou uma boa moça”, com 5,20%. O sétimo destaca a capacidade de Bly para o disfarce – a ideia “sei me disfarçar” aparece em 4,34% das incidências. Por fim, o oitavo sentido, residual, introduz dilemas éticos da jornalista: “sou ética” se manifesta em apenas 2,60% das incidências.

**Palavras-chave:** jornalismo; discurso; ethos; repórter; Nellie Bly; mulheres jornalistas



## ABSTRACT

This research analyzes the self-image constructed by the American journalist Nellie Bly in the report *Ten days in a mad-house*, from 1887. By using French Discourse Analysis as a method, we prompt the concept of ethos to identify the journalistic values implied in the testimonial report written in the first person of the speech and conceived through undercover journalism. The study's specific objectives are: to recognize the aspects of self-image valued by the narrator as a reporter and as a woman, to map the existing meanings about journalism and journalists in the discourse, and to identify the professional values that began to emerge at that time and are still in force. Based on the analysis of the report, originally published in two installments in the *New York World* newspaper and compiled in the book *Ten days in a mad-house* (2021), we identified the presence of eight core meanings related to the way the reporter talks about herself, journalism and other journalists. The prevailing meaning is "I uncover the truth and I am faithful to the facts", which represents 29.78% of the incidences of meaning and evokes the commitment to truth and the practices – first emerging at that time – of objectivity. The second most prevalent meaning is "I'm brave and I have a mission", with 22.54% of the incidences, framing journalism as a duty. The third, "I'm obstinate and strategic", represents 16.20% and comprehends specific elements of undercover reporting. The fourth core is "I'm empathetic" and includes 12.14% of the incidences. The fifth existing meaning places Bly as a reporter who lives "unforgettable experiences" and it contemplates 7.20% of the material. The sixth is "I'm a good young lady". The seventh emphasizes Bly's ability to disguise herself – the idea "I know to disguise myself" appears in 4.34% of the incidences. Finally, the eight meaning, a residual one, introduces the journalist's ethical dilemmas: "I'm ethical" manifests in only 2.60% of the incidences.

**Keywords:** journalism; discourse; ethos; reporter; Nellie Bly; women journalists

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 O JORNALISMO ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XIX</b>	<b>13</b>
2.1 A penny press e a revolução na imprensa americana	13
2.2 O repórter do final do século XIX	20
2.2.1 A técnica do disfarce	26
2.3 As mulheres nas redações norte-americanas	31
<b>3 ETHOS E NARRATIVA</b>	<b>38</b>
3.1 O narrador protagonista	38
3.2 O ethos discursivo	45
<b>4 A REPÓRTER E OS DEZ DIAS NUM HOSPÍCIO EM 1887</b>	<b>52</b>
4.1 Nellie Bly	52
4.2 Síntese da reportagem	65
<b>5 EU REPÓRTER</b>	<b>80</b>
5.1 Metodologia	80
5.1.1 Objeto empírico e etapas da análise	83
5.2 As imagens de si construídas por Nellie Bly	85
5.2.1 Descubro a verdade e sou fiel aos fatos	85
5.2.2 Sou corajosa e tenho uma missão	92
5.2.3 Sou obstinada e estratégica	96
5.2.4 Sou empática	101
5.2.5 Vivo experiências inesquecíveis	104
5.2.6 Sou uma boa moça	106
5.2.7 Sei me disfarçar	110
5.2.8 Sou ética	112
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>119</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O processo que transforma os acontecimentos do cotidiano em informação é extenso e complexo, e nem sempre fica evidente aos olhos dos leitores. Para além da assinatura na página ou o nome nos créditos, cada jornalista envolvido nesse trabalho deixa marcas em cada etapa do desenvolvimento das reportagens. Essas marcas dão vistas ao processo de apuração e às condições do ofício, mas também dizem dos valores e práticas do grupo profissional e de cada repórter.

Algumas vezes, essas marcas são mais notórias. É o que ocorre nas reportagens narradas em primeira pessoa a partir do testemunho. O repórter não só sugere, mas afirma: “eu estive lá e vou narrar os fatos”. A perspectiva própria do narrador é posta em primeiro plano, e, nesse movimento, os valores da comunidade jornalística em determinado contexto histórico e cultural são implicados no texto.

Para apurar os fatos da reportagem *Dez dias num hospício*, de 1887, a jornalista estadunidense Nellie Bly fingiu loucura para conseguir se infiltrar no manicômio da ilha de Blackwell, em Nova York. No texto, publicado em duas partes no jornal *New York World*, ela narra sua jornada da pauta ao hospício e conta o que testemunhou lá dentro. Nesse processo discursivo, ela mobiliza sentidos sobre sua experiência e qualidades enquanto repórter, bem como sobre os valores do jornalismo que começavam a se firmar naquele período.

No final do século XIX, o número de mulheres nas redações americanas começava a se tornar mais expressivo. Bly é considerada uma das mais conhecidas *stunt reporters*<sup>1</sup>, mulheres jornalistas que ganharam reputação por produzirem reportagens usando o artifício do disfarce – ocultando sua identidade ou criando outra para apurarem os fatos, geralmente em ambientes de difícil acesso.

Foi nesse período que o jornalismo, como o conhecemos hoje, nascia. A imprensa passou por uma revolução no século XIX nos Estados Unidos, com a ascensão da *penny press* e o triunfo dos fatos sobre as opiniões. Ali surgiram técnicas de apuração que depois foram disseminadas, a profissionalização se estabeleceu e valores relativos à figura do repórter se consolidaram. Embora tenham tido importante papel

---

<sup>1</sup> Em alguns trechos do texto, optamos por utilizar o termo *stunt reporters* ou *stunt girls* no original em inglês porque a tradução “repórteres de disfarce” não explicita o caráter de gênero que é associado ao termo e a essa fase do jornalismo estadunidense.

nessa história, as *stunt reporters* no geral, e a carreira de Nellie Bly em particular, ainda são pouco pesquisados, em especial no Brasil.

A escolha de *Dez dias num hospício* como objeto empírico desta monografia é, também, fruto do meu interesse em reportagens em profundidade e na produção jornalística sob a perspectiva do repórter, bem como do meu desejo de estudar temas da psicologia. O interesse pessoal que tenho pela pesquisa se cruza com a validade social que reconheço na temática. A partir da busca por trabalhos que tivessem como foco a produção jornalística de Nellie Bly e/ou o livro *Dez dias num hospício* nos repositórios da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; nos anais da Intercom; nos anais da SBPJOR; no Lume, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e no Pantheon, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sem limitação temporal, foram encontrados apenas dois trabalhos<sup>2</sup>. A monografia de Audryn Conceição (2019) aborda o status de personagem de Bly no livro. Natália Queiroz (2013a; 2013b) analisou 11 reportagens de Bly a fim de recuperar as contribuições dela à história do jornalismo. Há uma produção historiográfica sobre este período da imprensa, mas a vinculação aos trabalhos de Bly ou das *stunt girls* no geral ainda é rara, embora as consequências dessa época tenham ecoado no desenvolvimento da imprensa de diversos países, inclusive a brasileira.

Algumas **questões de pesquisa** guiaram o nosso olhar sobre o objeto: como a repórter fala de si mesma e que atributos mobiliza para construir sua imagem diante do leitor?, ao falar sobre o jornalismo ou sobre outros jornalistas, que atributos a narradora coloca em destaque para que o leitor também a veja como parte daquele grupo?, como ela descreve os procedimentos de seu trabalho como repórter e que valores profissionais os sustentam?, que dilemas éticos estão presentes no discurso da narradora ao atuar sob disfarce?

A partir dessas questões, definimos o **objetivo geral** desta pesquisa: compreender a imagem de si construída pela jornalista Nellie Bly na reportagem em primeira pessoa *Dez dias num hospício*, identificando as dimensões do ethos discursivo da mulher repórter e problematizando os valores do jornalismo do final do século XIX. Os **objetivos específicos** são: a) reconhecer os aspectos da imagem de si valorizados pela narradora como repórter e como mulher; b) mapear os sentidos presentes no

---

<sup>2</sup> Consideramos apenas trabalhos que trazem “Nellie Bly” ou “Dez dias num hospício” no título.

discurso sobre o jornalismo e os jornalistas; c) identificar os valores da profissão que começam a se constituir naquele momento e ainda permanecem vigentes.

Apostamos na Análise do Discurso de linha francesa como metodologia produtiva para este trabalho. Com o conceito de *ethos*, de Maingueneau (2013; 2014; 2020), podemos analisar as imagens de si que Nellie Bly vai tecendo em *Dez dias num hospício*, buscar as marcas discursivas da repórter sobre si e sobre sua comunidade profissional. Assim, conseguimos partir do universo particular do discurso de Nellie Bly para a paisagem mais ampla de valores que se consolidavam no jornalismo da época.

A monografia está estruturada em cinco capítulos. Descrevemos o contexto de desenvolvimento da imprensa nos Estados Unidos e, especialmente, em Nova York no século XIX, no segundo capítulo, com fundamentação em Schudson (2010) e Traquina (2004). Também discorreremos sobre o histórico do uso da técnica do disfarce e sobre a inserção das mulheres nas redações estadunidenses nessa seção.

No terceiro capítulo, abordamos o caráter testemunhal da reportagem. Articulamos o conceito de *ethos*, segundo Maingueneau (2013; 2014; 2020), às teorias sobre o narrador protagonista para dar base à análise sobre a imagem de si produzida pela repórter no texto em primeira pessoa.

O quarto capítulo trata do objeto empírico. Inicialmente, narramos a biografia de Nellie Bly, cobrindo os principais fatos da sua carreira jornalística, alicerçados na biografia produzida por Kroeger (1994). Depois, apresentamos uma síntese da reportagem em duas partes que compõem o livro *Dez dias num hospício*.

No quinto capítulo, introduzimos conceitos da Análise de Discurso pertinentes ao objeto do trabalho, a partir de Benetti (2007; 2016) e Orlandi (2001). Elencamos as especificidades do objeto e as etapas da análise. Após, detalhamos a análise dos sentidos do *ethos de repórter* enunciados por Nellie Bly na reportagem. Por fim, comentamos sobre o processo de pesquisa e as interpretações e reflexões geradas por ele nas considerações finais.

## 2 O JORNALISMO ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XIX

Nellie Bly, jornalista cujo trabalho iremos debater, publica sua primeira reportagem no jornal *New York World* em outubro de 1887. Descrever o contexto da imprensa estadunidense do século XIX é tarefa importante para esta pesquisa, não apenas para identificar o cenário em que Bly se insere, mas também – e especialmente – porque é neste período que muitas noções do campo jornalístico tomam forma. A própria definição do que são notícia e reportagem, a emergente identidade profissional do repórter e os valores da profissão são frutos da chamada “revolução” na imprensa que ocorreu nos Estados Unidos do século XIX.

### 2.1 A penny press e a revolução na imprensa americana

A derrocada dos Estados autoritários e a conquista de direitos civis fundamentais em diversos países, durante o século XVIII, criam as circunstâncias históricas para o fortalecimento do papel da imprensa. A defesa da liberdade de expressão como um direito fundamental faz com que o jornalismo tenha seu livre exercício assegurado por constituições – nos Estados Unidos, a Primeira Emenda à Constituição, de 1791, impedia o Congresso de aprovar leis que prejudicassem a liberdade de imprensa ou de expressão (Goldstein, 2008). A legitimidade da imprensa começa a ser construída, então, pela relação com o novo modelo de governo que se estabelece: a democracia. A teoria democrática marca o jornalismo com um papel duplo: o de vigiar o poder político, protegendo os cidadãos de eventuais abusos – daí ser considerado o “quarto poder”<sup>3</sup> –, e o de fornecer informações que possibilitem a atuação cívica do público (Traquina, 2004).

Da herança de uma imprensa profundamente associada a causas políticas para um jornalismo que atua como fiscalizador dos governos, há um longo caminho de

---

<sup>3</sup> O termo “quarto poder” ou “quarto estado” surge na década de 1820, em referência à presença de jornalistas nas galerias do Parlamento da Inglaterra – ao lado do clero, da nobreza e do próprio grupo de parlamentares que seriam representantes do povo (Traquina, 2004). No contexto democrático contemporâneo, o jornalismo seria o quarto em relação aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A noção de quarto poder supõe que o jornalismo seria um porta-voz das queixas dos cidadãos e um vigilante atento que denunciaria as injustiças cometidas por governantes e pelo Estado. A definição da imprensa como “contrapoder” é similar e encontra vários exemplos na atualidade – é o caso do jornalismo investigativo ou de denúncia.

transformações sociais que se desdobram no século XIX. O jornal, em si, não é uma invenção deste período. A grande mudança do século XIX está relacionada à independência da imprensa de políticos e, em consequência, à expansão de jornais e à alteração do perfil editorial dos periódicos. Esta “revolução”, que ocorre a partir dos anos 1830, é calcada em dois processos fundamentais: o aumento da comercialização dos jornais e a profissionalização dos jornalistas.

No começo do século, predominava uma visão negativa e crítica da imprensa, devido à associação dos jornais com a propaganda política. Políticos e partidos eram os principais financiadores da imprensa. Do início ao fim do século XIX, nos Estados Unidos, cai de 43% para 16% o número de jornais abertamente partidários (Dooley, 1997<sup>4</sup> apud Traquina, 2004). De acordo com Schudson (2010), nos anos 1820 predominavam os semanários. Os jornais diários eram mais comuns em cidades litorâneas e se dedicavam principalmente a relatar o que acontecia nos portos. No geral, as redações eram compostas por uma só pessoa, que desempenhava os papéis de editor, gerente, impressor e repórter – isso se houvesse textos semelhantes a reportagens no jornal, o que não era típico. Os diários tinham quatro páginas, com a primeira e a última dedicadas a anúncios. Os poucos artigos políticos não se diferenciavam dos editoriais – ambos representavam posições políticas do editor ou de seu partido.

A maioria dos jornais custava seis centavos por edição, e a compra avulsa ainda não existia. O preço alto – à época, o salário médio diário para trabalhadores urbanos era menor que 85 centavos – e a venda por assinaturas restringia o acesso do público. A circulação dos periódicos ocorria basicamente nas elites comerciais e políticas. Para que fosse possível se desvencilhar da subordinação a políticos, era necessário que existissem novas formas de financiamento. Assim, a independência da imprensa se consolida a partir da década de 1830, com a associação à publicidade e com o aumento da circulação, possibilitado pela criação de uma nova mercadoria: a notícia.

Os jornais que rompem com a dependência política e marcam a história da imprensa, se disseminando nos novos centros urbanos, ficam conhecidos como *penny papers*. O nome se deve ao fato de que os novos periódicos reduziram o valor da edição para um centavo e adotaram a prática da venda avulsa dos jornais. O primeiro *penny paper* foi o *New York Sun*, que publicou sua primeira edição em 1833. Em poucos meses,

---

<sup>4</sup> DOOLEY, Patricia. **Taking their political place**. Westport: Greenwood Press, 1997.

já tinha a maior tiragem entre os jornais editados em Nova York. Em seguida, foram criados o *Evening Transcript* e o *New York Herald*. Além de diminuir os preços, os novos jornais aumentaram o número de páginas. Logo, a imprensa *penny* se expandiu para outras cidades urbanizadas, como Boston, Filadélfia e Baltimore (Schudson, 2010).

A evolução do sistema econômico, com a industrialização da sociedade e a ampliação da publicidade, a partir do aumento do número de armazéns e de marcas produzidas nacionalmente, forma um cenário favorável para que os jornais tornem-se financeiramente sustentáveis. “Até os anos de 1830, os jornais forneciam um serviço para partidos políticos e comerciantes; com a imprensa *penny*, um jornal vendia um produto ao leitor em geral, e vendia o leitor ao anunciante” (Schudson, 2010, p. 27). O registro da soma de investimentos publicitários nos Estados Unidos do final do século XIX é evidência do sucesso do modelo de negócios: de 1867 para 1900, o número passou de 50 milhões de dólares para 542 milhões (Solomon, 1994<sup>5</sup> apud Traquina, 2004).

Os novos jornais eram reflexo de mudanças políticas, sociais e tecnológicas. Durante os anos de 1830, os Estados Unidos viviam a chamada “Era Jacksoniana”, em referência a Andrew Jackson, presidente do país entre 1829 e 1837. De uma república mercantilista liberal com valores aristocráticos, as transformações políticas levaram o país para uma sociedade democrática de mercado. No campo ideológico, os valores passaram a ser os do capital, do individualismo e da corrida por interesses pessoais. O novo sistema partidário ampliou a escolha dos eleitores presidenciais a partir do voto popular – na época, o voto era um direito reservado a homens brancos.

O caráter “igualitário” desse período estava mais relacionado à redução da distância entre velhas elites e novos ricos do que à existência de uma efetiva igualdade entre diferentes classes ou grupos sociais. Na imprensa e na sociedade que se formava, as mudanças da década de 1830 eram fruto de uma renovação própria da classe média. “As qualidades contemporâneas admiradas ou detestadas nesses jornais – relativa independência partidária, preço baixo, intensa circulação, ênfase sobre a notícia, atualidade, sensacionalismo – têm a ver com o surgimento de uma classe média urbana” (Schudson, 2010, p. 64).

---

<sup>5</sup> SOLOMON, William. A study in contrasts: the ideology and reality of newsroom work in the late 19th century. *Anais*. Congresso da Association for Education in Journalism and Mass Communication, 1994.



Quanto às tecnologias, o desenvolvimento de técnicas mais modernas para as prensas, primeiro com os prelos de Koenig e depois com as rotativas de Marioni, junto de novas técnicas de fabricação do papel, garantiram a possibilidade de tiragens maiores para os novos jornais. Ao longo do século, o uso cada vez mais comum do telégrafo permitiu o estabelecimento das agências internacionais e a globalização da notícia – influenciando também a linguagem, que se tornava mais homogeneizada e enxuta, e a recém-criada identidade profissional dos jornalistas, logo intimamente relacionada à noção de imediatismo. A disseminação de meios de transporte ferroviários e canais de navegação foram outras condições que contribuíram para a circulação e barateamento dos jornais.

“Nos Estados Unidos, o número de jornais publicados a nível nacional duplicou entre 1830 e 1840. Enquanto a população aumentou 33 por cento, a circulação dos jornais aumentou 187 por cento (Schiller, 1979<sup>6</sup>: 46)” (Traquina, 2004, p. 29). Um fator fundamental para o aumento da circulação foi o crescimento de um público, em alguma medida, letrado. Para Schudson (2010), não há uma relação diretamente causal entre o aumento do letramento e o crescimento dos jornais. É fato que a escolarização em massa ganhou força no século XIX, com a instituição de escolas públicas, mas os registros quanto ao analfabetismo da época não constituem uma fonte sólida para afirmar a extensão da alfabetização no país. Assim, o autor defende que é provável que a alfabetização seja tanto um resultado quanto uma causa do desenvolvimento da imprensa.

Na medida em que o público deixa de ser apenas uma elite educada e se generaliza, os *penny papers* empregam novas estratégias para conquistar esses leitores. A maioria dos jornais desse período declarava independência política, seja assumindo posições de “neutralidade” ou simplesmente evitando notícias sobre política. Com o tempo, o escopo editorial de cobertura dos *penny papers* muda e se expande, e os acontecimentos que se tornam notícias vão desde o judiciário até a política nacional. Segundo Schudson (2010, p. 34), “pela primeira vez, eles divulgaram relatos policiais, dos tribunais, das ruas e da vida privada”. O cotidiano dos cidadãos comuns passa a fazer parte das páginas da imprensa.

---

<sup>6</sup> SCHILLER, Dan. An historical approach to objectivity and professionalism in American news reporting. *Journal of Communication*, v. 9, n. 4, 1979.

É também com essa ampliação de público e a ideia de fornecer um serviço à população que se consolida o conceito de notícia, não só como mercadoria mas como o domínio de uma classe profissional específica, que começa a criar uma identidade compartilhada. A noção de notícia vai dar base para o movimento de “culto aos fatos” que predominou nos séculos XIX e XX.

Durante o século XIX, sobretudo com a criação de um novo jornalismo – a chamada *penny press* – os jornais são encarados como um negócio que pode render lucros, apontando como objetivo fundamental o aumento das tiragens. Com o objetivo de fornecer informação, e não propaganda, os jornais oferecem um novo produto – as notícias, baseadas nos “fatos” e não nas “opiniões” (Traquina, 2004, p. 29).

Privilegiar fatos em vez de opiniões é uma consequência da ruptura com o financiamento político empreendida pela *penny press*. O predomínio da notícia marca, também, o declínio dos editoriais. Não significa que os editoriais deixassem de ser publicados, mas que cada vez mais há uma demarcação de diferença entre o que era considerado um fato e uma opinião nos jornais. Ainda de acordo com Schudson (2010), um sinal dos efeitos dessa transição pode ser visto no final do século XIX com as diferentes posições em relação ao editorial. Joseph Pulitzer, do *New York World*, mantinha a página editorial, mas Adolph Ochs, que assumiu o *New York Times* em 1896, desprezava a seção de opinião. Mas um fator que pesava na manutenção da página editorial era o caráter de credibilidade que ela fornecia às notícias publicadas, na medida em que servia de evidência impressa da distinção entre notícias e opiniões do jornal.

No entanto, este não foi um processo que se deu de uma só vez. No *New York Herald* dos anos 1850, a primeira página ainda trazia colunas de publicidade e, por vezes, de ficção. Um fenômeno particular era o trote (no inglês, *hoax*), em que jornais publicavam narrativas de ficção como se fossem notícias (Schudson, 2010).

O sucesso de um jornal, já a partir dos anos 1830, passa a depender de conseguir as notícias. Com um negócio lucrativo em mãos, os editores poderiam agora contratar mais profissionais, tornando o jornalismo uma ocupação integral, com uma moral específica e certo status. A divisão do trabalho é uma marca deste período – agora, não predominam mais os “jornais de um homem só”, mas as redações com divisão de funções. Antes, era comum que os correspondentes fossem políticos que

escreviam sobre os acontecimentos para os jornais de suas cidades natais, por exemplo.

A partir da ideologia comercial da *penny press*, surge a notícia, a noção de reportagem, e se consolida a figura de um repórter, porque os jornais não podem apenas noticiar, mas precisam ir atrás das notícias. “No jornalismo apareceu também, de uma forma crescente, uma nova figura que iria ocupar um lugar mítico e mesmo romântico na profissão emergente: o repórter” (Traquina, 2004, p. 42).

Uma figura que serve de exemplo do surgimento da reportagem, e do repórter, é o jornalista James Gordon Bennett, que, antes de fundar o jornal *New York Herald* em 1835, foi correspondente político para o *New York Enquirer*. Sua cobertura inaugurou um tipo de reportagem, que, embora fosse um tanto sensacionalista, compreendia o relato dos fatos com um estilo próprio (Tucher, 2008). A especialização e profissionalização se intensificam na segunda metade do século XIX. Em vez de políticos, agora correspondentes especiais e correspondentes de guerra surgem no campo profissional.

A Guerra Civil dos Estados Unidos, que ocorreu de 1861 a 1865, concentrou diversos marcos desse novo paradigma na imprensa. Foi um dos primeiros conflitos a ter cobertura jornalística ostensiva, e o trabalho dos correspondentes tornou a informação sobre a guerra mais acessível, aproximando-a do público. O conflito entre os estados do Sul e do Norte do país tornou o jornalismo mais importante para as pessoas comuns, que queriam receber notícias sobre seus familiares, envolvidos nos embates. Aqui, os jornais também se tornam documentos de testemunho histórico (Schudson, 2010).

Várias inovações técnicas na prática jornalística têm origem ou se intensificam nos anos da Guerra Civil, e técnicas já aplicadas passam a ser mais usadas. Os jornalistas começam a incluir a descrição de testemunhas e cenários em seus textos e a entrevistar pessoas para obter os fatos. Há uma disputa histórica em torno de qual foi a primeira entrevista do jornalismo estadunidense, mas sabe-se que ela se tornou uma atividade comum depois da Guerra. Além disso, os profissionais começam a recorrer a fontes múltiplas para montar uma notícia ou reportagem e a utilizar testemunhas oculares (Traquina, 2004).

Em meados do século XIX, surgem também o lide e a pirâmide invertida, que padronizam as notícias. Agora, além de selecionar o que é ou não notícia e relatar os

fatos ao público, os jornalistas tomam como sua responsabilidade indicar o que há de mais importante em cada acontecimento. A competência de hierarquizar os fatos confere à identidade profissional um status de “perito” (Traquina, 2004). O despontar de uma identidade profissional mais sólida se relaciona com a constituição de um campo jornalístico específico. Segundo Traquina (2004), o campo jornalístico que surge nesse tempo implica no desenvolvimento de dois polos: um intelectual, relacionado à profissionalização de jornalistas, à definição dos valores da profissão e de um papel social da informação – no formato de notícias – para a democracia; e um polo econômico, efeito da criação da notícia enquanto produto que move um negócio.

É a consolidação do campo que abre espaço para que os profissionais reiviniquem um “monopólio de saber”. Os jornalistas começam a tentar diferenciar a sua ocupação das outras e a constituir o jornalismo enquanto profissão especializada, à qual cabe a competência para definir o que é notícia, hierarquizar os fatos e indicar aos leitores o que importa saber sobre a sociedade. Apesar disso, durante grande parte do século XIX, o jornalismo não foi considerado uma profissão estrita. A profissionalização levou à demanda de criação de cursos universitários e à invenção de uma carteira internacional de identidade – uma resposta artificial para a pergunta “quem verdadeiramente é jornalista?”.

Mesmo com a posterior criação de cursos universitários, a noção da reportagem seguiu muito ligada a valores instintivos.

E o saber ligado à afirmação da capacidade de distinguir o que é notícia, definido por Ericson, Baranek e Chan<sup>7</sup> (1987) como o “saber de reconhecimento”, está identificado com uma conceitualização que liga este saber ao instintivo, e não ao teórico: o jornalista sabe o que é notícia porque tem “faro para a notícia”, ou, na gíria do jornalismo norte-americano, tem “um nariz para as notícias (Traquina, 2004, p. 91).

Outro fator que serve para demarcar uma profissão é a existência de códigos deontológicos próprios, o que já começa a tomar forma no século XIX, mas só vai se estabelecer de fato no século seguinte. Práticas para conseguir furos jornalísticos, como esconder testemunhas da polícia ou da concorrência, e mesmo o jornalismo de disfarce, eram consideradas em alguma medida falhas éticas, mas eram também comuns (Traquina, 2004).

---

<sup>7</sup> ERICSON, Richard; BARANEK, Patricia; CHAN, Janet. **Visualizing deviance: a study of news organization**. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

Nas décadas após a Guerra Civil, a reportagem começa a ser uma atividade melhor recompensada. O status de um diploma universitário em jornalismo era indicativo do novo status do repórter (Schudson, 2010).

## 2.2 O repórter do final do século XIX

“Como a notícia era mais ou menos ‘inventada’ nos anos de 1830, o repórter foi uma invenção social dos anos de 1880 e 1890” (Schudson, 2010, p. 81). O repórter que surgiu no meio do século ambicionava representar a realidade de forma fiel. No campo científico, reinava o positivismo, e o momento histórico era de distanciamento entre fatos e valores. Na literatura, o movimento era de incentivo a obras realistas. Assim, o ideal jornalístico desse período é de um espelho da realidade – o emprego da técnica de estenografia e, posteriormente, da fotografia, reforçam essa noção durante o século XIX.

De acordo com Schudson<sup>8</sup> (apud Traquina, 2004), a partir de uma análise dos “Discursos à Nação” do presidente estadunidense, de 1790 a 1850, a principal técnica usada nesses relatos nos jornais é a estenografia, reproduzindo as declarações na ordem em que foram proferidas. Já na segunda metade do século XIX, o formato mais utilizado pelos jornalistas passa a ser o comentário sobre o acontecimento. A partir de 1900, a pirâmide invertida predomina.

“A caça hábil dos fatos dava ao repórter a categoria comparável à do cientista, do explorador e do historiador. Posteriormente, iria emergir uma nova forma jornalística baseada num trabalho exaustivo dos fatos: o jornalismo de investigação” (Traquina, 2004, p. 43). As circunstâncias originárias do jornalismo investigativo são as mesmas de outra prática, que se tornaria ferramenta para as reportagens de Nellie Bly: o jornalismo de disfarce<sup>9</sup>. Correspondentes do Norte dos Estados Unidos já ocultavam

---

<sup>8</sup> SCHUDSON, Michael. The politics of narrative form: the emergence of news conventions in print and television. *Daedalus*, v. 111, n. 4, 1982.

<sup>9</sup> Para o pesquisador Solano Nascimento (2010), recentemente a definição de jornalismo investigativo tem se tornado mais imprecisa. Isso porque trabalhos jornalísticos que tratam de investigações feitas por outras pessoas – como órgãos públicos ou policiais – se tornaram comuns e muitas vezes são tratados como “investigativos”. Assim, ele propõe uma tipologia que distingue esse “jornalismo sobre investigações”, que relata o resultado de investigações feitas por outros agentes, e o “jornalismo investigativo”, que implica um trabalho ativo de apuração do repórter. O jornalismo de disfarce que se apresenta na época de Nellie Bly pode, nesse sentido, ser considerado precursor do jornalismo investigativo pelo caráter de envolvimento direto do repórter na apuração.

propositalmente sua identidade durante a Guerra Civil, para conseguir obter notícias do outro lado do front.

Apesar da predominância do culto aos fatos, os repórteres do final do século XIX não são devotos à precisão. Eles estão tomados por uma autonomia e criatividade maiores do que no início da *penny press*. Cresce uma preocupação com que se retrate o mundo de forma imparcial, mas este é sobretudo um desejo de editores com a finalidade de conquistar leitores. O objetivo do repórter à época era “tanto entreter quanto informar” (Schudson, 2010, p. 79). Após a Guerra Civil, os jornalistas começam a receber salários melhores, e a instituição da reportagem garante um aumento do prestígio da profissão. A reportagem se torna uma ocupação mais estável e os repórteres começam a perceber que têm uma influência sobre o público leitor.

Com o progresso da profissionalização do campo jornalístico, há um embate nas redações entre os velhos e os novos repórteres. A imagem do velho repórter é de um jornalista desprestigiado, um escritor que trabalha apenas com o intuito de ser pago. O jovem repórter, além de ambicioso, é um apaixonado pela profissão (Schudson, 2010).

Esse repórter apaixonado já não se filia totalmente à noção de realismo que era vigente no meio de século. “Os repórteres estavam tão ansiosos em mitificar seu trabalho quanto o público em ler suas aventuras”, explica Schudson (2010, p. 86). Mais que buscar os fatos e noticiá-los, é acrescentada à função do repórter entreter seu público leitor. Isso parte também da competição dos editores e proprietários de jornal por maior circulação, mas o desejo de contar histórias interessantes e criar um estilo distinto de escrita era uma preocupação dos jornalistas. Contudo, não era raro que editores e repórteres entrassem em conflito sobre a factualidade e o estilo dos textos. É preciso lembrar que a noção de “objetividade jornalística”, como a conhecemos hoje, ainda não existia.

O cenário do final do século nas redações é o de um casamento entre fatos e estilo. Ao contar sobre sua entrada no *New York World* em 1896, o jornalista Theodore Dreiser relata que os cartazes nas paredes da redação serviam de lembretes dessa junção do pitoresco e criativo ao preciso e direto: “Precisão, precisão, precisão!” e “Os fatos – o tom – os fatos!” (Schudson, 2010). Normas deontológicas começam a surgir nesse período, mas nada é realmente estruturado e organizado até o século XX. Nesta mistura, então, é claro que surgiam debates e desvios sobre o que era considerado aceitável. O autor exemplifica o cenário com a menção a um guia para jovens

jornalistas, de 1894, escrito por Edwin L. Shuman<sup>10</sup>. Neste guia, Shuman defendia que o repórter fosse livre para usar a imaginação e criar imagens que não havia visto ou sobre as quais não havia testemunho direto. Ao mesmo tempo, o autor reconhecia que isso era uma adulteração – mas uma violação “aceitável”, já que praticada em todos os jornais.

Os editores de cidade, por sua vez, tinham que olhar em duas direções: ensinar os repórteres a obter a notícia e registrá-la com exatidão e verve, e satisfazer o proprietário do jornal, o que significava, no mínimo, manter o jornal livre de erros facilmente identificáveis e excessos que levariam à difamação, a embaraços ou a críticas da opinião pública endereçadas ao jornal. O editor de cidade bem poderia tentar “colorir” a notícia, mas estava propenso a exigir a factualidade em primeiro lugar (Schudson, 2010, p. 100).

O jornalista ideal do final de século observava as cidades e narrava a notícia com dramatização – ele não era um observador imparcial. Parte dos conflitos com os editores tinham base em uma reforçada identidade profissional que desvalorizava os editores como aqueles que não “sujavam as mãos” na apuração de um fato.

O pano de fundo das narrativas, a cidade, também desempenha importante papel no desenvolvimento desse perfil de jornalista. A urbanização foi um dos fatores que contribuíram para a criação e o sucesso da imprensa *penny*. Durante o século XIX, a cidade serviu tanto como o grande assunto das editorias quanto de propulsor para o desenvolvimento econômico dos jornais. Nessa época, as cidades que viriam a se tornar as grandes metrópoles do século seguinte estavam em pleno crescimento: Londres, Paris e Nova York. Em 1890, 28% da população dos Estados Unidos vivia em cidades. De 1890 para 1930, o número de pessoas que moram nas sete maiores cidades americanas cresce quase 300% (Chalaby, 1997<sup>11</sup> apud Traquina, 2004).

No que diz respeito ao conteúdo, uma característica particular e marcante da imprensa *penny* é a narrativa de “interesse humano”. Ainda se falava nos eventos da elite, mas começam a circular temas mais relacionados à vida do leitor de classe média e de sujeitos socialmente vulneráveis. Isso não significa abrir mão do tom espetacular – muitas vezes, questões de interesse humano viravam notícia justamente a partir de uma lógica do exótico (Schudson, 2010).

Entre narrar a recente urbanização e buscar conquistar mais leitores, os embates se estendiam entre as redações. O sensacionalismo era a grande ferramenta

---

<sup>10</sup> SHUMAN, Edwin L. **Steps into Journalism**. Evanston: Correspondence School of Journalism, 1894.

<sup>11</sup> CHALABY, Jean K. No ordinary press owners: press barons as Weberian ideal type. **European Journal of Communication**, v. 12, 1997.

de disputa. Os dois maiores jornais da época eram o *New York World*, que foi inaugurado em 1859 mas se tornou um fenômeno de vendas quando Joseph Pulitzer o adquiriu em 1883; e o *New York Journal*, criado em 1882 pelo irmão de Pulitzer mas alçado ao sucesso em 1895, quando William Randolph Hearst o comprou. Além do estilo próprio de cada repórter, os jornais tinham perfis particulares. Tanto o *World* quanto o *Journal* eram mais divertidos e voltados ao entretenimento, já o *New York Times*, especialmente a partir da gestão de Ochs, era factual e sério.

Do lado “de fora” da *penny press*, os jornais que mantiveram uma posição voltada para elites criticavam o “novo jornalismo” devido ao seu caráter sensacionalista. Isso se devia tanto ao formato de publicação dos textos quanto aos acontecimentos que se tornavam notícias. Schudson (2010) exemplifica: era comum que *penny papers* obtivessem transcrições literais de processos de julgamento e publicassem a íntegra nos jornais. Para a imprensa *six-penny*, não apenas a transcrição era imoral, mas a própria classificação de um assassinato enquanto notícia.

O *New York Herald*, de Bennett, é um exemplo do tipo de ataque moral que os *penny papers* sofriam e produziam nessa época. Bennett buscava uma posição intermediária para o *Herald*: o jornal tentava se diferenciar dos *six-penny* da elite, com um caráter vivo e empreendedor, mas também dos demais *penny papers*, com sua postura mais séria. Ele criou o artigo econômico e subiu o preço do jornal para dois centavos, já em 1836. O editorial do *Herald* criticava os outros *penny papers* por não terem conhecimento suficiente para gerir um negócio e tampouco familiaridade com a sociedade. Ele usava o fato de serem lidos por pessoas negras também como um fator para classificá-los como inferiores. Por outro lado, jornais como o *New York Tribune* e o *New York Times* criticavam o *Herald*. Já a imprensa de Wall Street, a *six penny*, declarava que o *Herald* era impróprio para “homens e mulheres de brio”, o que sugeria certo sucesso do jornal entre o leitor de classe média (Schudson, 2010).

Se nos anos 1830 os jornais tradicionais atacaram a onda de novos *penny papers*, cunhando o termo “*yellow press*”<sup>12</sup> a partir da declaração de que, diferentemente dos jornais mais baratos, os *six-penny* “não sujavam a mesa do café da manhã”, um cenário de “guerra moral” na imprensa se estabelece novamente depois de 1880. Mais do que conflitos editoriais, as brigas dão vistas a um cenário de mudanças sociais.

---

<sup>12</sup> Em português, comumente chamado de “imprensa marrom”.



Suas guerras morais não eram tanto uma concorrência empresarial, mas um terrível conflito social, um conflito de classes em que eles [*six-penny*] permaneciam na defensiva contra uma nova forma de existência no mundo, que nós inabilmente resumimos como “classe média”, e que era simbolizada e fortalecida pela ascensão da imprensa penny (Schudson, 2010, p. 72).

Entre os *penny papers*, Schudson (2010) distingue dois modelos de jornalismo vigentes neste período: o dos jornais filiados a um ideal literário, da narrativa (é o caso do *New York World* e do *New York Journal*); e os que seguiam um ideal da informação (como o *New York Times*). Em meio a distintos perfis e à concorrência por leitores – e na corrida pelo estabelecimento de um padrão do que deveria ser o jornalismo bem-sucedido —, o *World*, o *Journal* e o *Times* se confrontavam no final do século.

O *New York World*, de Pulitzer, estava no centro dos conflitos. O jornal era o maior expoente do sensacionalismo típico da *penny press* e registrava também os maiores números de circulação. Em 1883, quando Pulitzer adquiriu o periódico, a circulação diária era de pouco mais de 22 mil exemplares. Em 1885, já tinha atingido a marca de 120 mil exemplares diários. Pulitzer era húngaro, filho de judeus, e havia emigrado em 1864 para lutar na Guerra Civil. Durante sua vida como editor, dizia se colocar ao lado dos pobres e dos imigrantes. O *World* tinha um interesse profundo nas classes mais baixas, colocando o foco noticioso sobre as condições de vida dos imigrantes e sobre os direitos dos trabalhadores.

Nova York, durante o século XIX, era uma cidade de imigrantes. “A população estrangeira de Nova York subiu de 479 mil, em 1880, para 640 mil, em 1890, o que representava, naquele tempo, 40% da população total da cidade” (Juergens, 1966<sup>13</sup> apud Schudson, 2010, p. 117). O *World* servia, para os recém-chegados, como um guia para viver nesses centros urbanos. O jornal fazia campanhas de caridade e ajudou inclusive a arrecadar dinheiro para garantir que a Estátua da Liberdade fosse colocada em Nova York – um dos grandes símbolos do ideal do imigrante para os Estados Unidos. Pulitzer investe na ilustração e em uma linguagem simples e títulos exagerados, o que aumenta o potencial do *World* entre os imigrantes e as classes menos favorecidas. Outro investimento são as edições dominicais, produzidas ao estilo de revistas, unindo informação e descrição e valorizando a função de entretenimento que

---

<sup>13</sup> JUERGENS, George. **Joseph Pulitzer and the New York World**. Princeton: Princeton University Press, 1966.

predominava no final do século. “Ler o *World* se tornou uma aventura, um entretenimento, uma destinação” (Evensen, 2008, p. 429, tradução minha<sup>14</sup>).

Em 1887, quando o *World* perdia em circulação, Pulitzer foi propulsor do que viria a se tornar uma tendência: o jornalismo de disfarce. Com a publicação das reportagens em que Nellie Bly se infiltrava em um manicômio para denunciar as pobres condições das internas, Pulitzer ao mesmo tempo lançou Bly para uma carreira de sucesso e reconquistou o público. Grande parte do sensacionalismo da época era autopromoção. Pulitzer não só se vangloriava das tiragens nas próprias colunas do jornal, mas também lançava mão das mais variadas estratégias para chamar atenção do público.

Em 1889, ele aproveitou a fama já consolidada de Nellie Bly e a enviou em uma missão: dar uma volta ao mundo e publicar relatos semanais. O jornal incentivou os leitores a apostarem qual seria a duração da viagem de Bly, e, quando ela retornou a Nova York, milhares se reuniram para recebê-la. Em 1892, a circulação de 375 mil edições diárias do *World* já era a maior do país (Evensen, 2008).

O *New York Times*, especialmente a partir da gestão de Ochs, foi o grande exemplo do jornalismo de informação. “O *World* pode ter definido o ritmo do jornalismo moderno de grande circulação, mas, após 1896, o *New York Times* foi quem estabeleceu o padrão” (Schudson, 2010, p. 127). O *Times* focou em publicações econômicas, expandindo a reportagem financeira. Assim, angariava um público mais reduzido, mas mais endinheirado. A estratégia do jornal foi assumir uma postura factual, já que não podia concorrer em circulação com *penny papers* como o *World* e o *Journal*. Assim, o *Times* participava das guerras morais contra o jornalismo mais popular – o jornal também se promovia com o slogan “este não mancha a toalha do café da manhã”, em referência ao *yellow journalism* dos *penny papers*<sup>15</sup>. Existia uma dimensão moral na leitura dos jornais, e o *Times* se adaptava à experiência de vida de pessoas mais estabelecidas, alinhando-se a uma ideia de que era aprovado e respeitável justamente por ser lido por classes mais ricas.

Os grandes embates do fim do século, no entanto, se deram entre o *New York World* e o *New York Journal*. William Randolph Hearst adquiriu o *Journal* em 1895. O

---

<sup>14</sup> No original: “Reading the *World* became an adventure, an entertainment, a destination”. Todas as traduções de citações são de minha responsabilidade.

<sup>15</sup> O termo também pode fazer uma alusão ao *New York World* começar a usar tinta amarela na impressão da tirinha em quadrinhos *Hogan's Alley*, cujo personagem principal era chamado de *The Yellow Kid* (Burt, 2008).

jornal havia pertencido ao irmão de Pulitzer, mas enfrentava uma crise financeira neste período. Hearst tinha estudado as estratégias sensacionalistas de Pulitzer e as aplicou no *San Francisco Examiner*, jornal que pertencia ao seu pai. Apesar de não render retorno financeiro, as práticas aumentaram a circulação do periódico. Mais uma vez, Hearst aplicou as técnicas de Pulitzer, seduziu editores do próprio *World* com promessas de salários mais altos e pagou escritores com valores acima da média da época. Também reduziu o preço do *Journal*, e a circulação subiu de 20 mil exemplares diários para 150 mil (Morris, 2008).

A presença de Hearst não passou despercebida a Pulitzer, e a década de 1890 foi marcada pela competição entre os dois jornais. O clímax ocorreu em 1898, quando um navio americano explodiu no porto de Havana, em Cuba, matando 260 homens. Os esforços de reportagens de Pulitzer e Hearst cresciam a cada publicação, com cada vez mais sensacionalismo, notícias exageradas e até mesmo falsas. Esse é o contexto da reportagem nas últimas décadas do século XIX, em que atua a jornalista que nos interessa, Nellie Bly.

### 2.2.1 A técnica do disfarce

A noção de reportagem de disfarce<sup>16</sup> considera as diferentes maneiras com que um repórter pode ocultar sua profissão e sua real intenção. Em alguns casos, o repórter se apresenta com sua própria identidade, mas como um cidadão comum em vez de revelar que está apurando fatos para uma reportagem; em outras situações, o repórter cria uma identidade falsa, chegando até a forjar documentos, por exemplo. Diferentemente do que alega Traquina<sup>17</sup> (2004), as reportagens de *Dez dias num hospício* não foram os textos inaugurais do gênero de jornalismo de disfarce. No livro *Undercover reporting: the truth about deception* (2012), a biógrafa de Bly, Brooke Kroeger, trata de importantes nomes desse gênero nos Estados Unidos. Segundo ela, a técnica começou a ser empregada antes mesmo de 1850.

O modelo de disfarce que Bly utiliza nas reportagens de *Dez dias num hospício* tem origem em uma prática de correspondentes do Norte dos Estados Unidos que,

<sup>16</sup> Em inglês, o termo utilizado é “undercover journalism”.

<sup>17</sup> “O primeiro artigo deste tipo [jornalismo de disfarce] foi publicado no jornal de Joseph Pulitzer, *New York World*, com o título ‘Inside the madhouse’, e era uma reportagem sobre um hospício” (Traquina, 2004, p. 59).

durante a Guerra Civil, precisavam viajar disfarçados para o Sul do país, a fim de garantir sua segurança (Traquina, 2004). No jornal *New York Tribune*, comandado por Horace Greeley e de caráter abolicionista (Clark, 2008), também era costume que os repórteres usassem pseudônimos ou que as reportagens fossem publicadas sem assinatura, como medida de segurança, ao longo da Guerra Civil. Apesar da prática ainda não receber o nome de jornalismo de disfarce, já havia casos em que os jornalistas assumiam empregos no Sul para ganhar a confiança dos moradores, enviavam seus textos para endereços de fachada – como bancos ou firmas comerciais, que depois encaminhavam a correspondência à redação – e escreviam em código (Kroeger, 2012).

Uma das primeiras reportagens de disfarce que ganhou destaque nos Estados Unidos foi publicada antes do início da guerra civil. O repórter Mortimer Thomson, do *Tribune*, fingiu ser um comprador de pessoas escravizadas para escrever sobre um leilão que aconteceria em Savannah, cidade da Geórgia. Thomson já havia utilizado a técnica de disfarce em outros textos: ele produziu uma série de reportagens fingindo ser um cliente comum e visitando astrólogas e cartomantes com o objetivo de exibir fraudes<sup>18</sup>. O repórter era mais conhecido ainda por seus textos de humor, em que também usava o disfarce como recurso narrativo – bem como insultos racistas, vale dizer.

A reportagem sobre o leilão de pessoas escravizadas na propriedade da família Butler foi publicada em 1859, e diversos jornais, inclusive periódicos da Grã-Bretanha, a reproduziram. De acordo com uma repercussão no *New York Times* à época, o texto havia “fotografado” o sistema escravista perfeitamente. Depois, o artigo chegou a ser impresso como panfleto de grupos abolicionistas e saiu como livro em Londres – mas o livro recebeu a assinatura de Greeley, em vez da de Thomson, e trazia um título ilustrações racistas<sup>19</sup>. O repórter recebeu também críticas, sendo chamado de espião e acusado de deturpação e falsidade por jornais do município sulista.

De forma geral, o texto de Thomson serve para exemplificar alguns dos problemas que eram comuns a reportagens de disfarce nesse período e em anos

---

<sup>18</sup> Bly escreveria uma reportagem com uma proposta bastante similar para o *World*, em 1895, quando consultou, sem revelar sua identidade, um vidente em Nova York. A matéria foi intitulada “Abdullah the Mind Reader”.

<sup>19</sup> O texto de Thomson carregava preconceitos racistas, como a objetificação de pessoas negras e uso de estereótipos. O livro publicado em Londres, com o crédito dado a Greeley, foi intitulado “*Aunt Sally, come up! Or, the nigger sale*” (1859).

posteriores. Tendo como base apenas a observação e algumas anotações, Thomson cometeu erros factuais sobre os escravizados, e seu enquadramento é criticado por Kroeger (2012): mesmo ao tentar produzir um relato factual que desafiasse as visões do senso comum, Thomson inclui no texto noções estereotipadas e preconceituosas. “Eles [repórteres] não conseguiam escapar da sua própria moldura histórica, de sua posição enquanto observadores brancos do Norte do país” (Kroeger, 2012, p. 27)<sup>20</sup>.

É possível argumentar, claro, que mesmo repórteres que não utilizam o subterfúgio do disfarce jamais escapam de seu próprio enquadramento histórico – é a partir dessa preocupação que surgiria, na década de 1920, a noção de objetividade no jornalismo (Kovach; Rosenstiel, 2004; Schudson, 2010).

Quando o conceito [de objetividade] surgiu, não significava que os jornalistas estavam isentos de preconceitos. Muito pelo contrário. O termo começou a aparecer no contexto do jornalismo do último século, nomeadamente na década de 20 do século XX, a partir de um crescente reconhecimento de que os jornalistas tinham muitos preconceitos, embora muitas vezes inconscientes. A objetividade exigia que os jornalistas desenvolvessem um método consistente para testar a informação – uma abordagem transparente das provas –, precisamente para que os preconceitos pessoais e culturais não afetassem o rigor do seu trabalho (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 75).

A metáfora de que a reportagem de disfarce, em que o jornalista vivencia a situação denunciada ou descrita, seria como uma fotografia, exibindo os acontecimentos com um tom realista, é até hoje bastante comum. Moretzsohn (2007), porém, contesta essa percepção. Partindo da noção iluminista de esclarecimento como um propósito do jornalismo, a autora defende que o jornalismo não deve apenas exibir ou denunciar situações, mas interpretar os acontecimentos. Não basta, assim, “ver para compreender”, e o relato baseado no testemunho do repórter (que presenciou os acontecimentos) não é suficiente para esclarecer os leitores.

O artifício do disfarce, atualmente muito associado ao uso de câmeras ocultas, é relacionado com o objetivo de revelar crimes e transgressões. Na medida em que o disfarce permite acessar locais e informações que, supostamente, não poderiam ser alcançadas de outra maneira, a ideia de prestação de serviço e de responsabilidade com o interesse público é constantemente acionada, ainda hoje, como justificativa para a prática. O que Moretzsohn (2007) critica, e já era tema de opiniões negativas sobre as

---

<sup>20</sup> No texto original, “They could not escape their own historical framework, their position as white Northern observers”.

reportagens de disfarce iniciais, é que os relatos dos repórteres nunca são plenamente fiéis à realidade das pessoas vulnerabilizadas que eles desejam retratar. Em *Dez dias num hospício*, por mais que Bly tente demonstrar como é ser uma mulher louca internada em um manicômio, a garantia de que ela vai deixar o hospício em um período curto faz com que ela nunca “seja”, de fato, como as outras internas. A mesma crítica era feita a escritores que tentavam relatar a realidade de pessoas pobres a partir da reportagem de imersão, como Jack London: ele tentava contar como era viver naquelas condições, mas voltava para sua casa para comer, tomar banho e escrever (Kroeger, 2012).

Mais uma questão problemática é o debate quanto aos limites do disfarce. Especialmente em casos de denúncias de crimes e transgressões, o que seria ilícito de acordo com códigos éticos do jornalismo se torna permitido em nome do interesse público ou do bem comum, com a justificativa de denunciar algo que prejudica os cidadãos. Avaliar, no entanto, a importância de um acontecimento para o interesse público, de modo que justifique artifícios antiéticos ou que arriscam a vida do repórter, é um terreno subjetivo e ainda em discussão. Karam (1997) destaca que o complexo processo informativo não depende apenas dos jornalistas e que a noção de “interesse público” varia de acordo com o período histórico. Moretzsohn (2007) ainda menciona os riscos que o repórter corre e a falta de atribuição de responsabilidade à empresa jornalística – como o repórter da TV Globo Tim Lopes, que acabou sendo assassinado em 2002 por criminosos ao investigar, sob disfarce, casos de aliciamento de menores em uma comunidade no Rio de Janeiro.

Kovach e Rosenstiel (2004) destacam que, desde os primórdios do jornalismo, não basta escrever um relato a partir da experiência pessoal: é preciso que os outros reconheçam esse relato como fiável. A credibilidade é um fator central para qualquer gênero jornalístico. Por que os leitores se chocam e pedem mudanças a partir de reportagens de disfarce? Como sabem que o repórter realmente relatou o que viu e viveu no manicômio, na prisão ou na fábrica? Em resumo: o que leva alguém a crer no relato de um jornalista? Para os autores, não só a credibilidade, mas a própria essência do jornalismo depende de uma disciplina de verificação. Não existe um código deontológico universal que estabeleça como os jornalistas devem testar e fornecer a informação. Assim, a disciplina de verificação consiste nos métodos que cada jornalista ou grupo de jornalistas encontra e pratica no cotidiano. Vale procurar várias

testemunhas sobre um acontecimento, revelar no texto o que se sabe sobre as fontes, fazer checagem de fatos. “No fim das contas, a disciplina de verificação é o que separa o jornalismo do entretenimento, propaganda, ficção ou arte” (Kovach e Rosenstiel, 2004, p. 74).

Na época de Thomson, a estratégia para a credibilidade passa a ser incluir nos textos a explicação sobre quais artifícios foram usados e de que forma. Em alguns casos, editores do jornal adicionam textos de introdução às reportagens, destacando a confiança nos repórteres e em seu trabalho (Kroeger, 2012). A preocupação ainda não era exatamente ética, e a prática não era homogênea entre jornais, mas as justificativas serviam como forma de manter os leitores fiéis ao periódico. Essa estratégia está relacionada, no jornalismo contemporâneo, ao valor da transparência sobre os métodos e procedimentos utilizados.

Para Kovach e Rosenstiel (2004, p. 87), alguns critérios básicos podem ser estabelecidos para tomar a decisão de usar o disfarce ou não.

Será que podemos conciliar o princípio de evitar o engano e ser transparente com o público e as fontes com a utilização da técnica do disfarce? Acreditamos que a transparência e a honestidade para com as fontes não excluem a possibilidade de os jornalistas recorrerem à técnica do disfarce. Pelo contrário, sugerem que os jornalistas devem utilizar um teste idêntico aos princípios que justificam a desobediência civil para decidirem quando devem utilizar esta técnica. Os cidadãos também devem fazer este teste para avaliarem o que pensam sobre a utilização da técnica. O teste consiste em três etapas:

- 1) A informação deve ser suficientemente importante para o interesse público, de modo a justificar o engano;
- 2) Os jornalistas não devem utilizar a técnica do disfarce, a menos que não haja outra forma de obter a história;
- 3) Os jornalistas devem informar o público sempre que tiverem enganado as fontes para obter informações e explicar os motivos que os levaram a fazê-lo, incluindo a razão pela qual a história justifica o engano e por que razão esta era a única forma de chegar aos fatos.

Kroeger (2012) defende que o jornalismo de disfarce atende também a outros critérios estabelecidos por Kovach e Rosenstiel (2004): os propósitos principais do jornalismo. A autora acredita que, mesmo ao ocultar a sua identidade ou o propósito da apuração, repórteres conseguem cumprir a função de buscar a verdade, serem leais aos cidadãos, monitorar o poder e tornar fatos significativos interessantes e relevantes ao leitor.

Devemos lembrar, evidentemente, que nesta pesquisa estamos tratando do jornalismo do século XIX. É o tempo da criação do gênero reportagem, da invenção de

técnicas hoje consolidadas – como a entrevista, o registro literal das declarações e a organização narrativa dos acontecimentos por ordem de importância – e da instituição do jornalismo como uma profissão. Naquele momento não estavam em questão os problemas éticos do uso do disfarce na produção de reportagens, já que o jornalismo, como um campo teórico autônomo, se formaria apenas no século XX.

### 2.3 As mulheres nas redações norte-americanas

O padrão das notícias e as posições editoriais adotadas a partir da *penny press* indicam a prioridade dos jornais naquele período: aumentar a circulação, ampliando a base de leitores. O investimento de Pulitzer em ilustrações e em títulos diretos era um claro apelo direcionado aos imigrantes, que compunham parte significativa da população nova-iorquina. De diferentes maneiras, os jornais também passaram a empregar recursos para acenar a outro público leitor: as mulheres.

O foco nas mulheres enquanto possíveis leitoras está relacionado ao novo formato de financiamento dos jornais. Com a dependência cada vez maior de receitas publicitárias, em especial no final do século, as mulheres começam a ser um grupo atraente para os anunciantes. Muitas das lojas de departamento que compravam espaço publicitário nos jornais vendiam justamente produtos voltados para uso doméstico – logo, perseguiram o público feminino (Schudson, 2010).

Esse período também foi marcado por graduais avanços para as mulheres: a primeira onda do feminismo data do final do século XIX, com a ampliação de movimentos sociais e o fortalecimento da luta sufragista. Nos Estados Unidos, predominava um movimento liberal de reivindicação de direitos das mulheres e, na Europa, havia um incipiente feminismo socialista tomando forma (Queiroz, 2013b). Nesse início de século, já havia publicações próprias de mulheres feministas, socialistas e trabalhadoras – um exemplo é a a abolicionista Frances Wright, que começou a editar o jornal *Free Enquirer*, que debatia direitos iguais para mulheres, abolição da escravidão, mudanças nas leis de divórcio e contracepção em 1828 (Steiner, 2008). Mas para a imprensa tradicional, não são essas mudanças que fazem das mulheres sujeitos interessantes para os jornais. “O *status* do consumo e o consumo do *status*,



então – e não o *status* feminino – mostravam-se mais importantes do que nunca, e isso afetou os jornais” (Schudson, 2010, p. 28).

O apelo ao público feminino se estruturou em torno da criação de “páginas para mulheres”. Eram seções nos jornais que tratavam de temas como moda, questões domésticas e notícias da sociedade – o que, na época, significava publicar relatos sobre eventos e fofocas. Em 1844, Horace Greeley, do *New York Tribune*, contratou Margaret Fuller para escrever para o jornal, e mesmo sem uma página para mulheres consolidada, interessava indicar que a autoria era feminina: naquele período, a maioria das matérias não era assinada, mas os artigos de Fuller eram marcados de forma diferente, para que mulheres soubessem quem havia escrito o texto (Gottlieb, 2008).

O *World* foi um dos primeiros periódicos a adotar os artigos femininos nas edições diárias (Chambers; Steiner; Fleming, 2005). De acordo com Juergens<sup>21</sup> (apud Schudson, 2010), essa foi a saída de Pulitzer para responder à ascensão de um novo status feminino. Assim, ele não perderia leitores homens da classe trabalhadora e não ignoraria o movimento feminista – mas tampouco o defenderia. A primeira coluna para mulheres no *World* data de 1883 – nela, a colunista escrevia conselhos da perspectiva de uma mulher da cidade para sua prima que morava no campo e, assim, abordava regras de etiqueta social e costumes que alimentavam um ideal urbano no imaginário das leitoras (Schudson, 2010). Outros jornais, como o *New York Herald*, com a coluna de Jennie June – pseudônimo de Jane Cunningham Croly – e o *New York Ledger*, com a colunista Fanny Fern – seu nome real era Sarah Willis Parton – também ampliaram seu público (Burt, 2008).

Dentro e fora das redações, o papel da mulher na sociedade estadunidense estava mudando. A hierarquia que se formou a partir da *penny press* era a de uma imprensa dominada por homens, mas a presença feminina no jornalismo marcaria o final do século XIX e seguiria se expandindo no século seguinte. De acordo com o Censo dos Estados Unidos<sup>22</sup>, dos mais de 12 mil jornalistas em 1880, só 288 eram mulheres. Já em 1900, dos mais de 30 mil jornalistas, 2.193 eram mulheres. Ou seja, em 20 anos a porcentagem de mulheres no jornalismo profissional estadunidense passa de aproximadamente 2,4% para 7,3%. Antes disso, já havia exceções: na Era Colonial<sup>23</sup>,

---

<sup>21</sup> JUERGENS, George. **Joseph Pulitzer and the New York World**. Princeton: Princeton University Press, 1966.

<sup>22</sup> STEINER, Linda. Gender at work: early accounts by women journalists. **Journalism History**, v. 23, 1997.

<sup>23</sup> A Era Colonial dos Estados Unidos tem fim em 1783, quando a Grã-Bretanha reconhece a Declaração de Independência de 1776. <https://history.state.gov/milestones/1776-1783/declaration>

existiam mulheres envolvidas com publicações, geralmente quando herdavam um jornal ou trabalhavam junto de pais, irmãos ou maridos jornalistas (Chambers; Steiner; Fleming, 2005). Mas essas experiências não bastavam para definir um avanço na presença de mulheres na imprensa.

De acordo com Silveirinha (2012), por mais que ainda exista uma lacuna quanto à presença das mulheres na historiografia clássica do jornalismo, não é suficiente destacar pioneiras e definir quem fez o quê primeiro. Esse é um esforço importante, mas limitado, porque se baseia em uma visão de história do jornalismo linear, progressiva e constante, e coloca as jornalistas mulheres como pontos de exceção. É preciso contexto: “olhar as experiências das primeiras mulheres no jornalismo não apenas nos revela os factos, como nos dá os sentidos vividos da profissão no feminino” (Silveirinha, 2012, p. 167).

Dessa forma, era possível, já no século XIX, vislumbrar a profissão “no feminino”. A criação dos cadernos femininos<sup>24</sup> era um fator importante para a entrada nas redações, já que os repórteres homens não tinham interesse em escrever os tipos de artigos publicados nessas seções. Contratar mulheres, então, era a solução para angariar o público leitor desejado. Ao mesmo tempo que as pautas dos cadernos femininos eram restritas, foram neles que práticas como publicar cartas de leitores e dar valor de notícia às vidas de pessoas comuns puderam se expandir. “Esse gênero de notícias em crescimento não apenas enfatizava o consumismo, a moda e o trabalho doméstico, mas também relatava eventos em um estilo projetado para evocar emoção, compaixão e sensacionalismo” (Chambers; Steiner; Fleming, 2005, p. 29).<sup>25</sup> Mais adiante, no século XX, esses cadernos também serviram para travar debates feministas.

À medida que o jornalismo se consolida enquanto profissão, ele passa a ser também uma possibilidade de carreira para mulheres brancas instruídas da classe média, permitindo-lhes romper a exclusão da esfera doméstica. Além de ser uma forma de garantir sustento, especialmente para quem era viúva, órfã, solteira ou vinha de uma família pobre, o jornalismo era associado a certo *status*: permitia acesso a pessoas famosas, influentes, o que garantia certo glamour que pouca ou nenhuma profissão para mulheres tinha (Chambers; Steiner; Fleming, 2005). Mesmo ganhando salários

---

<sup>24</sup> Chambers, Steiner e Fleming (2005) se referem a essas seções como “women’s pages”. Queiroz (2013a) explica que, mesmo no final do século, os jornais ainda não tinham editoriais, mas havia uma separação por cadernos. Assim, adotaremos o termo “cadernos femininos” para falar dessas seções.

<sup>25</sup> No original, “This emergent news genre not only emphasized consumerism, fashion and housework but also reported events in a style aimed at evoking emotion, compassion and sensationalism.”

menores que os dos homens, era uma possibilidade de autonomia financeira. O fato de que o jornalismo não exigia uma formação longa e dispendiosa também representava uma abertura para as mulheres.

A chegada de mais mulheres às redações foi contestada de diversas formas. O principal argumento era que o jornalismo não era uma profissão apropriada para elas (Chambers; Steiner; Fleming, 2005). A figura do repórter já era caracterizada como alguém que trabalhava duro, em longos expedientes, e que ganhava um salário pequeno. Essa caracterização servia de barreira: um exemplo é Edwin Shuman, jornalista que escreveu manuais de práticas de reportagem. Para ele, o trabalho jornalístico era incompatível com as mulheres porque elas precisariam lidar com pessoas de negócios, políticos, dentre outras fontes relevantes – que eram homens. Segundo ele, artigos escritos do ponto de vista de uma mulher eram “naturalmente superficiais e fúteis”. Reunir notícias e narrar acontecimentos era um ofício muito rude e exigente para mulheres<sup>26</sup> (Chambers; Steiner; Fleming, 2005).

Mas as *stunt girls* se mostraram especialmente bem sucedidas na prática de investigar e relatar notícias. O termo *stunt girls* é usado para caracterizar as mulheres repórteres que, no final do século XIX, eram contratadas com o objetivo de relatar violações sociais e crimes, na maior parte das vezes empregando o artifício do disfarce para ter acesso aos acontecimentos. É o caso de Nellie Bly, que começa a escrever para o *New York World* em 1887. É com esse gênero de jornalismo que mulheres conseguem sair do caderno feminino em jornais tradicionais e chegar às primeiras páginas.

Se, para o repórter do final do século, era importante unir a narração dos fatos a um estilo próprio, para as *stunt girls* essa combinação se dá a partir da busca por informações com a técnica do disfarce com um formato de texto que busca envolver o público – muito próprio do sensacionalismo da época. “O papel das primeiras mulheres jornalistas era provocar uma resposta emocional dos leitores” (Chambers; Steiner; Fleming, 2005, p. 14)<sup>27</sup> O *stunt* também se relacionada às tendências de um jornalismo que buscava guiar o leitor no novo meio urbano e a crescente aderência a um jornalismo de denúncia. Para Lutes (2006), as *stunt girls* utilizam do seu corpo e da posição de primeira pessoa frente às situações noticiosas para servir como mediadoras

---

<sup>26</sup> No original, a passagem completa é: “Articles from a woman’s point of view, he said, are ‘naturally superficial and frothy’. In his view, women who were hired would find the sacrifice not worth the gain: ‘Women will swiftly lose many of their high ideals and sweet and tender ways, as inevitably as if they had been run through a machine for the purpose. And what is the use?’ (Shuman 1899: 156).”

<sup>27</sup> No original, “The role of early women journalists was to provoke an emotional response from readers”.

entre o leitor e a cidade. Ao escolher desviar de uma voz distanciada, elas usam uma estratégia autoral que ao mesmo tempo as coloca em risco e as posiciona dentro do acontecimento.

Logo depois do sucesso de Bly com *Dez dias num hospício*, o *World* já havia empregado uma concorrente para a jornalista: Fannie B. Merrill, de Boston, que produzira matérias semelhantes às de Bly, mostrando a realidade de mulheres trabalhadoras. Mas Merrill escrevia em terceira pessoa, e não tinha o mesmo estilo investigativo de Bly. Para além das habilidades com o disfarce, o estilo próprio de Bly possibilitava uma empatia com o leitor. “Em todas suas missões, a repórter mantinha os olhos atentos para detalhes, a sensibilidade para as dificuldades dos mais pobres e, principalmente, o desejo de ultrapassar as barreiras impostas às mulheres” (Campos Mello, 2021, p. 14).

Alguns meses depois, surge Viola Roseboro – um de seus disfarces mais conhecidos foi quando se passou por uma pessoa em situação de rua para relatar como era pedir dinheiro. Já a repórter Nell Nelson cobriu temas similares às pautas de Bly, também escrevendo sobre “escravas brancas” em várias indústrias. Nelson também posava como trabalhadora para apurar os acontecimentos e seu nome logo passou a ser mencionado nos títulos das matérias, como o de Bly (Kroeger, 1994). De certa maneira, essas assinaturas eram, por si só, uma notícia: mulheres escrevendo para a imprensa fora dos cadernos femininos eram um fato digno de nota (Burt, 2008).

Kroeger (1994) afirma que, para além de possibilitar a chegada às primeiras páginas, ser bem sucedido em uma reportagem de disfarce era um feito demonstrativo de características próprias da ideia do que era um bom repórter na época. Com as *stunt girls*, o público poderia passar a perceber jornalistas mulheres também como audaciosas, espertas, habilidosas e com um forte senso do que era ou não uma notícia. Por mais questionáveis que fossem os artifícios, as *stunt girls* representaram uma parte importante da história da imprensa estadunidense – que funciona como referência para diversos outros países (Queiroz, 2013a).

Apesar de garantir sucesso para concorrentes e imitadores, a estratégia de disfarce empregada por Bly começa a perder força na virada do século. Um exemplo está na forma que o *World* achou para evitar que tantas outras mulheres chegassem ao mesmo patamar de celebridade de Bly: o jornal criou um espaço específico para

publicar reportagens de disfarce femininas, que não eram assinadas, mas recebiam todas a assinatura genérica de “Meg Merrilies” (Kroeger, 1994).

Paralelamente, a imprensa alternativa que se desenvolvia era o campo em que havia maior liberdade editorial para mulheres. Apesar de pouco lucrativos e efêmeros, os jornais representavam um esforço consistente de mulheres para publicar suas próprias notícias, fornecendo perspectivas ligadas a movimentos sociais. Esses periódicos mostravam como elas poderiam ser bem sucedidas enquanto editoras e produzir veículos próprios com qualidade técnica. Esse tipo de jornalismo também funcionava como um guia para os novos papéis que a mulher passava a desempenhar (Chambers; Steiner; Fleming, 2005).

No final do século, a organização de clubes de jornalistas mulheres constitui outro caminho para afirmação da profissão como um domínio também feminino. O primeiro deles foi fundado em 1881, por correspondentes em Washington: o *Ladies Press Club*. Em 1885, mulheres de todo o país criaram o *National Woman's Press Association*, que se tornaria o *International Woman's Press Association*. Esses coletivos promoviam a legitimidade das jornalistas, criando níveis de membresia para distinguir mulheres que trabalhavam com jornalismo regularmente daquelas que faziam apenas trabalhos pontuais (Chambers; Steiner; Fleming, 2005). Mas os clubes de imprensa ainda eram segregados: as organizações para mulheres brancas não aceitavam jornalistas negras, até os anos 1960. Na década de 1880, foi criada a *National Colored Press Association*, de jornalistas negros (Bundy, 2008)

Para mulheres negras, a imprensa alternativa era o caminho de maior abertura para a entrada nos jornais. Antes mesmo da Guerra Civil, a atividade de imprensa de mulheres negras teve início, mas sua atuação se torna mais intensa após a guerra, em diários e semanários da imprensa negra. Na última década do século XIX, os jornais da imprensa negra se multiplicam: em 1890, já eram mais de 1.200 novos jornais criados (Frontani, 2008). Uma repórter negra exemplar, que adere a estratégias diferentes daquelas das *stunt girls* na mesma época é Ida B. Wells.

O acontecimento que lança Wells ao jornalismo até tem semelhança com o disfarce. Em 1883, quando saía de Memphis de trem, um maquinista exigiu que Wells fosse para o vagão destinado a pessoas negras e fumantes, mesmo que ela tivesse a passagem para o vagão de primeira classe. Quando ele tentou forçá-la a se mover, ela mordeu a mão do maquinista. Seu relato no jornal *Memphis Living Way* sobre como ela

moveu uma ação judicial contra a ferrovia inaugurou sua carreira. Como no caso das *stunt girls*, Wells narra algo que lhe aconteceu, mas que não foi, de forma alguma, arquitetado por ela: enquanto as jornalistas de disfarce se colocavam em situações de risco de propósito, Wells vivia em uma situação de risco (Lutes, 2006).

Ida B. Wells começa a escrever uma coluna para o *Living Way* e em 1888 já era jornalista em tempo integral. Wells ficou mais conhecida como uma ativista anti-linchamentos. Ela era uma repórter independente, inventiva e com ótimos comentários sociais, e seu estilo de investigação incluía angariar e mapear dados – ela descobriria que o número de linchamentos, em sua maioria contra pessoas negras, aumentou 200% entre 1882 e 1892. Essa prática de apuração só se tornaria habitual no jornalismo anos depois. Ela também utilizava como fonte jornais tradicionais, voltados para um público branco, para comprovar afirmações que fazia em suas reportagens e para criticar argumentos racistas em seus comentários. Por isso, ela chegou a ser ameaçada de morte e teve de deixar o jornal *Memphis Free Speech*, em que era sócia. Uma compilação de seus artigos contra o linchamento virou um panfleto, que foi republicado na Inglaterra. Wells também foi contratada pelo jornal *Chicago Inter-Ocean* para fazer um *tour* na Inglaterra, se tornando a primeira mulher afro-americana a atuar como correspondente no exterior para um jornal estadunidense (Lutes, 2006).

Na virada do século, a noção de que jornalistas mulheres eram vozes importantes para a produção de notícias de interesse humano e com pano de fundo sentimental ganha uma nova demonstração de força. O termo *sob sisters* surge para descrever as jornalistas que cobriam principalmente casos de tribunais. O julgamento do caso Thaw, em que um marido assassinou o amante da esposa, foi um marco para esse formato de imprensa. Na cobertura do julgamento, entre 1906 e 1908, os títulos destacavam o gênero de quem cobria o acontecimento, e cada vez mais se utilizavam fotos das repórteres ao lado da matéria. A ideia era ressaltar o “ângulo feminino” das notícias (Lutes, 2006). Nesse quesito, se destacam as jornalistas Dorothy Dix, Winifred Black (conhecida como Annie Laurie) e Ada Patterson (Kroeger, 1994).

### 3 ETHOS E NARRATIVA

Neste capítulo, tratamos brevemente de conceitos da teoria da narrativa para descrever o narrador-protagonista e sua conexão à função testemunhal do texto. Em seguida, abordamos a noção de ethos, a partir de Maingueneau (2013; 2014; 2020). Além disso, relacionamos os conceitos ao objeto empírico deste trabalho.

#### 3.1 O narrador protagonista

Os textos jornalísticos, enquanto instâncias narrativas, são produtos de uma constante disputa de diferentes atores pelo poder de voz. O processo de composição narrativa do jornalismo deve, idealmente, ser polifônico e dialógico (Benetti, 2007), o que exige pensar a complexidade de vozes do discurso.

Para Motta (2013), a narrativa jornalística une elementos do discurso literário e do discurso histórico. Isso porque é próprio da narrativa jornalística tratar dos acontecimentos imediatos e lhes inserir em um quadro de sentidos que permita associar o agora ao passado, em um movimento contínuo. Ao buscar tornar os acontecimentos desse presente contínuo inteligíveis, o jornalismo faz parte do que historiadores nomeiam como história do presente, que “parte do pressuposto de que percebemos e construímos o sentido do presente como uma história do passado, como uma continuidade entre o que está acontecendo com o que acabou de acontecer” (Motta, 2013, p. 103-104).

Nessa mesma lógica, Benjamin (1985 [1936]) afirma que a narrativa é um modo de fixar os acontecimentos na memória coletiva de um povo, organizando-os de maneira a integrar um patrimônio cultural. Narra-se, então, para organizar semanticamente o mundo e seus fatos. Para Ricoeur (1995<sup>28</sup>, apud Motta, 2013), a voz narrativa é aquela que se dirige ao leitor com o objetivo de apresentar-lhe o mundo.

A importância de analisar o narrador de determinado texto se dá porque é somente a partir de sua focalização ou ponto de vista que conhecemos os fatos de uma história. Essa focalização pode variar entre diferentes textos ou mesmo ao longo de uma narrativa. Pode-se adotar um ponto de vista em que narrador e leitor são

---

<sup>28</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. V. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

oniscientes, tendo a capacidade de saber dos pensamentos e sentimentos internos dos personagens; um meio termo em que há uma focalização interna, mas direcionada a um ou mais atores da narrativa; e ainda uma focalização externa, em que se visualiza os personagens de fora, como no teatro (Adam; Revaz, 1997). Diferentes pontos de vista, no entanto, não se traduzem necessariamente em diferentes narradores. Um mesmo narrador pode apresentar variados pontos de vista.

O narrador “é uma entidade de ficção, uma criação linguística do autor que só existe no texto” (Gancho, 1998, p. 29). A análise de narrativas literárias dedica especial atenção à distinção entre autor e narrador. Gancho (1998) adverte, por exemplo, que fatos da vida pessoal de um autor não devem ser utilizados para tecer significados sobre o que é dito pelo narrador. Outros autores reforçam essa ideia, a partir da constatação de que, mesmo que se sobreponham, as identidades de autor e narrador nunca coincidem completamente. Aprofundando a separação, autor-real e leitor-real jamais estão em real contato: o leitor imagina um modelo de autor-narrador que não corresponde à realidade; e o autor também imagina um leitor modelizado (Adam; Revaz, 1997).

O narrador seria, então, uma invenção do autor, podendo fundir-se com uma personagem da estória e confundir-se com ela. Uma figura de papel, produto da criatividade ficcional, ainda que o autor projete sobre ele os seus próprios valores e ideologias. Assim, o narrador teria uma funcionalidade fundamentalmente discursiva, trans-histórica, enquanto o autor seria um ser mais restrito, historicamente situado (Motta, 2013, p. 216).

Segundo Gancho (1998), a voz onisciente e observadora é o narrador em terceira pessoa, que se desdobra em dois tipos: o intruso, que fala diretamente com o leitor e faz juízos de valor sobre os personagens; e o parcial, que se aproxima de determinado personagem e lhe dedica mais espaço na história. O narrador em terceira pessoa é sempre heterodiegético, pois não participa dos acontecimentos.

Já o narrador em primeira pessoa é um narrador-personagem, que pode ser uma testemunha dos acontecimentos ou o protagonista. Quando participa dos acontecimentos, mas é essencialmente uma testemunha, o narrador é classificado como homodiegético. Quando o narrador é o personagem central da história, é considerado autodiegético (Adam; Revaz, 1997).

A maioria dos acontecimentos jornalísticos é narrada em terceira pessoa, na forma de um narrador observador. Elementos como título, lide e pirâmide invertida



servem de marcas de uma narração não-cronológica – a ordenação dos fatos em notícias se dá com base na importância que o jornalismo lhes atribui em vez da sequência temporal (Motta, 2013).

Para a análise do jornalismo, Motta (2013) propõe um modelo hierarquizado de atores, a partir da ideia de níveis narrativos de Genette (1972)<sup>29</sup>. O primeiro narrador é o veículo, seja ele jornal, revista, telejornal ou jornal online. Na narração, entram em jogo fatores técnicos, interesses e ideologias comerciais. O segundo narrador são os profissionais: jornalistas, editores, fotógrafos, dentre outros. Motivados pelo que Motta chama de valor-narrativa<sup>30</sup>, o principal interesse dos jornalistas é contar uma boa história. São influenciados também por valores pessoais e interesses profissionais, e a eles cabe apresentar os fatos, contar os conflitos e enquadrar os personagens. Considerados como terceiro narrador, os personagens e as fontes detêm o menor poder de voz. São os jornalistas que definem se as fontes, convertidas em personagens, serão transformadas em protagonistas, heróis ou vilões.

Entre esses atores, há uma disputa simbólica pelo poder de voz. “O relato jornalístico é o produto possível entre pontos de vista alternativos na correlação das forças que se confrontam permanentemente nas páginas e telas [...]” (Motta, 2013, p. 110). A versão final de qualquer notícia é fruto de um processo dinâmico de negociação que, muitas vezes, é sutil. “A disputa pela configuração das narrativas públicas é uma luta política pelo direito de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor uma definição legítima dos conflitos e personagens reportados, de consolidar posições e pontos de vista, de fazer ver e fazer crer: um poder de revelação, conforme observa Bourdieu<sup>31</sup>” (Motta, 2013, p. 215). Seguindo a definição de Ricoeur (1995, apud Motta, 2013), podemos dizer que as narrativas jornalísticas são plurivocais e, por isso, é necessário levar em conta as categorias de narrador e personagem:

[...] o mundo contado é o mundo da personagem, contado pelo narrador, ambos seres capazes de expressar seus sentimentos e ações. A partir daí, diz o autor [Ricoeur], é possível deslocar a noção de mimese da ação ou da intriga para a personagem e o seu discurso. Com isso, completa Ricoeur, a enunciação se torna o discurso do narrador; enquanto o enunciado se torna o discurso da personagem (Motta, 2013, p. 214).

<sup>29</sup> GENETTE, Gérard. **Figures III**. Paris: Seuil, 1972.

<sup>30</sup> O valor-narrativa, para Motta (2013), seria o ponto de partida para o estabelecimento dos demais valores-notícia. Sobre valores-notícia de seleção e edição, ver Traquina (2013).

<sup>31</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

Embora sejam úteis, as categorias de análise narrativa próprias da literatura precisam ser encaixadas às circunstâncias específicas da comunicação para fazerem sentido no jornalismo. A diferenciação entre autor e narrador é um ponto importante: apesar de nunca coincidirem completamente, na maioria das vezes a voz do autor-jornalista coincide em alguma medida com a do narrador-jornalista. O jornalista é percebido, pelo leitor, como o autor da matéria que assina – ou seja, como o sujeito real que se responsabiliza, inclusive juridicamente, pela veracidade do que narra. Como Motta (2013, p. 217) explica, os narradores no jornalismo não são meras “figuras de papel”, mas “sujeitos reais ativos que interferem diretamente na configuração da estória”.

A interferência do narrador na história está relacionada à noção de presença. No famoso ensaio “O narrador”, de 1936, Walter Benjamin (1985 [1936]) opõe o romance à narrativa e afirma que a consolidação do romance moderno separa o narrador do leitor, já que antes – na poesia épica, nos contos populares e na tradição oral – era necessária a presença física para narrar e escutar. Além disso, para ele, a força da narrativa reside no compartilhamento da experiência. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os [antigos] narradores” (p. 198). É a partir do que foi vivido que se aprende sobre o mundo, e assim a narrativa traz sabedoria e aconselhamento. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 1985 [1936], p. 201).

O grande problema, para Benjamin, é a dificuldade cada vez maior de trocar experiências. É preciso lembrar que, naquele momento, o autor estava inserido em um contexto de consolidação do fascismo e em uma Europa traumatizada que não conseguia narrar a violência da Primeira Guerra Mundial. Logo no início, ele diz:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. [...] Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca (Benjamin, 1985 [1936], p. 197-198).

Resende reposiciona a questão da experiência na narrativa:

No entanto, para que seja possível redimensionar a problemática levantada por Benjamin, há que se compreender o ato de narrar não como o que provém tão-somente da oralidade: ele é, por excelência, fruto da necessidade que o homem tem de contar e recontar, de um para outro, as histórias que permeiam sua vida. E esse contar pode nascer, hoje principalmente, nos vários lugares em que a vida acontece. Mais ainda, o ato de narrar deriva da premência de se estabelecerem modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive (Resende, 2005, p. 89).

No mundo contemporâneo, o jornalismo está repleto de experiências que carregam, como defendia Benjamin, saberes sobre o cotidiano e estão associadas ao ato de testemunhar. Desde a criação do conceito de notícia, reconhece-se que há necessidade de uma testemunha para atestar os acontecimentos. Os usos da função testemunhal na narrativa jornalística variam ao longo da história. “A função testemunhal não é apenas um dos elementos da produção noticiosa, mas sim, uma de suas matrizes de verdade presumida, sem a qual a própria narrativa noticiosa perderia a sua sustentação e legitimidade enquanto produção simbólica” (Casadei, 2014, p. 140).

A autora efetuou uma análise das publicações *Revista da Semana* e *O Cruzeiro* e, quanto ao testemunho, verificou que o repórter deixa continuamente marcas de sua presença e autoria nos textos. Ele funciona como um autor-personagem: tudo que sabemos vem de seu ponto de vista, e essa seleção ou enquadramento fica explícito no texto. Além de mobilizar um código autorreferencial, o repórter deixa transparecer uma voz emocional própria. Na revista *O Cruzeiro*, o primeiro-narrador de Motta (2013), o veículo, entra em cena ao vender os repórteres como estrelas, celebridades da reportagem, mais que testemunhas. Casadei denomina esse tipo de discurso de “código experiencial em primeira pessoa”, em que a ênfase está mais na experiência do repórter do que no evento noticiado por si só. Em fases posteriores do jornalismo de revista, outros atores dividem a experiência com o repórter<sup>32</sup>, mas ele segue central à narração.

Esse conceito de autor-personagem também aparece na produção científica recente em jornalismo. Duas dissertações trabalham com a ideia de um “eu-repórter”. A análise realizada por Lage (2015) das reportagens das revistas *Trip*, *Tpm* e *Rolling Stone* encontra quatro diferentes manifestações do narrador-repórter em primeira

---

<sup>32</sup> Casadei (2014) denomina essa inserção de outras vozes na narrativa como “código experiencial em terceira pessoa”.

pessoa: uma delas é empregada para mostrar a presença do repórter frente às fontes; outra fala de um narrador que utiliza a primeira pessoa do plural para incluir o leitor no assunto debatido. As duas demais manifestações, denominadas “primeira pessoa da co-presença” e “primeira pessoa da autoria”, são bastante similares e dizem respeito a um narrador que conta a partir de sua própria experiência, colocando-se como um sujeito indispensável à narrativa.

Patrícia Rocha (2007) também conduz uma análise da *TPM* e encontra quatro posições de sujeito entre as narradoras autorreferentes da revista. Uma marca desse discurso é simular uma relação de intimidade com as leitoras, o que se vê principalmente no “eu confidente”, em que as jornalistas adotam um tom coloquial e narram suas experiências pessoais, como se estivessem conversando com uma amiga próxima. O segundo tipo de narração é o de um “eu valorativo”, em que as falas pessoais das autoras servem para valorar perspectivas, decretando como o mundo e, especialmente, as mulheres devem ser. O terceiro, o “eu jornalista”, dá a ver os bastidores da apuração do texto – as marcas da produção ficam explícitas no produto final. Por fim, o “eu conselheiro” se aproxima da posição de quem pode orientar as leitoras, compartilhando sua sabedoria – típica das colunas de conselhos da imprensa feminina.

Uma outra função do discurso testemunhal do repórter é o foco de Casadei (2014): a prova de verdade imaginária. Em *A Revista da Semana* e em *O Cruzeiro*, bem como em outros produtos jornalísticos que mobilizam a primeira pessoa do discurso, as constantes marcas de autoria do repórter servem para gerar um efeito de real no texto. O jornalismo, enquanto instituição, já conta com uma parcela de credibilidade que lhe é atribuída pela sociedade – como não se pode estar em todos os lugares para testemunhar todos os acontecimentos, a sociedade delega essa tarefa aos membros da imprensa (Motta, 2012). Essa credibilidade é reforçada à medida que os repórteres se apropriam da noção de verdade acionada pelos testemunhos. Se todos os fatos se baseiam unicamente no que esse repórter-testemunha presenciou, sem o apoio de outras testemunhas, o discurso precisa apresentar provas de veracidade para que se possa confiar no que se lê.

O efeito de real é uma estratégia do realismo literário. Para Düren (2014), a influência literária sobre o jornalismo é uma constante desde o século XVIII e, na contemporaneidade, pode ser vista no gênero reportagem e nos livros-reportagem. O

jornalismo se apropria de técnicas como a descrição detalhada de cenários e personagens, o uso de diálogos e a menção a detalhes que, à primeira vista, poderiam parecer irrelevantes, mas que contribuem para a construção de significados. Para o leitor, essa verossimilhança produz credibilidade: embora o jornalista, seguindo princípios éticos, não crie elementos como os escritores de ficção, ele também se beneficia do efeito de real gerado pelas minúcias.

A confiabilidade presumida (Ricoeur, 2007) do testemunho se dá a partir da crença na capacidade do autor não apenas de perceber o acontecimento na realidade factual, mas também de certificá-lo. Assim, surge o que o autor chama de fórmula típica do testemunho: a declaração “eu estava lá”. Ao mesmo tempo, se busca confirmar que o fato ocorreu e que a testemunha estava presente no local de ocorrência. Mas a afirmação, por si só, não basta: a testemunha precisa inscrever aquela realidade diante de outra pessoa, em uma relação de diálogo baseada na credibilidade. “Ela não se limita a dizer: ‘Eu estava lá’, ela acrescenta: ‘Acreditem em mim’” (Ricoeur, 2007, p. 173). Há ainda, a disposição da testemunha para reiterar seu testemunho, tanto mantendo seu relato com o passar do tempo quanto permitindo que se recorra a terceiros para confirmá-lo – “se não acreditam em mim, perguntem a outra pessoa”. O vínculo de confiança no testemunho de outrem, nesse sentido, faz parte da realidade compartilhada por todos os componentes da sociedade: “O que a confiança na palavra de outrem reforça, não é somente a interdependência, mas a similitude em humanidade dos membros da comunidade<sup>33</sup>” (Ricoeur, 2007, p. 175).

Motta (2013) se refere a essas técnicas discursivas como estratégias de construção de objetividade. Identificar nominalmente os personagens e instituições, citar endereços e períodos de tempo de forma rigorosa transmitem uma precisão que se relaciona à ideia de real. Assim, a objetividade seria também uma ferramenta argumentativa, por meio da qual o jornalista exerce a mediação da realidade com efeitos de veracidade. Especialmente no jornalismo televisivo, mostrar os bastidores da produção e as micronarrativas que compõem a reportagem também serve para esse efeito (Piccinin; Etges, 2014). O valor associado ao testemunho é renovado a partir do crescimento da importância da autenticação e da transparência na contemporaneidade.

---

<sup>33</sup> Ao se tratar do jornalismo de disfarce, que busca dar vistas a situações ocultas à sociedade de maneira geral, Kroeger (2012) destaca que o testemunho do repórter busca, além da crença na verdade de seu relato frente ao público, mostrar para o leitor que aquela situação poderia acontecer a ele e aproximar aquele lugar oculto da realidade cotidiana do público. Além de “acreditem em mim”, esse repórter diria “isso também pode acontecer a você”.

Ao mesmo tempo que narrativas distanciadas são valorizadas pelo jornalismo contemporâneo (Piccinin, 2012), o jornalista, muitas vezes, deixa seu lugar de mediador para se tornar agente da história narrada e passar a fazer parte da notícia – num movimento chamado de atorização do acontecimento (Fausto Neto, 2012). A construção, no discurso jornalístico, de um narrador em primeira pessoa que não apenas expõe suas experiências, mas as posiciona no primeiro plano, gera o conceito de um narrador-protagonista. Mais do que inserir e deixar visível o “eu” na narrativa, esse deslocamento para o protagonismo serve também como uma estratégia de convencimento do leitor, enquanto um índice de proximidade do fato e de transparência (Piccinin; Etges, 2014).

Na próxima seção, vamos ampliar o debate quanto à sobreposição do narrador e do personagem em *Dez dias num hospício*, a partir do conceito de *ethos*. Ao mobilizar a teoria do *ethos* discursivo, vê-se que a reportagem em primeira pessoa serve também para vislumbrar de forma mais ampla o que significava ser uma repórter-narradora naquela época.

### 3.2 O *ethos* discursivo

A noção de *ethos* tem origem na tradição grega do estudo da oratória: o *ethos* corresponde à imagem de si que um orador<sup>34</sup> constrói, com o propósito de convencer ou persuadir um auditório<sup>35</sup> (Amossy, 2013). Desde Aristóteles, portanto, se sabe que o *ethos* deriva da enunciação – ou seja, a construção da imagem tem como base o discurso (Maingueneau, 2020).

Apesar de autores contemporâneos desenvolverem outras perspectivas de estudo do *ethos*, algumas heranças da retórica ainda são pertinentes: para convencer um auditório, o orador precisa se adaptar às crenças e valores admirados por aquele público, construindo uma imagem de si correspondente ao que imagina ser esperado por quem lhe ouve (Amossy, 2013). “A persuasão não se cria se o auditório não puder ver no orador um homem que tem o mesmo *ethos* que ele [...]” (Maingueneau, 2014, p. 15).

---

<sup>34</sup> O orador também pode ser referido como locutor ou enunciador.

<sup>35</sup> O auditório, ou seja, o público, pode ser chamado também de coenunciador ou destinatário.

Para Aristóteles, existe uma dupla dimensão do ethos, que se acionada de maneira conjunta levaria ao convencimento: moral e estratégica. A primeira dimensão é relativa a virtudes ligadas à honestidade; a segunda, aos hábitos e costumes – é esperado do orador que se exprima de maneira adequada a suas tipificações sociais. A honestidade é um valor central para o ethos, segundo o filósofo, porque o orador que se mostra honesto por meio do discurso parecerá mais credível. Na lógica aristotélica, o ethos só é válido enquanto uma prova retórica em seu caráter processual. Ou seja, o sentido moral do ethos, ou a credibilidade do orador, não diz respeito a valores abstratos ou a uma atitude pessoal, mas se prova por meio de escolhas competentes e apropriadas – por meio de um discurso (Eggs, 2013).

No século XX, a problemática do ethos é retomada em diferentes perspectivas teóricas<sup>36</sup>. No campo do discurso, o linguista Dominique Maingueneau vem desenvolvendo uma teoria consistente sobre o tema. Para ele, o ethos aparece em todo tipo de troca discursiva, não apenas no discurso argumentativo, tampouco só no discurso oral. Para além da persuasão, a noção de ethos dá espaço para uma reflexão mais abrangente sobre a adesão dos sujeitos a uma posição discursiva – assim, o autor expande os estudos da tradição retórica. Um exemplo pode ser visto na publicidade: em vez de focar apenas em um discurso que visa vender um produto de imediato, a publicidade tem como objetivo mobilizar um ethos indicativo de um estilo de vida, que conquiste o público ao longo do tempo (Maingueneau, 2013). Dessa forma, a noção de ethos se complexifica e se torna pertinente para mais objetos de estudo.

“Estudar o ethos é se apoiar em um dado simples, intuitivo, coextensivo a todo uso da linguagem: o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo” (Maingueneau, 2020, p. 9). Isso significa dizer que o ethos é intrinsecamente ligado à enunciação, que só tem lugar no discurso. Além disso, Maingueneau (2014) postula que o ethos é um processo interativo de influência e, devido a seu caráter sociodiscursivo, não pode ser considerado fora de um contexto de comunicação historicamente situado.

---

<sup>36</sup> Destacamos o trabalho do sociólogo interacionista Erving Goffman, que desenvolve conceitos como *self* (o personagem que o indivíduo busca representar em uma situação de interação) e *fachada* ou *face* (os recursos utilizados pelo enunciatador para construir o *self*, como o cenário, a aparência e o modo de se expressar). GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1985 [1959]. GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1963].

A vinculação fundamental à enunciação significa que o ethos de um locutor não se resume aos juízos de valores prévios sobre o sujeito que enuncia, mas depende da imagem construída durante o ato de discurso. Maingueneau identifica que o ethos possui três dimensões distintas: o ethos pré-discursivo, o ethos discursivo e o ethos efetivo.

O ethos pré-discursivo – também chamado de ethos prévio – é o conjunto de representações que o coenunciador (interlocutor) tem antes do ato de enunciação. Em variadas medidas, as pessoas nutrem expectativas e reúnem conhecimento sobre um enunciador antes que o discurso em si ocorra (Maingueneau, 2013). Ao ouvir a fala de um político conhecido, um cidadão pode antecipar que determinados temas serão levantados e que certo estilo será adotado, por exemplo. Mesmo em casos em que o enunciador não é conhecido, um ethos pré-discursivo pode ser acionado. Apesar de não conhecer o autor, quando se lê um romance, é possível saber que aquele enunciador é um escritor de determinado gênero literário, autor publicado por uma editora específica, por exemplo. O mesmo se pode dizer de uma mulher vestida como uma freira: ainda que não se saiba exatamente o que será dito, o hábito já provoca, no interlocutor, a expectativa de uma posição discursiva associada a valores religiosos. O ethos pré-discursivo, portanto, é historicamente construído e socialmente aprendido.

No jornalismo, a mesma situação se aplica. Por mais que não esteja familiarizado com dado repórter ou veículo, o público sabe o que pode esperar de uma reportagem, de um noticiário ou da postura de um apresentador de telejornal. Além do conhecimento sobre gêneros jornalísticos, o ethos pré-discursivo do jornalismo pode incluir o que o coenunciador sabe ou espera sobre as práticas da imprensa de forma geral (Benetti; Gadret, 2017) – como a expectativa, por exemplo, de que jornalistas tenham um compromisso com a verdade.

Para Benetti (2008), o ethos pré-discursivo do jornalismo é necessário para a efetividade do discurso. Enquanto um gênero particular, o jornalismo exige que o leitor conheça as características de seu discurso previamente para que o ato comunicativo possa ocorrer. Os atributos do jornalismo acionados nos textos delimitam e indicam papéis a serem desempenhados por veículos, leitores e fontes (Benetti; Gadret, 2017). No ethos específico do jornalismo, o papel social atribuído pelo público ou pelos próprios membros da imprensa ao jornalismo é determinante. Os sentidos circulantes sobre as finalidades do jornalismo (Reginato, 2019) balizam as expectativas que



leitores e espectadores podem ter quanto à imprensa e influenciam critérios éticos dos profissionais.

O segundo nível de ethos é o discursivo: aquele produzido em cada texto, no ato discursivo particular. A percepção do ethos é complexa, porque pode se apoiar em registros verbais e não verbais. Em uma palestra, por exemplo, a imagem de si do locutor pode ser influenciada pelo vocabulário escolhido, o tom e ritmo de voz, sua aparência, suas roupas, dentre outros índices que podem basear a elaboração do interlocutor (Maingueneau, 2014).

É importante salientar que as instâncias do ethos não são independentes. Seu funcionamento é dinâmico e interativo.

O ethos de um discurso resulta da interação de diversos fatores: ethos pré-discursivo, ethos discursivo (ethos mostrado), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (ethos dito) – diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo (Maingueneau, 2014, p. 18).

Esse resultado do ethos de um discurso é nomeado por Maingueneau como o ethos efetivo. São as características e valores do enunciador que o coenunciador realmente percebe. As intenções de um locutor nem sempre se efetivam na percepção do público, devido a diversos fatores que influenciam o ethos percebido (Maingueneau, 2014). Um professor que deseja passar uma imagem séria pode ser percebido pelos alunos como monótono, por exemplo.

O ethos efetivo é, então, uma avaliação da percepção do coenunciador. Mas, para que um ethos possa ser mobilizado, é preciso que exista, em primeiro lugar, uma cena de enunciação específica. É uma relação paradoxal, já que o próprio discurso deve validar essa cena, instituindo a situação que torna o discurso pertinente. “O discurso não resulta da associação contingente entre um ‘fundo’ e uma ‘forma’; é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização dos seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva” (Maingueneau, 2013, p. 73-74).

No jornalismo, a noção de credibilidade é profundamente vinculada a esse movimento de validação pelo público, em uma correspondência entre as expectativas – o ethos pré-discursivo – e o que é efetivamente percebido no discurso. Os valores éticos historicamente associados ao jornalismo definem os indicadores da credibilidade e demarcam se a prática jornalística será vista pelos coenunciadores como credível ou

não: “a avaliação sobre a fonte de informação dirá se ela é um bom ou um mau informante de acordo com o que se esperava dela e de acordo com o contexto da comunicação, que tornou possível essa percepção” (Lisboa; Benetti, 2017). A ideia aristotélica de prova retórica do *ethos* também parece encontrar correspondência no funcionamento da credibilidade, já que, por mais que um enunciador se construa como credível, a credibilidade só ganha valor de fato a partir do reconhecimento da audiência – logo, a partir do discurso.

Assim, a cena de enunciação serve para enquadrar e validar o *ethos*. Maingueneau distingue e nomeia três camadas que integram a cena de enunciação, estão em interação constante e vão do nível mais amplo para o mais restrito. A primeira é a cena englobante, que diz respeito ao tipo ou gênero de discurso, conferindo-lhe um estatuto: o discurso pode ser literário, religioso, filosófico. Serve para integrar um tipo de discurso a uma esfera específica de atividade. No nosso objeto, a cena englobante do *ethos* é o discurso jornalístico. A segunda é a cena genérica, uma modalidade de discurso associada a esse gênero. No discurso literário, podemos ter um folhetim; no religioso, um sermão; no filosófico, um tratado, por exemplo. Nesta pesquisa, a cena genérica é o gênero reportagem. Por fim, a terceira cena é a mais particular, construída pelo próprio texto: a cenografia. Um padre pode enunciar um sermão a partir de uma cenografia profética; um professor pode enunciar uma aula com cenografia amigável ou séria (Maingueneau, 2013). Na nossa pesquisa, a cenografia do *ethos* é uma reportagem realizada por uma mulher, utilizando a técnica do disfarce, no final do século XIX de caráter testemunhal em primeira pessoa.

A ideia de legitimação da cena de enunciação pelo próprio ato discursivo toma contornos mais definidos com a noção de cenografia. O universo de sentido que o discurso engendra deve especificar e validar essa cenografia através da qual ele surge (Maingueneau, 2020). É uma inscrição processual: a cena enunciativa não é estática, como se o discurso particular fosse enunciado em um espaço já construído e independente. A cenografia e o *ethos* implicado nela são validados pela enunciação, e vice-versa.

A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar; como convém, a política, a filosofia, a ciência... (Maingueneau, 2013, p. 77).

Em uma cenografia, parte constituinte de um ato de enunciação e de uma cena mais ampla, os elementos e sentidos acionados pelo ato discursivo constroem uma imagem sobre o enunciador e sobre o grupo a que ele pertence – o ethos. Isso se deve ao fato de que o ethos é um processo interativo, em que o discurso se inscreve numa configuração cultural e histórica, em que há determinados papéis, lugares e momentos de enunciação que se consideram legítimos.

Para Maingueneau (2014), toda instância subjetiva que emerge nesse discurso profundamente dinâmico é uma voz indissociável de um corpo enunciante historicamente significado. Em outras palavras, ao mobilizar um ethos no discurso, uma representação do corpo do enunciador é construída a partir de diversos índices acionados na enunciação. É o processo<sup>37</sup> por meio do qual o coenunciador percebe – ou não – o ethos do enunciador. A inovação da proposta de Maingueneau é que qualquer discurso escrito tem uma vocalidade específica, um tom, associado ao enunciador. O ethos desses tons não significa uma dimensão verbal apenas, como se fosse um tom de voz, mas inclui características físicas e psíquicas desse enunciador – presume uma *corporalidade* e um *caráter* (Maingueneau, 2013).

O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. O ethos implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global (Maingueneau, 2013, p. 72).

A partir desses dois aspectos, o coenunciador é convidado a adentrar um *mundo ético* quanto lê um texto – como todo tom é historicamente situado e diz respeito a uma identidade discursiva particular, o caráter e a corporalidade estarão subordinados a certo contexto sociocultural específico, e, por consequência, a uma ética própria. Quando em contato com um discurso, o coenunciador se vê apanhado pelo ethos e faz mais do que consumir “um conteúdo” de forma independente. O coenunciador é envolvido por esse mundo ético. “As ‘ideias’ suscitam a adesão por meio de uma *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*” (Maingueneau, 2014, p. 29, grifos do autor). Por meio de seu discurso, o enunciador legitima uma maneira de dizer e, em

---

<sup>37</sup> A esse processo de leitura, Maingueneau denomina “incorporação”. O conceito diz respeito à forma como o coenunciador se relaciona com o ethos de um discurso. Mais que ler, ele seria capturado pelo ethos e se apropriaria dele, sendo implicado na cenografia e se apropriando do ethos (Maingueneau, 2013; 2014).

função disso, uma maneira de ser – um exemplo é que o jornalista, ao atestar sua credibilidade em um enunciado, diz algo também da credibilidade da categoria profissional a que pertence, a dos jornalistas, e da credibilidade do gênero discursivo do jornalismo.

Nesse âmbito, é importante pontuar que nem sempre os *ethé* analisados manifestam diretamente a identidade de um locutor. Há casos do que Maingueneau (2020) chama de encaixamento de ethos. O ethos representado interage com o ethos representante, o que influencia desde o gênero do discurso até o posicionamento dos autores. Um exemplo são os *Diálogos* de Platão, em que a relação entre o ethos do autor, Platão – o representante –, e do personagem, Sócrates, que ele põe em cena – representado –, determina certa interpretação da filosofia ocidental.

Outro exemplo se dá no teatro, em que há o encaixamento das enunciações dos personagens representados no palco e do dramaturgo por trás deles. Nesse espaço, os *ethé* dos personagens não são autônomos: eles só são postos à vista através de um enunciador invisível, o dramaturgo, que não fala diretamente ao público mas por meio de seu ethos encaixado nos personagens em cena. O enunciado do dramaturgo é a peça em si. Apesar de ser uma figura oculta durante a enunciação, o dramaturgo aciona um ethos próprio, que pode ser também percebido pelo interlocutor. De maneira mais geral, Maingueneau traz também o exemplo da narrativa. Mesmo quando há a citação direta de um personagem, o ethos do personagem está encaixado no ethos do narrador. As enunciações estão separadas no texto pelos índices de fala, mas, mesmo assim, o narrador pode emitir uma avaliação sobre o ethos de um personagem que fica, aos olhos do interlocutor, subordinado ao ethos do próprio narrador.

## 4 A REPÓRTER E OS DEZ DIAS NUM HOSPÍCIO EM 1887

Neste capítulo, tratamos diretamente do objeto empírico da pesquisa. Inicialmente, narramos os principais fatos da biografia de Nellie Bly. Em seguida, sintetizamos os acontecimentos relatados na reportagem *Dez dias num hospício*, publicada em 1887 no *New York World*.

### 4.1 Nellie Bly

Entre as mulheres que construíram carreiras na imprensa estadunidense no século XIX, Nellie Bly ficou conhecida como pioneira do jornalismo de disfarce. Autores como Traquina (2004) consideram as reportagens que ela produziu infiltrada no hospício da ilha de Blackwell como os trabalhos inaugurais desse gênero. Embora historiadores do jornalismo (Kroeger, 2012) evidenciem que a técnica já era empregada antes de Bly publicar esta primeira matéria no *New York World*, em 1887, seu nome ainda hoje é a referência principal do jornalismo de disfarce. Ela também é considerada influência para o “jornalismo de detetive”, uma fase do desenvolvimento do jornalismo investigativo estadunidense de acordo com Aucoin (2008). A trajetória de Bly não só marcou a história da imprensa norte-americana como também inspirou livros, filmes e até um jogo de tabuleiro – produzido na época de sua viagem ao redor do mundo.

Como legado, Nellie Bly deixou quatro livros. *Dez dias num hospício*<sup>38</sup> reúne as duas reportagens que Bly produziu para o *World* sobre o tempo que passou disfarçada no manicômio, e foi o primeiro a ser publicado. Depois, a mesma editora publicou *Six months in Mexico*<sup>39</sup>, compilando as reportagens que Bly produziu em 1886 como correspondente do *World*. Em 1889, foi lançada sua primeira e única obra de ficção: *The mystery of Central Park*<sup>40</sup>. O romance é claramente inspirado em um caso real que

---

<sup>38</sup> O livro foi publicado apenas dois meses depois das reportagens saírem no *New York World*. No Brasil, a tradução mais recente é da Editora Fósforo, de 2021. Mais informações sobre as diferentes versões do livro estão no capítulo 5.

<sup>39</sup> O editor Norman L. Munro publicou os dois primeiros livros de reportagens de Bly (Kroeger, 1994). *Six months in Mexico* foi lançado em 1888 e não tem tradução para o português brasileiro. Há uma tradução independente para o português de Portugal disponível para compra como ebook na loja Amazon.

<sup>40</sup> O romance não foi traduzido para o português.

Bly cobriu, quando investigou um criminoso que aliciava jovens mulheres à prostituição, e a protagonista também tem muitas semelhanças com a jornalista (Kroeger, 1994). A viagem de Bly ao redor do mundo renderia um livro com suas matérias: *Volta ao mundo em 72 dias*<sup>41</sup> foi publicado em 1890 e sua primeira edição vendeu dez mil cópias.

Além dos livros, Bly deixou sete cartas, mas não deixou diários ou outros registros pessoais. A produção de centenas de artigos e reportagens para jornais poderia suprir essa falta de documentos, mas nenhum veículo publicou compilações<sup>42</sup> dos textos da jornalista, como destaca Brooke Kroeger, professora emérita da New York University e autora da biografia mais recente de Bly. Assim, como base para a biografia *Nellie Bly: daredevil, reporter, feminist*, de 1994, Kroeger precisou vasculhar arquivos em bibliotecas de três cidades e reunir documentação sobre a vida pessoal de Bly. Outros textos ajudaram a fundamentar a biografia: perfis e notícias publicados sobre a jornalista em periódicos e livros – como o artigo sobre Bly na enciclopédia de 1893, *A woman of the century*, e os perfis em livros de Ishbel Ross, *Ladies of the press*, de 1936, e *Charmers and cranks*, de 1965; obituários de diversos jornais; um texto informativo produzido pela American Flange Manufacturing Company; entrevistas; e biografias não autorizadas parcialmente ficcionalizadas, para leitores jovens, da década de 1950. Mesmo os registros mais completos, como o *Ladies of the press* de Ross, referência sobre a história das mulheres no jornalismo estadunidense, contém inconsistências históricas sobre a vida de Bly, como Kroeger notou durante a pesquisa. A autora também publicou um verbete sobre Bly na *Encyclopedia of American journalism* (2006), organizada por Stephen Vaughn.

Nellie Bly inspirou<sup>43</sup> diversos livros, mais ou menos fiéis aos fatos reais, e certamente este trabalho não dará conta de citar todas as obras produzidas sobre a jornalista. Tendo por base os livros de não-ficção que Kroeger considerou relevantes

---

<sup>41</sup> No título original, *Around the world in seventy-two days*. A tradução brasileira é da Ímã Editorial, de 2021.

<sup>42</sup> Digitalizações de algumas das reportagens que Bly publicou no *The Pittsburgh Dispatch*, no *New York World*, no *Evening Journal* e no *Family Story Paper* estão disponíveis no website *Nellie Bly Online*. O editor do website também publicou, de forma independente, compilações das reportagens de Bly em formato ebook. Disponível em: <https://nellieblyonline.net/>. Acesso em: 9 dez. 2023.

<sup>43</sup> A história de Bly também se tornou motivo de algumas obras de entretenimento audiovisual. A volta ao mundo de Bly foi tema de um filme musical de 1960, *Around the world with Nellie Bly*, e um longa de 1982, *The adventures of Nellie Bly*. Em 2015, o filme *10 days in a madhouse* foi lançado. A cineasta estadunidense Penny Lane dirigiu o documentário em animação *Nellie Bly makes the news*, de 2018. No ano seguinte, o longa *Fuga do hospício: a história de Nellie Bly* estreou no canal por assinatura *Lifetime* – apesar do título, o filme é apenas ligeiramente inspirado pela jornalista, já que é sobretudo uma obra de ficção. Bly ainda inspirou a criação de uma personagem na série *American Horror Story*.

para sua pesquisa sobre Bly, vale mencionar<sup>44</sup> ainda *The story of Nellie Bly*, de 1951, de Jason Marks; *Nellie Bly: first woman reporter*, publicado por Iris Noble em 1956<sup>45</sup>; e *The amazing Nellie Bly*, de 1971, por Mignon Rittenhouse.

**Figura 1 - Retrato de Nellie Bly**



Fonte: Nellie Bly Online. Disponível em: <https://nellieblyonline.net/photo-gallery>.

Para sintetizar os principais fatos biográficos da trajetória de Nellie Bly, usarei prioritariamente como base para o texto a biografia escrita por Kroeger (1994).

Elizabeth Jane Cochran nasceu em 5 de maio de 1864, na pequena vila de Cochran's Mills, na Pensilvânia, nos Estados Unidos. Ela adotaria o nome Nellie Bly, seu pseudônimo nos jornais, somente aos 21 anos. A mãe de Nellie, Mary Jane Cochran, era a segunda esposa do juiz Michael Cochran<sup>46</sup>. Apesar de posteriormente a família dar a

<sup>44</sup> Existe também uma fotobiografia de Nellie Bly, publicada em 2009 pela *National Geographic*.

<sup>45</sup> É preciso salientar que o título da obra está incorreto: Nellie Bly não foi a primeira mulher a trabalhar como repórter, conforme apontado no subcapítulo 2.3.

<sup>46</sup> A primeira esposa, Catherine Murphy, havia morrido em 1857. Com ela, Cochran teve dez filhos (Kroeger, 1994).

entender que ele era um advogado, na realidade ele trabalhava como “juiz associado”<sup>47</sup> do condado de Armstrong: era um cargo eletivo que não exigia formação superior e compreendia tarefas secundárias do tribunal, como indicar funcionários públicos, lidar com o pagamento de fiança e selecionar guardiães legais para crianças órfãs. Ele era tão bem quisto na comunidade que, ao fim do seu mandato, em 1855, o nome do vilarejo foi trocado para homenageá-lo – antes, o local onde Bly nasceu se chamava Pitts’ Mills.

Michael Cochran já era bem sucedido financeiramente, mas enriqueceu principalmente após o casamento com Mary Jane. Ele trabalhou como ferreiro na infância e adolescência, e aos 19 anos já tinha uma loja própria. Depois, começou a investir em propriedades e a se tornar uma figura relevante da economia local. A partir de 1840, ele passaria a trabalhar no tribunal. Em 1870, Cochran avaliou seus próprios bens em 57 mil dólares<sup>48</sup>.

Em 1869, a família foi morar em Apollo, cidade onde o juiz passara a infância. Nesse ponto, todos os filhos que se mudaram para a nova casa eram de Mary Jane e de Michael Cochran: Albert Paul e Charles Metzgar, os mais velhos; Elizabeth; Catherine May e Harry, irmãos mais novos de Bly. Um ano depois da mudança, quando Bly tinha seis anos, seu pai foi acometido por uma paralisia e morreu. Ali, começaram os problemas financeiros da família: ele não havia deixado testamento, e a divisão dos bens teria de ser feita entre a viúva e os quatorze filhos<sup>49</sup>. Foi determinado que não era possível dividir a propriedade entre os herdeiros, então ela foi levada a leilão. Segundo a legislação da época, a viúva tinha direito a uma pensão para seu sustento – mas o valor semanal representava pouco mais que o salário de um trabalhador de fábrica. Assim, os filhos já adultos de Cochran receberam cerca de mil dólares, e o coronel Samuel Jackson, banqueiro da cidade e novo proprietário da casa da família, foi apontado como guardião legal para administrar os fundos das crianças menores de idade.

---

<sup>47</sup> O termo utilizado por Kroeger (1994) é *associate justice*. Segundo ela, a formação em direito e a aprovação em exames de ordenação não eram necessárias para esses auxiliares na época, mas apenas para o juiz que fosse presidente da corte.

<sup>48</sup> Nos registros de Cochran, no período entre 1850 e 1860, seus bens valiam cerca de 3 mil e 5.500 dólares. Nessa época, um acre de terra na região era vendido por cerca de 30 dólares (Kroeger, 1994). Para fins de comparação, a remuneração média diária de um trabalhador nos Estados Unidos no ano de 1870 era de 2,20 dólares. <https://libraryguides.missouri.edu/pricesandwages/1870-1879>

<sup>49</sup> Michael Cochran teve, ao todo, quinze filhos. Um dos filhos da primeira esposa, chamado William Worth, morreu em 1864, durante a Guerra Civil (Kroeger, 1994).



A família precisou se mudar novamente, e Mary Jane comprou uma casa menor, próxima do antigo endereço. Em 1873, ela se casaria pela terceira vez, agora com o veterano da guerra civil John Jackson Ford. Ele foi morar junto dela e dos filhos, e logo começou a se mostrar violento. Ford era alcoólatra, recém viúvo e não tinha muitos bens. Em vários episódios, ameaçou ou agrediu Mary Jane e os filhos. Em 1874, Albert começou a trabalhar com Ford em um pequeno mercado e confeitaria que a família montou, mas o negócio teve fim quando, em um desentendimento, Ford ameaçou o jovem com uma arma de fogo. No dia de ano novo de 1878, Ford apontou uma pistola e ameaçou matar Mary Jane dentro de uma igreja lotada. Eles se reconciliaram, mas depois de outro episódio de violência, naquele mesmo ano, a mãe de Nellie Bly entrou com um pedido de divórcio<sup>50</sup>. Albert e Nellie testemunharam a favor da mãe, junto de amigos e familiares. Em seu depoimento, Bly contou que Ford ameaçava machucar sua mãe e que tinha medo dele, detalhando as situações de violência doméstica que ela presenciou. Ela assinou o depoimento com seu apelido de infância: Pink.

Na adolescência, Bly foi estudar em um internato com a intenção de se tornar professora. Aos quinze anos, era hora de começar a pensar em uma carreira, e a docência era uma das poucas profissões possíveis para meninas com sua origem e classe social. O guardião legal designado à família, coronel Jackson, garantiu que ela teria dinheiro suficiente para se formar. Na realidade, só frequentou a escola por um semestre – a revelação de que Jackson havia gerenciado mal os fundos dos menores de idade a impediria de seguir os estudos e renderia um processo legal movido por Bly contra ele anos depois<sup>51</sup>. Durante o semestre de estudos, ela passou a adotar o nome Elizabeth J. Cochrane, adicionando uma letra “E” no final do sobrenome.

De volta à casa da mãe, Bly fazia trabalhos pontuais como babá e tutora e não tinha perspectiva de se casar. Nessa altura, Albert e Charles, seus irmãos mais velhos, haviam se mudado e começado a trabalhar. Ela precisava encontrar uma ocupação, e a resposta surgiria nas páginas dos jornais, em 1885. Nellie Bly era uma ávida leitora do

---

<sup>50</sup> Na comunidade de cerca de 40 mil pessoas do condado de Armstrong, o pedido de separação de Mary Jane estava entre as únicas quinze ações de divórcio movidas naquele ano. Os pedidos em que a mulher era a requerente eram apenas cinco (Kroeger, 1994). O pedido foi concedido pelo tribunal em junho de 1879.

<sup>51</sup> Em 1886, o tribunal do condado de Armstrong County designou um auditor para revisar as finanças de Jackson. Além de pagar a pensão de viuvez de Mary Jane, Jackson precisava pagar parcelas da compra da casa dos Cochrane, que ele havia adquirido, e também administrar os fundos dos menores de idade – eles só poderiam acessar o dinheiro quando atingissem a maioridade, mas Mary Jane poderia fazer saques dos fundos das crianças para ajudar na sua subsistência. Uma segunda auditoria precisou ser feita porque Jackson misturava seu dinheiro pessoal com o dinheiro dos Cochrane. O processo se arrastou, e Bly perdeu o interesse na briga judicial (Kroeger, 1994).

*The Pittsburgh Dispatch*, em que a coluna *Quiet Observations*, de Erasmus Wilson, era publicada<sup>52</sup>. Bly também acompanhava as colunas de Bessie Bramble – pseudônimo de Elizabeth Wilkinson Wade, forte proponente de avanços sociais para mulheres e uma das jornalistas mais experientes da cidade.

Naquele ano, Erasmus Wilson escreveu uma série de matérias sobre o papel da mulher na sociedade: nelas, disse que a esfera de atuação das mulheres poderia ser definida unicamente pela palavra “lar”. Depois, em outro artigo, respondeu à carta de um pai – que não sabia “o que fazer das cinco filhas” jovens que não tinham se casado. Sua visão conservadora era tão absurda – ele chegou a mencionar as políticas chinesas de assassinar bebês meninas, ou vendê-las, como um recurso a que os Estados Unidos talvez tivessem de recorrer<sup>53</sup> –, que até Bessie Bramble escreveu uma resposta. Várias mulheres enviaram cartas à redação, mas a réplica que mais chamou a atenção de George Madden, o editor-chefe, era assinada por uma leitora anônima, que se intitulava *Lonely Orphan Girl*. Wilson e Madden ficaram impressionados com a qualidade da argumentação.

O colunista e o editor publicaram uma nota na seção de cartas do jornal, buscando a autora do texto anônimo. No dia 17 de janeiro de 1885, Elizabeth Jane Cochrane chega à redação do Dispatch – e logo se tornaria Nellie Bly. Em vez de publicar a carta na íntegra, Madden pediu a ela que escrevesse um artigo diferente, sobre a esfera de atuação das mulheres, e editou o texto pessoalmente. O texto foi impresso com a assinatura *Orphan Girl*. O segundo assunto, escolhido por Bly, foi o divórcio. Para esse texto, Madden pensou que ela precisava de um pseudônimo, já que mulheres não costumavam usar seus verdadeiros nomes nas matérias. Foi quando, entre as sugestões de repórteres e editores, Madden escolheu o nome Nellie Bly<sup>54</sup>.

---

<sup>52</sup> A coluna começou a ser publicada em julho de 1884 e seguiu estampando jornais por mais de três décadas. A partir de 1887, passou a circular no *The Pittsburgh Commercial Gazette* (Kroeger, 1994).

<sup>53</sup> O trecho completo, em inglês, é: “In China and other of the old countries, they kill girl babies or sell them as slaves, because they can make no good use of them. Who knows but this country may have to resort to this sometime—say a few thousand years hence? Girls say they would sooner die than live to be old maids, and young men claim they cannot afford to marry until they get rich because wives are such expensive luxuries” (Kroeger, 1994, p. 36). A correspondência entre o pai e Wilson seguiu e foi tema de mais uma coluna, em que Wilson defendeu que mulheres que se colocavam fora de sua esfera – doméstica – eram monstruosidades.

<sup>54</sup> Moretzsohn (2013) menciona que Bly adotou o pseudônimo em homenagem à heroína de uma canção popular da época. Kroeger (1994) cita um relato de Erasmus Wilson para afirmar que foi George Madden que escolheu o pseudônimo, mas não é possível afirmar que o nome foi escolhido em referência à canção popular *Nelly Bly*, do cantor de Pittsburgh Stephen Collins Foster. A música fazia referência a Nelly Bly, uma mulher escravizada que viveu na região.

Quando ela propôs uma série sobre mulheres trabalhadoras em Pittsburgh, tornou-se membro permanente da redação.

Bly escreveu a matéria em duas partes e, em vez de abordar as longas horas de trabalho das mulheres, escolheu tratar do que elas faziam após o expediente. Em seguida, a jornalista produziu uma série de oito reportagens sobre a condição das mulheres nas fábricas – as matérias demonstram como Bly ainda era apenas uma repórter iniciante e como os jornais ainda não tinham adotado práticas de verificação de informações. Os textos eram detalhados, mas completamente elogiosos às fábricas. O trecho mais controverso mencionava crianças trabalhando na fábrica, mas o tom não era negativo: Bly escreve que os empregadores contratam crianças como um ato de caridade às mães, que imploravam para deixá-las trabalhar.

Depois dessa sequência de publicações, Madden transfere Bly para o caderno feminino do periódico: ela passaria a escrever sobre moda, sociedade, jardinagem e artes. Aos poucos, a jornalista convenceu o editor a deixá-la fazer matérias de interesse geral e, depois, a ter uma coluna própria. Bly perfilou um famoso veterano de guerra e depois, a gerente de uma companhia de ópera, que Bly descreveu como a primeira mulher a possuir e dirigir sua própria companhia. Escreveu sobre a importância do plantio de árvores, fez matérias sobre moda, sobre uma seita e sobre uma nova doença. A coluna de Bly durou poucas semanas, até que Madden a destinou às pautas de moda novamente. Segundo Kroeger (1994), a frustração em relação ao cancelamento de sua coluna e aos temas que lhe eram pautados levou Bly a deixar o corpo permanente do *Dispatch* em 1886, embora ela tenha mantido boas relações com Madden e Wilson. Esse último, inclusive, seria amigo de Bly pelo resto de sua vida. Um novo texto de Bly apareceu no jornal em janeiro – provavelmente produzido como *freelancer* –, mas, quando a matéria foi publicada, ela já havia partido para o México.

Sobre esse período, Bly escreveria: “Há apenas alguns meses, eu tinha me tornado uma jornalista. Eu era muito impaciente para trabalhar com as funções usuais atribuídas a mulheres nos jornais, então tive a ideia de viajar como correspondente” (Bly, 1888)<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> No original, “Only a few months previous I had become a newspaper woman. I was too impatient to work along at the usual duties assigned women on newspapers, so I conceived the idea of going away as a correspondent”. Uma versão digital do livro está disponível em: <https://digital.library.upenn.edu/women/bly/mexico/mexico.html>. Acesso em: 9 dez. 2023.

Bly convenceu a sua mãe a acompanhá-la, e as duas deixam Pittsburgh no final de janeiro. A primeira coluna de Bly como correspondente foi publicada no *Dispatch* em 21 de fevereiro de 1886. Segundo relatos posteriores de Erasmus Wilson, ele e os editores teriam tentado dissuadir Bly da ideia de viajar, mas ela estava decidida a fazer algo que nenhuma outra garota tinha feito. Não era verdade – já existiam mulheres correspondentes, como a própria Bly descobriria no México. Mas esse tipo de ideia de pioneirismo fazia parte das percepções de Nellie Bly sobre si mesma durante toda sua carreira. De acordo com Kroeger (1994), Bly também acreditava que, como correspondente, poderia provar para os editores que ela conseguia escrever matérias que fugiam das editorias femininas.

As colunas sobre o México abordaram temas como os costumes locais, a política e a burocracia na Cidade do México, moda, cultura e qualquer acontecimento que chamasse a atenção de Bly. Kroeger (1994) afirma que ela tentava escrever sobre assuntos que iam contra os estereótipos sobre mexicanos que circulavam nos Estados Unidos – mas é preciso ter em conta os limites de perspectiva da própria jornalista: um exemplo é o texto em que Bly recomenda que mulheres de Pittsburgh contratem mexicanos como empregados domésticos, porque, segundo ela, são pessoas limpas, esforçadas e honestas, mesmo que um pouco lentas. Ela faz a ressalva de que a preparação da comida precisaria ser ensinada, porque para ela os pratos mexicanos eram “detestáveis” e o preparo não era higiênico.

Alguns textos produzidos por Bly no México se assemelham a colunas sociais, ao narrar os eventos frequentados por mexicanos famosos e estadunidenses morando no país. Bly se torna amiga de diplomatas e editores expatriados que falavam inglês, incluindo um editor do jornal *Two Republics*. Em um texto de março, ela criticou o encarceramento de um jornalista local que tinha escrito um editorial crítico ao governo. O *The St. Louis Globe-Democrat* cobriu a história que Bly noticiou, e o jornal chegou às mãos de autoridades no México. Segundo Bly, ela precisou antecipar a volta aos Estados Unidos por medo de ser presa. O editor do *Two Republic*, Theo Gestefeld, ajudou-a com as autoridades.

É interessante ver como a jornalista era sensível às críticas: em uma carta recebida durante seu período no México, um leitor mencionava o boato de que não era Bly quem escrevia seus artigos, mas o irmão dela. Bly escreveu sobre a carta e fez questão de desmentir o boato em um artigo no jornal.

De volta a Pittsburgh, o tom dos textos sobre o México mudou. Agora, Bly acusava a imprensa mexicana de não ter liberdade e criticava o presidente Porfírio Díaz e sua administração. Ela escreveu que o México era a “pior monarquia da atualidade”. No *Pittsburgh Dispatch*, voltou a trabalhar com arte, cobrindo teatro, pintura e escultura. Mas a fase duraria pouco: em janeiro de 1887, insatisfeita, ela abandonou a posição na redação do Dispatch, deixando apenas um bilhete para os colegas em que dizia: “Estou indo para Nova York. Fiquem de olho em mim” (Kroeger, 1994).<sup>56</sup>

Em maio de 1887, Nellie Bly chega a Nova York com o sonho de trabalhar para o jornal mais famoso da metrópole: o *New York World*, de Pulitzer. A primeira tentativa – e negativa – veio quando o *World* anunciou que enviaria um repórter para cobrir uma longa viagem de balão de ar quente. Ela se candidatou à tarefa, mas recebeu como resposta que essa seria uma pauta perigosa demais para uma mulher. Em julho, ainda desempregada, ela voltou a escrever colunas sobre temas femininos para o *The Pittsburgh Dispatch*. Era prática responder a cartas de leitores, e uma ideia de pauta surgiu de uma dessas correspondências. Uma leitora dizia que queria se tornar jornalista e perguntava se Nova York era um bom lugar para começar. Com o pretexto de entrevistar os editores dos principais jornais da cidade<sup>57</sup> para descobrir seus pontos de vista sobre a atuação de mulheres na imprensa, Bly finalmente conseguiu passar por portas até então fechadas para ela. Os editores contaram que mulheres costumavam ser piores no quesito precisão e que sua presença nas redações ocorria somente com inúmeras ressalvas. O texto foi republicado em outros jornais e repercutiu país afora, servindo como uma demonstração de sua habilidade como repórter, mais do que um currículo ou carta de recomendação.

Nessa reportagem, já é possível dizer que Bly usava alguma estratégia de disfarce, porque, para entrevistar Hepworth, do *The Herald*, ela fingiu estar se candidatando para um emprego na redação. Ela não revelou que o conteúdo da conversa se tornaria parte de uma reportagem.

Bly estava ficando sem dinheiro e, orgulhosa demais para voltar a Pittsburgh, vai à sede do *World* e consegue chegar ao escritório de John Cockerill, editor chefe do jornal de Pulitzer. As pautas que ela sugere não são aceitas, mas o editor lhe dá a ideia

---

<sup>56</sup> No original, “I am off for New York. Look out for me.” (Kroeger, 1994, p. 86)

<sup>57</sup> Bly entrevistou Charles A. Dana, do *New York Sun*; George Hepworth, do *The Herald*; John Cockerill, do *New York World*; Foster Coates, do *New York Mail and Express*; Robert G. Morris, do *The New York Telegram*; e Charles Ransom Miller, do *The New York Times* (Kroeger, 1994).

de se infiltrar no manicômio da ilha de Blackwell para relatar as condições das pacientes. Bly aceita a pauta e, para além da primeira reportagem no *World*, esta se torna a reportagem mais marcante de sua carreira.

A reportagem sobre o hospício foi publicada em duas partes, em edições de domingo do *World*, em 9 e 16 de outubro de 1887. Ela pôde assinar as duas matérias, o que era incomum mesmo para veteranos das redações. Dois meses depois, as matérias foram publicadas como um livro, com algumas edições de Bly e junto de duas outras reportagens que ela produzira para o periódico de Pulitzer. A investigação teve impactos dentro e fora das páginas: a repercussão foi pauta de diversos jornais e, em Nova York, a verba destinada a manicômios foi aumentada pela prefeitura e um júri foi convocado para investigar as condições do hospício.

Bly emendou o feito com duas novas reportagens: uma em que fingia ser uma empregada doméstica para relatar as práticas de agências de emprego para essas trabalhadoras; e outra em que se disfarçava como uma mulher solteira com um filho de que gostaria de se desfazer, com o propósito de denunciar a prática do tráfico clandestino de recém-nascidos. A matéria seguinte tratou das condições de trabalho de “escravas brancas”<sup>58</sup>, mulheres que trabalhavam em fábricas de caixas de papel. Neste curto intervalo de tempo, Bly já tinha ganhado imitadoras: Fannie B. Merrill, Viola Roseboro e Nell Nelson escreviam textos similares aos dela, embora não tivessem o mesmo estilo que alçou a jornalista a um *status* de celebridade. Conceição (2019) explica como Bly se tornou uma celebridade dentro de seu ofício, construindo uma imagem positiva de si a partir de seus feitos.

Em março de 1888, Bly fez outra denúncia, mais uma vez utilizando o disfarce. Na cidade de Albany, ela foi investigar acusações de suborno e corrupção a um famoso lobista, Edward R. Phelps. A jornalista se passou por esposa de um fabricante de medicamentos patenteados, que desejava barrar uma lei que prejudicaria seus negócios – Bly sabia que a lei não iria ser aprovada, mas, mesmo assim, Phelps lhe pediu dinheiro para comprar os votos de seis deputados. No campo do jornalismo, a matéria serve também como exemplo das práticas de apuração da época. Um comitê judiciário foi organizado na Assembleia Legislativa do distrito – órgão semelhante às Câmaras de Vereadores municipais hoje – para investigar Phelps, e Bly foi convocada a

---

<sup>58</sup> O termo original, *white slaves*, é usado também em reportagens escritas por outras jornalistas da época. Segundo Lutes (2006), o termo era usado naquele período como um eufemismo para mulheres que sofriam exploração sexual.

depor. Quando perguntaram se a repórter tinha guardado algum registro que fizera durante a apuração, Bly contou que era seu hábito rasgar e jogar fora suas anotações – o *World* chegou a publicar esse diálogo, uma demonstração de que o hábito não era incomum. Apesar de Phelps não ter sido condenado, ele não voltou à cidade após a denúncia.

Nesse período, a compilação das reportagens de Bly como correspondente foi publicada no livro *Six months in Mexico*. Dentre suas pautas no jornal, ela entrevista mulheres encarceradas e as esposas de candidatos à presidência, bem como atuais e antigas primeiras-damas, e faz mais uma reportagem de disfarce em uma clínica de caridade, fingindo estar doente – o disfarce quase vai longe demais quando o médico tenta remover as amígdalas de Bly. Em 1889, Bly maquina um de seus disfarces mais completos: arranja sua própria prisão sob acusação de furto qualificado. A denúncia da situação das prisões femininas faz com que uma mudança no quadro de funcionários seja feita, e as autoridades passam a colocar mais mulheres nas equipes dos presídios femininos.

O próximo assunto da repórter é a compra de bebês na cidade. Em agosto, um escândalo vira pauta de Bly: uma mulher mata a babá contratada pela família quando a funcionária descobre que o suposto filho da patroa havia sido comprado ilegalmente. Bly entrevista a mulher, que foi presa. Em 1889, o primeiro trabalho de Bly na ficção é publicado no *The Evening World*, a nova adição ao império de jornais de Pulitzer. São esses textos que se tornariam o livro *The mystery of Central Park*, única obra ficcional de Bly, que seria mal recebida pela crítica.

Alguns temas são recorrentes nos trabalhos de Bly, e a tentativa de desmascarar a competência de médicos aparece novamente em uma reportagem em que ela, sofrendo de enxaquecas reais, consulta sete especialistas conhecidos na cidade, e cada um deles lhe dá um diagnóstico e um tratamento diferentes.

No mesmo ano, o *World* enfrenta uma queda de 17 mil exemplares na circulação diária, e Pulitzer tenta recuperar seu sucesso com um feito inédito: enviar um repórter na missão de dar uma volta ao mundo em menos de 80 dias, o tempo que o personagem fictício Phileas Fogg<sup>59</sup>, de Júlio Verne, demorava para completar a viagem.

A ideia inicial era enviar um repórter homem, mas Bly insistiu e disse que, se o jornal enviasse um homem, ela começaria a viagem por conta própria no mesmo

---

<sup>59</sup> O livro de Júlio Verne, *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, foi publicado em 1873.

momento e chegaria antes dele. A esse ponto, os editores já a conheciam o suficiente para não duvidar disso, e ela partiu em novembro de 1889. Nos moldes da guerra sensacionalista por leitores, em seguida a revista *Cosmopolitan* enviaria Elizabeth Bisland para fazer o trajeto no sentido contrário de Bly e tentar bater o tempo da jornalista<sup>60</sup>. Bly passa pela Inglaterra, França, Itália, Egito, Iêmen, Sri Lanka, Malásia, Singapura, Hong Kong e Japão e volta para os Estados Unidos, chegando por San Francisco.

Jornalisticamente, as matérias enviadas por telégrafo por Bly não tinham grande valor de notícia. Ela passava tão pouco tempo em cada local, que era difícil descrever qualquer coisa interessante. O tom de Bly também demonstra um apego a estereótipos sobre pessoas de outros países e seus costumes. Mas Pulitzer fez o possível para lucrar em cima da aventura: promoveu um concurso em que os leitores tentaram adivinhar o tempo exato da duração da viagem e até criou um jogo de tabuleiro com os lugares visitados por Bly. Ela completa a viagem em 72 dias e é recebida com aclamação nos Estados Unidos. Apesar de afirmar não temer a concorrência de Bisland, em meio a uma tempestade perigosa no navio, no final da viagem, Bly escreve que se falhar, nunca retornará para Nova York, porque prefere “chegar morta e bem-sucedida a viva e atrasada”. Mas a jornalista da *Cosmopolitan* perde a partida de um navio, atrasando sua viagem em alguns dias e chegando depois de Bly.

Depois da viagem, Bly aceitou um contrato de três anos do editor N. L. Munro – o mesmo que publicou seus primeiros dois livros, para escrever ficção seriada para o *New York Family Story Paper*. O salário era extraordinário para a época, mas Bly não era uma boa escritora de ficção. Ela deixaria o *World* por razões que nunca foram esclarecidas, mas, em carta a um amigo, diz que se sentiu desvalorizada com a reação após seu retorno da volta ao mundo. Bly passa o período do contrato reclusa, relatando estar doente e com depressão. Além da ficção, ela ganha dinheiro dando palestras sobre a viagem ao redor do mundo.

Mas, em 1893, seu nome está de volta às páginas do *World*. Em uma completa reestruturação do quadro de editores do jornal, Pulitzer contrata Merrill Goddard, cuja primeira ação na redação é oferecer um trabalho para Nellie Bly. Ela publicou entrevistas e começou a escrever uma coluna própria. Sua habilidade enquanto

---

<sup>60</sup> O livro *Eighty days: Nellie Bly and Elizabeth Bisland's history-making race around the world* (2013) trata em detalhes da jornada ao redor do mundo das duas jornalistas.



colunista era limitada, e logo voltou a fazer reportagens detalhadas e *stunts*. O trabalho de disfarce já não era mais tão bem recebido, mas Bly também era habilidosa com entrevistas, sempre adicionando questões inesperadas e que destacavam seu estilo próprio de escrever. Quando cobre uma greve em Chicago, contra a Pullman Palace Car Company, em 1894, produz algumas de suas melhores matérias, partindo do ponto de vista dos trabalhadores e seus familiares.

No ano seguinte, Bly deixa Nova York para trabalhar por um breve período para o *The Times-Herald*, produto da fusão dos jornais *The Chicago Herald* e *The Chicago Evening Post*. Sua carreira em Chicago, no entanto, dura apenas cinco semanas, porque em seguida Bly se casa com Robert Livingston Seaman, um rico empresário da indústria metalúrgica, de cerca de 70 anos.

O casamento foi inesperado e de início não foi anunciado porque existiam conflitos entre os herdeiros de Seaman. Segundo o relato que o *World* publica, Bly conhecera Seaman no trem para Chicago dias antes do casamento. Pessoas próximas estimavam a fortuna dele em cerca de 3 milhões de dólares. O casamento foi conturbado. Bly tinha brigas com o irmão de Seaman e, em mais de uma ocasião, o marido enviou um detetive particular para segui-la.

Ainda casada, Bly voltou a escrever para o *World*, no período da mais acirrada competição por leitores entre Pulitzer e Hearst, mas logo deixaria o jornal para passar um período na Europa. O propósito da viagem era melhorar a saúde do marido, que já estava debilitada. A mãe, a irmã e a sobrinha de Bly a acompanham na viagem. Na Europa, o marido faz um novo testamento, em que deixa a empresa Iron Clad Manufacturing Company para Bly, bem como a casa em Manhattan e outras propriedades. Eles retornam para Nova York em 1899, quando a irmã de Bly, Catherine, morre. Em 1900, Robert Seaman é atropelado por uma carroça, morrendo algum tempo depois.

Com a morte do marido, Bly tomou conta da empresa. Por alguns anos, ela foi uma gestora que priorizava o bem-estar dos funcionários e destacava seu lugar como uma empresária excepcional – em um anúncio, Bly posava em uma foto ao lado da qual havia os dizeres “As fábricas Iron Clad são as maiores de seu ramo, controladas exclusivamente por Nellie Bly, a única mulher no mundo gerindo pessoalmente indústrias de tal magnitude”. Não era verdade, mas era do feitio de Bly dar destaque a

seu suposto pioneirismo e sucesso. O relativo sucesso levou Bly a fundar outra empresa, a American Steel Barrel Company, que produzia barris de aço.

A área em que ela não é tão bem-sucedida, as finanças, a leva à falência depois dos gerentes da empresa fraudarem cheques e roubarem o caixa. O processo jurídico se estende por anos, e Bly usa de seu poder e contatos – especialmente com Arthur Brisbane, do *New York Journal* – para fazer seu caso conhecido nos jornais.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Bly foi para a Europa, buscando primeiramente fugir da falência da sua empresa e dos problemas com a Justiça e, em segundo lugar, para cobrir o conflito que começava. Seu desempenho como correspondente de guerra para o *Journal* ficou distante do convencional. Ela não chegou a cobrir conflitos diretos, mas escrevia sobre a situação das pessoas na Áustria-Hungria e se tornou uma defensora política dos direitos de cidadania.

No final da vida, Bly retorna para os Estados Unidos e segue se envolvendo em causas sociais. Enquanto ela estava na Europa, seu irmão Albert ficara encarregado da empresa de barris, e algumas das propriedades e ações tinham ficado no nome da mãe de Bly. Uma marca do final de sua vida – que aparece nos textos que ela produziu – é a briga com a mãe pelas propriedades. Mary Jane morre sem voltar a ter uma boa relação com a filha.

De volta às páginas dos jornais, Bly escreve uma coluna para o *The New York Evening Journal*, em que não só responde a cartas de leitores mas busca atuar diretamente para resolver seus problemas, arranjando famílias para crianças órfãs e empregos para mulheres viúvas ou pobres, entre outras causas. Ela se envolve especialmente com uma menina órfã, de quem se torna uma espécie de madrinha, depois de abrigar pessoalmente a garota no quarto de hotel onde mora. Nellie Bly morreu em 27 janeiro de 1922, aos 58 anos, devido a uma broncopneumonia.

## 4.2 Síntese da reportagem

Neste subcapítulo, será apresentada uma síntese da reportagem *Dez dias num hospício*, publicada em duas partes, intituladas *Atrás das grades do hospital de alienados* e *Dentro do hospício*, produzidas pela repórter Nellie Bly e veiculadas no jornal *New York World* em outubro de 1887. A versão do texto que servirá de base para este

trecho e para a posterior análise<sup>61</sup> é a edição de 2021 de *Dez dias num hospício*, da editora Fósforo, que compila as duas reportagens e conta com um prefácio da jornalista brasileira Patrícia Campos Mello. Para dar maior profundidade ao contexto de apuração e redação das matérias, também usaremos a biografia de Nellie Bly, de Brooke Kroeger (1994).

Nellie Bly morava havia quatro meses em Nova York quando decidiu mais uma vez tentar a sorte na redação do jornal de Pulitzer. Exceto trabalhos pontuais como correspondente para o *Pittsburgh Dispatch*, Bly estava desempregada e havia perdido a bolsa com seus últimos dólares. Com dinheiro emprestado, ela foi à Park Row, rua que reunia a maior parte das grandes redações da metrópole. Lá, ela convenceu os seguranças do *New York World*, que a deixaram entrar na sala do editor chefe, John Cockerill. Ela já tinha conversado com o editor quando escreveu uma reportagem para o *Dispatch* tratando da presença (e ausência) de mulheres nos jornais da cidade.

Mas dessa vez seu propósito era outro: Bly ofereceu várias ideias de pauta para tentar uma posição no jornal. A sugestão principal era ir até a Europa e voltar aos Estados Unidos na classe mais baixa de um navio, para fornecer em primeira mão um relato da experiência dos imigrantes que chegavam em massa aos Estados Unidos naquele período. Cockerill não deu uma resposta às propostas de pauta imediatamente, mas lhe entregou 25 dólares para que ela não procurasse outros jornais enquanto ele tomava uma decisão. Em 22 de setembro, Bly voltou para mais uma reunião com o editor chefe. A pauta da viagem de navio foi rejeitada, por ser considerada uma empreitada muito complexa para uma novata, mas o editor tinha outra ideia.

Surgia ali a pauta que levaria Bly para dentro do manicômio da ilha de Blackwell: Cockerill sugeriu que ela fingisse insanidade para conseguir relatar a situação das internas no hospício. Em registros posteriores, há diferentes versões em relação à origem da ideia da pauta – em um texto biográfico sobre Bly produzido pelo *World*, a ideia é atribuída a Pulitzer; Bly falaria tanto que a pauta foi uma sugestão sua quanto que foi um pedido do jornal; e, em uma lista das reportagens mais notáveis do *World* redigida pelo próprio jornal, o crédito fica com Cockerill (Kroeger, 1994). De todo modo, alguns meses antes diversos jornais noticiaram relatos de tratamento abusivo em instituições na cidade. O *New York World* e o *New York Times* cobriram o tema em notícias e editoriais.

---

<sup>61</sup> A ser desenvolvida no capítulo 5.

Nellie Bly aceita a proposta de pauta e começa a se preparar para o disfarce. Na primeira reportagem (Figura 2), publicada em 9 de outubro de 1887, a repórter narra suas ações do momento em que recebe a pauta até ser internada no hospital Bellevue<sup>62</sup>, em Manhattan. Era um costume de Pulitzer colocar no cabeçalho das matérias títulos exagerados, várias linhas de apoio e ainda um apanhado de frases que resumiam a reportagem. As linhas de apoio da primeira matéria da série do hospício são: “O mistério da moça louca e desconhecida – O extraordinário relato de uma loucura fingida que convenceu a todos – Como Nellie Brown enganou juizes, repórteres e especialistas da área médica – Ela conta a história de como foi admitida no Bellevue Hospital sem que ninguém desconfiasse” (Bly, 2021, p. 19). A matéria sai em duas páginas inteiras assinadas por Bly, algo incomum na época especialmente para uma repórter iniciante (Kroeger, 1994).

Figura 2 – Excerto da edição do jornal *New York World* de 9 de outubro de 1887



Fonte: Nellie Bly Online. Disponível em: <https://nellielyonline.net/world-articles/>.

<sup>62</sup> O Hospital Bellevue é conhecido como o hospital público mais antigo dos Estados Unidos. Foi oficialmente fundado em Nova York em 1736. Em 1879, um pavilhão para tratar “os insanos” foi inaugurado. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1878875022011986> <https://www.archives.nyc/blog/2021/4/16/building-histories-the-bellevue-psycho-pathic-hospital-and-the-ri-vington-street-bath>

No texto, ela conta que acredita ter a coragem e a capacidade necessárias para simular loucura e convencer especialistas e autoridades, embora revele ter medo de passar tanto tempo na presença de pessoas loucas. Segundo Bly, as instruções de Cockerill para a apuração foram poucas, e cabia a ela criar uma estratégia para ser internada no manicômio. De acordo com Kroeger (1994), antes de começar a jornada de disfarce, Bly busca o advogado Henry C. Macdona para obter conselhos jurídicos. Inicialmente, ele não acredita que ela consiga passar em segurança pelo hospício<sup>63</sup>, mas depois aceita ajudá-la a obter imunidade por alguma eventual acusação posterior em relação ao disfarce. Ela também treina expressões na frente do espelho durante a noite, para tentar criar um disfarce credível de insanidade.

O plano de Nellie Bly começa em um abrigo temporário para mulheres na Segunda Avenida. A ideia é demonstrar traços de loucura até que as moradoras ou administradoras da casa chamem a polícia. Ela se apresenta como Nellie Brown, para que depois, no manicômio, pudesse ser identificada pelo pessoal do *World* por suas iniciais. Apesar da autoconfiança, que se mostra uma característica da jornalista, ela narra sentir medo de não conseguir enganar os médicos e de que fingir loucura e “ficar presa com um bando de lunáticas” alterem seu cérebro de forma que ela nunca volte a ser ela mesma.

Os textos citam diversos personagens-fontes. Para auxiliar na compreensão da síntese das reportagens, apresentamos a seguir (Quadro 1) a lista das pessoas que interagem com a repórter ou participam dos eventos descritos por ela. Trazemos apenas as personagens nomeadas por Bly.

**Quadro 1 - Personagens de *Dez dias num hospício***

<b>Personagem</b>	<b>Descrição</b>
Sra. Stanard	Ajudante da supervisora do abrigo. Ela conversa com Bly na primeira noite na casa. No dia seguinte, a acompanha na delegacia, na sala de audiências e na consulta com o médico.
Georgie	Filho de uma das moradoras do abrigo.
Sra. King	Uma das mulheres com quem Bly conversa na sala do abrigo após

<sup>63</sup> Kroeger (1994) menciona que escritores como Charles Dickens e a jornalista Margaret Fuller, do *New York Tribune*, já tinham visitado a ilha de Blackwell, mas ninguém antes de Bly tinha se colocado do lado dos “alienados”.

	o jantar.
Sra. Ruth Caine	Mulher com quem Bly conversa na sala do abrigo após o jantar. Acompanha Bly durante a noite e se preocupa com seu estado mental. Bly a descreve como uma pessoa gentil e diz ter pena dela por conta de sua preocupação com o que, na verdade, era um fingimento.
Tom Bockert	Um dos policiais que é chamado ao abrigo e conduz Bly até a delegacia.
Capitão McCullagh	Policial responsável na delegacia a que Bly é levada. Ela teme que ele a reconheça porque, dias antes, Bly havia conversado com ele na apuração para outra reportagem.
Juiz Duffy	Juiz que decide enviar Bly ao hospital Bellevue, após interrogá-la na sala de audiências de Essex Market.
Srta. Mary Ball	Enfermeira encarregada do corredor no Hospital Bellevue.
Srta. Anne Neville	Paciente internada no hospital. Segundo Bly, ela ficara “doente de tanto trabalhar”.
Sra. Fox	Paciente do Bellevue. Não falava muito com Bly.
Srta. Scott	Enfermeira do Bellevue. Bly a descreve como uma pessoa rude.
Sra. Louise Schanz	Paciente alemã que é levada para o Bellevue e não consegue se comunicar em inglês. Quando as pacientes são transferidas para o manicômio da ilha de Blackwell, Louise adoece.
Dr. Field	Médico do hospital Bellevue.
Srta. Tillie Mayard/Maynard <sup>64</sup>	Jovem que chega ao hospital depois de ter sofrido com uma doença e desenvolvido “uma debilidade nervosa”.
Diretor O’Rourke	Diretor do hospital Bellevue.
Srta. Grupe	Enfermeira do manicômio de Blackwell.
Dr. Kinier	Clínico do manicômio.
Srta. McCarten	Enfermeira do manicômio.
Dr. Frank H. Ingram	Superintendente assistente do manicômio.
Srta. Grady	Enfermeira-chefe do manicômio.
Dr. Dent	Superintendente que fiscaliza o manicômio.
Matilda	Mulher alemã que foi internada no manicômio após perder todo seu dinheiro.
Josephine Despreau	Mulher francesa internada no manicômio.
Sarah Fishbaum	Uma moça jovem e bonita, que mal falava inglês e foi internada no manicômio.

<sup>64</sup> Bly se refere a ela tanto como Tillie Mayard como Tillie Maynard.

Mary Hughes	Paciente internada no manicômio que, segundo Bly, não demonstrava nenhum traço de loucura.
Gretchen	Moça alemã jovem que é internada no manicômio.
Burns	Enfermeira da noite do Corredor 6 do manicômio.
Pauline Moser	Moça irlandesa que foi internada no manicômio.
Srta. Kroener, Srta. Fitzpatrick, Srta. Finney e Srta. Hart	Pacientes internadas no corredor 7 do manicômio.
Enfermeira Conway	Enfermeira da noite do Corredor 7.
Dr. Caldwell	Médico do Corredor 7.
Cotter	Mulher que foi enviada à ala de pacientes violentas por ter falado com um homem.
Brigdet McGuinness	Mulher que foi enviada a uma das alas para pacientes perigosas e que, para Bly, parece ser lúcida.
Peter A. Hendricks	Advogado que retira Bly do hospício.

Fonte: a autora (2024)

No abrigo, ela começa a encenação de loucura. Para a auxiliar da supervisora do abrigo, a sra. Stanard, Bly diz repetidas vezes que “é tudo tão triste”, conta que nunca teve um trabalho e não sabe trabalhar, e reclama que as mulheres do abrigo lhe parecem loucas. Ela menciona também que há muitas pessoas loucas pela cidade. Bly continua sua atuação, agora direcionada para outras moradoras do albergue – pede para conversar com duas delas e mantém uma expressão triste, respondendo de forma breve e apática às questões que lhe colocam. Ela mobiliza a ideia de loucura diversas vezes em diálogos no abrigo – de início, não são as outras que dão destaque ao comportamento de Bly, mas ela mesma que menciona continuamente que as pessoas do abrigo parecem loucas. É interessante notar que é a repórter que coloca as palavras “louca” e “loucura” em circulação, revelando consciência dos efeitos que esse discurso produziria nos demais.

Uma das moradoras, a sra. Caine, acompanha Bly durante a noite. Tenta convencer Bly a se deitar, mas ela se recusa e passa a noite em claro. Nesse ponto as demais moradoras já estão tecendo comentários sobre a insanidade de Bly – algumas dizem: “Coitada dessa maluca!”, “Tenho medo de ficar aqui com essa criatura louca na casa” e “Até amanhecer ela vai ter matado a gente” (Bly, 2021, p. 32). Surge até a sugestão de trancar Bly em um quarto para não machucá-las.

Pela manhã, Bly começa a reclamar de ter perdido alguns baús com seus pertences, e as hóspedes continuam com medo da estranheza daquela personagem. Uma das residentes sugere chamar a polícia, e é o que a sra. Stanard, supervisora do abrigo, faz. O plano de Bly dá certo: ela é levada até a delegacia. Lá, ela encontra o capitão McCullagh e teme ser reconhecida, porque dias antes havia solicitado ao policial informações para outra matéria que estava apurando. Os policiais encaminham Bly à sala de audiências da Polícia de Essex Market, onde o juiz Duffy interroga a jornalista. Ela diz mais uma vez ser Nellie Brown e conta que havia perdido seus baús e estava à procura deles. Responde de forma confusa quando ele pergunta sobre a vinda para Nova York, dizendo inclusive que veio de Cuba mas não lembra de sua cidade natal. Ela também diz algumas frases em espanhol. Como não consegue concluir muita coisa com a fala de Bly, o juiz pede mais informações para a sra. Stanard.

O juiz Duffy lamenta a situação de Bly, afirmando que “não tem dúvida de que [ela] é a queridinha de alguém” (Bly, 2021, p. 41), devido a seus “modos de dama”. O juiz diz ter certeza de que alguém deve estar procurando Bly e desconfia de que ela tenha sido drogada. Quando um dos policiais sugere enviá-la para Blackwell’s Island, a sra. Stanard protesta: “ela é uma dama e ia morrer se fosse mandada para lá” (Bly, 2021, p. 42). O juiz decide então pedir que Bly seja avaliada no hospital Bellevue – é o primeiro passo para depois ser encaminhada para a ilha de Blackwell. Da sala de audiências, Bly vai para o consultório de um médico. Ela se nega a responder às perguntas do médico e, nesse trecho, relata preocupação com a credibilidade do disfarce. Ela pode atuar, mas não sabe como fingir loucura em nível físico – como saber se, ao medir a sua pulsação e avaliar suas pupilas, o médico vai considerá-la louca ou não? O médico também faz perguntas para a sra. Stanard, que segue ao lado de Bly. Ele conclui que ela foi envenenada por beladona. Quando o médico menciona as pupilas, Bly responde que ela é mesmo míope: “Achei que deveria ser honesta quando possível, desde que não prejudicasse o andamento do meu caso [...]” (Bly, 2021, p. 45).

Em seguida, ela é colocada em uma ambulância, acompanhada pelo médico e pelo policial. Ao longo de todo o texto, Bly destaca a importância dos momentos que ela vive durante essa investigação. Neste trecho, por exemplo, ela afirma: “Jamais me esquecerei daquele trajeto” (Bly, 2021, p. 46). A marca de relevância dos acontecimentos para ela parece reforçar a importância também para o leitor.



Quando narra a chegada no hospital Bellevue, Bly escreve: “Eu enfrentara com êxito as provações que me aguardavam no abrigo de mulheres e na delegacia de Essex Market, e agora estava certa de que não fracassaria” (2021, p. 48). Ao mesmo tempo, novamente a jornalista relata sentir medo, ao escutar “gritos de loucura” vindos de uma parte do hospital. Já internada, Bly descreve o ambiente e as internas da ala de “pacientes loucas”. Uma delas é a srta. Neville, uma mulher que ficou “doente de tanto trabalhar”. Bly se alegra ao perceber que a moça não é insana – tanto por provar que o seu disfarce pode ser bem sucedido, já que há outra mulher internada sem uma patologia aparente, quanto por significar que ela não ficaria sozinha entre “loucas”.

Outras pacientes chegam ao hospital durante a estada de Bly. Uma das mulheres, a sra. Louise Schanz, é alemã e não consegue se comunicar. Todas as internas passam muito frio na ala do hospital, mas, quando reclamam para as enfermeiras, ouvem que não se pode esperar mais do que aquilo em uma instituição de caridade.

Assim como o médico da delegacia, no hospital o clínico classifica Bly como demente: “é um caso perdido”. Na consulta, Bly mais uma vez diz ser de Cuba e se recusa a contar sua história de vida para a enfermeira. Nesse trecho, a repórter expressa ter perdido o respeito pela capacidade dos médicos, depois de ter conseguido convencer dois especialistas de sua loucura. “Tive certeza de que nenhum médico sabe dizer se uma pessoa era louca ou não, a não ser nos casos mais violentos” (Bly, 2021, p. 54).

Tanto enfermeiras de outros turnos quanto jornalistas aparecem na ala, curiosos para saber quem era Nellie Brown. Bly passa por mais duas consultas com um médico que ela descreve como um “jovem muito bonito”. Durante as consultas das demais pacientes, ela tenta ouvir junto à porta e percebe que todas as conversas com o médico são praticamente idênticas, com as internas negando terem alucinações.

Depois de passar um sábado e um domingo no hospital, na segunda-feira as mulheres são levadas ao manicômio da Ilha de Blackwell<sup>65</sup>, de barco. Quando chegam à ilha, Bly pergunta ao homem que a havia carregado até a ambulância o que era aquele lugar, ao que ele responde: “Blackwell’s Island, um lugar de gente louca do qual

---

<sup>65</sup> A ilha fica no East River, entre os bairros de Manhattan e do Brooklyn. Em 1928, o município de Nova York comprou a ilha, que pertencia à família Blackwell, com o propósito de construir uma cadeia e um hospício. O manicômio foi fundado em 1839, como o primeiro hospital psiquiátrico municipal dos Estados Unidos, e funcionou até 1894. Hoje, a ilha é conhecida como Roosevelt Island, e abriga majoritariamente prédios residenciais.

<https://ajp.psychiatryonline.org/doi/full/10.1176/ajp.2007.164.4.581#:~:text=In%201828%2C%20New%20York%20City,hospital%20in%20the%20United%20States>

ninguém consegue sair” (Bly, 2021, p. 63). Nellie Bly encerra a primeira reportagem dizendo que há muito a contar dos dez dias de experiência no manicômio.

É nesta segunda parte que Bly realmente chega ao manicômio da ilha. A segunda reportagem (Figura 3), publicada em 16 de outubro de 1887, traz estas linhas de apoio: “A experiência de Nellie Bly no hospital de Blackwell’s Island – Como as alas dos desafortunados da cidade são mantidas – Os terrores dos banhos frios e das enfermeiras cruéis e insensíveis – Funcionárias que abusam das pacientes e zombam de suas desgraças”. Nessa matéria, o nome de Bly já aparece no próprio título, em vez de apenas como assinatura.

Figura 3 – Excerto da edição do jornal *New York World* de 16 de outubro de 1887



Fonte: Nellie Bly Online. Disponível em: <https://nellielyonline.net/world-articles/>

Uma vez dentro do manicômio, Bly diz se sentir satisfeita por ter alcançado seu objetivo profissional, mas o sentimento se dissipa assim que ela percebe a angústia das demais pacientes. Tillie Mayard<sup>66</sup>, uma jovem que também estava internada no hospital

<sup>66</sup> No texto, Bly utiliza tanto “Mayard” quanto “Maynard” como sobrenomes de Tillie.

de Bellevue e acompanha Bly no trajeto, lhe diz que, como os médicos se recusam a ouvi-la, tentará ficar quieta até arranjar um jeito de fugir. Por mais que saiba que tem sua saída garantida do manicômio em alguns dias, Bly se compadece pelas situações vividas pelas outras mulheres. Mesmo assim, ela relata que era incômodo ser considerada uma das mulheres loucas da instituição.

Na segunda reportagem, Bly narra em ordem cronológica os acontecimentos de seu primeiro dia no hospício e, em seguida, resume os principais problemas e situações de injustiça que presenciou na instituição.

**Figura 4 – Ilustração do manicômio da Ilha de Blackwell em 1866**



Fonte: Picture Collection, The New York Public Library. <sup>67</sup>Disponível em:

<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e0-d3da-a3d9-e040-e00a18064a99>

Bly se indigna com a falta de intérprete quando escuta a consulta da sra. Louise Schanz, que só falava alemão. A enfermeira do corredor, srta. Grupe, também é de origem alemã, mas se recusa a traduzir a fala da interna. Sobre a ocasião em que ouve as consultas das outras pacientes, Bly escreve: “Naquele momento decidi fazer todo o

<sup>67</sup> A Biblioteca do Congresso Americano disponibiliza um vídeo panorama da ilha de Blackwell, datado de 1903. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/00694366/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

possível para garantir que minha missão beneficiasse minhas irmãs sofredoras; para mostrar que são internadas sem uma avaliação cuidadosa” (Bly, 2021, p. 69). Durante sua própria consulta, o médico diz ter visto um artigo sobre a história dela no *The Sun* e faz as mesmas perguntas de costume, sobre seu nome e sua origem.

Na hora do banho, as enfermeiras ameaçam usar força caso as pacientes não obedeçam. Bly narra que uma das pacientes ajudava a esfregar as demais com um farrapo de pano, enquanto elas entravam em uma banheira cuja água fria não era trocada. “Se alguma vez na vida eu de fato pareci louca foi quando me vestiram, ainda encharcada [...]”, escreve Bly (2021, p. 77). Depois, ela descobre que os banhos só acontecem uma vez por semana e os vestidos eram trocados mensalmente. Só quando visitas ocorriam é que havia alguma preocupação das enfermeiras com o asseio das pacientes. Era típico de Bly mencionar sua aparência, e ela lamenta que seu cabelo vistoso ficou molhado. No relato do dia seguinte, ela conta que só havia duas toalhas no banheiro, compartilhadas até com pacientes que tinham problemas de pele. As enfermeiras também usavam os mesmos pentes em todas as pacientes.

O trecho seguinte traz as reflexões de Bly sobre a falta de segurança da instituição: ela conta como é quase impossível deixar o prédio caso ocorra um incêndio. Todas as portas são trancadas e há grades nas janelas. Segundo ela, as enfermeiras e guardas não hesitariam em deixar as pacientes para trás. Aqui, ela introduz a figura do dr. Ingram, o superintendente assistente do hospital que se tornaria amigo de Bly depois do seu período no hospício (Kroeger, 1994). Ele conta para a jornalista que, no prédio onde ela estava, havia cerca de 300 mulheres. Bly questiona, então, por que Ingram não faz algo para mudar a realidade do hospício, se também sabe que as internas não teriam socorro no caso de um incêndio.

No manicômio, são as pacientes que realizam todas as tarefas de limpeza, inclusive faxinar os quartos e lavar as roupas das enfermeiras. Quando não há atividades, as pacientes são obrigadas a ficar na sala de convivência, sentadas em uma posição ereta. As enfermeiras não permitem que elas se movam pela sala ou que voltem para os quartos. Ao ser forçada a passar horas a fio sentada, Bly conclui que aquele tipo de “tratamento” era suficiente para enlouquecer uma mulher perfeitamente lúcida e saudável em dois meses. “À exceção da tortura, que tratamento levaria uma pessoa à loucura com mais rapidez?” (Bly, 2021, p. 86).

Uma das cenas que deixa Bly horrorizada ocorre em um dia que as enfermeiras levam as internas para uma caminhada. No pátio, ela vê várias fileiras de mulheres imundas presas por cintos largos de couro a uma corda, que fica amarrada em um carro. Uma das mulheres explica para Bly que aquelas são as pacientes mais perigosas da ilha, que ficam alocadas em um chalé.

Em uma ocasião, o superintendente Dent, encarregado de fiscalizar o manicômio, visita a sala de convivência onde Bly está. Ela incentiva que as outras pacientes contem como sofrem com o frio e a falta de roupas aquecidas, mas todas se negam porque receberiam uma surra das enfermeiras caso reclamassem.

A comida servida às internas também é assunto de um trecho da reportagem. Não havia garfos ou facas e os alimentos frequentemente estavam frios, estragados e sem sal. Nas caminhadas pelo pátio, as pacientes viam a cozinha dos médicos e enfermeiros, que era separada, e notavam que a comida oferecida era muito melhor para os funcionários. Quem se recusava a comer era punida e, em uma ocasião, Louise, a moça alemã, passara vários dias sem comer e depois, desapareceu. Bly descobriu que ela tinha sido acometida por uma febre alta e, mesmo assim, as enfermeiras obrigavam as demais pacientes a levar a comida que mulheres saudáveis recusassem para Louise.

O frio também levava as pacientes a adoecerem. Tillie Mayard era uma das pacientes que mais sofria com a temperatura baixa. Quando Bly tentou avisar o superintendente da situação, foi ignorada. Mayard tenta consultar o médico, mas as enfermeiras a impedem. Depois, Bly descobre que o superintendente procurou Mayard e, como solução para o frio, beliscou o rosto dela até ficar vermelho. A moça ficou com uma terrível dor de cabeça e depois adoeceu. Em diversas situações, as enfermeiras abusam e agridem as pacientes. Bly argumenta que Mayard enlouqueceu devido ao tratamento da instituição e questiona: mesmo se ela de fato fosse louca, deveria ser tratada assim?

No trecho final, Bly narra histórias de novas pacientes que chegam ao corredor onde ela está internada e em seguida conta dos casos de mulheres “aparentemente sãs”. Aqui, além do que relata a partir do que vive na própria pele, Bly mostra um trabalho de entrevista, em que buscou apresentar algumas das mulheres daquele lugar. Às pacientes, ela pergunta como elas foram parar na ilha de Blackwell e de que forma têm sido tratadas. Os abusos são diversos: as enfermeiras estrangulam pacientes, distribuem surras, gritam e caçoam das mulheres. Ao fornecer informações sobre as

origens das pacientes, Bly expõe como não é preciso muito para ser considerada louca – uma das moças é enviada para o manicômio porque pediu auxílio governamental e outra, porque discutiu com colegas de trabalho.

Junto de outras internas, Bly é transferida para outro corredor, onde conta que o tratamento é menos cruel mas, ainda assim, as enfermeiras são rudes e dão tapas no rosto de algumas pacientes.

Uma passagem do final da reportagem demonstra como Bly mantinha limites: “Eu planejava fazer com que me levassem para as alas violentas, o Chalé e o Retiro, mas quando consegui os depoimentos de duas mulheres sãs e pude registrá-los, decidi não arriscar minha saúde – e meus cabelos – e não me mostrei violenta” (Bly, 2021, p. 105). Ou seja, por mais que ela afirme que acreditava no sucesso de seu disfarce e na sua coragem para investigar a situação, ainda havia uma noção de autopreservação. A menção aos cabelos se deve ao fato de que uma das mulheres que Bly entrevistou conta que apanhou com um pau de vassoura e foi amarrada em uma banheira de água gelada até perder os sentidos. Em outra ocasião, bateram a cabeça dela no chão e arrancaram seus cabelos – Bly conta que viu as marcas. Outra paciente levou tantas surras das enfermeiras, que duas de suas costelas foram quebradas. Essa última narra também o caso de uma interna que morreu após um banho frio. As mulheres que ficavam no chalé, “o pior lugar da ilha”, não recebiam água nem quando eram obrigadas a tomar remédios que causavam sede.

Em um de seus últimos dias no hospício, Bly quase é desmascarada quando um jornalista que a conhecia das redações de Nova York vai até o hospital para entrevistar a paciente misteriosa, também ele disfarçado e fingindo ser um homem que buscava uma familiar perdida (Kroeger, 1994). Bly consegue sussurrar um pedido para que ele não entregue o seu disfarce, e sua identidade como Nellie Brown segue intacta no manicômio.

No dia 4 de outubro, o advogado Peter A. Hendricks é enviado pelo *World* para solicitar a saída de Bly do manicômio. A justificativa dada aos responsáveis pela instituição é que Nellie Brown ficaria aos cuidados de amigos a partir dali. Bly sai da ilha sentindo alívio, mas tristeza: “Eu fui uma delas por dez dias. Por mais tolo que pareça, pareceu-me um ato de imenso egoísmo deixar que continuassem vivendo aquele sofrimento. Senti um desejo quixotesco de ajudá-las por meio de minha compaixão e de minha presença. Mas isso durou pouco. As grades se abriram e a

liberdade pareceu-me mais doce do que nunca” (Bly, 2021, p. 106). Do medo de ser considerada uma das mulheres loucas, Bly passa a um sentimento de empatia pelas colegas do hospício.

Mesmo antes de Bly escrever as reportagens para o *World*, o nome Nellie Brown já repercute nas páginas dos jornais de Nova York. Quando ela é interrogada, o juiz Duffy chama repórteres, esperando que, ao dar publicidade para o caso, a família da suposta garota perdida possa ser achada. O *New York Sun* publica uma matéria intitulada “Quem é essa garota insana?”<sup>68</sup>. Em 26 de setembro, o *New York Times* também divulga um texto sobre a mulher misteriosa abandonada no hospital. Para o *New York Herald*, um médico encarregado da ala de doentes mentais do Bellevue diz que as condições de Bly – a perda de memória, a apatia, os espasmos nas mãos – são todas indicativas de histeria; e, para o *The Evening Telegram*, o mesmo especialista diz que Bly era, sem dúvidas, insana. Somente um administrador do Bellevue, William O'Rourke, fala para o *The Sun* que suspeita que ela seja uma impostora (Kroeger, 1994).

Quando a primeira reportagem é publicada no *World*, os jornais que haviam noticiado a (falsa) história da jovem insana abandonada adotam diferentes abordagens: o *New York Times* não noticia mais o tema, e o *The Sun* entra em contato com médicos e funcionários do manicômio para produzir uma matéria sobre os eventos antes da segunda parte do texto de Bly sair. Como era prática de Pulitzer aproveitar todo tipo de repercussão, trechos das matérias do *The Sun* foram republicadas no *World*. Bly depois escreveu outra reportagem refutando declarações que médicos, enfermeiros e gerentes das instituições deram em entrevista aos jornais.

Os impactos da reportagem renderam outros textos para o *World*. Depois da denúncia de Bly, o departamento da prefeitura responsável pelas prisões, hospitais, manicômios e outras instituições recebeu um aumento de 850 mil dólares no orçamento para o ano seguinte. Um grande júri para investigar as condições do manicômio também foi formado – e o *World* divulgou o acontecimento como sendo fruto exclusivamente do trabalho de Bly. Segundo Kroeger (1994), a sequência de eventos, na realidade, foi diferente: antes mesmo da reportagem ser publicada, já havia uma solicitação para aumento do valor destinado à melhoria de instalações no manicômio. Quando Bly e o restante do júri visitaram a ilha, ela notou várias melhorias no ambiente do hospício – embora não tenha conseguido encontrar várias de suas

---

<sup>68</sup> No original, “Who is this insane girl?”

colegas e algumas delas estivessem em pior estado de saúde. Em suma, as reportagens de Bly adicionaram peso às denúncias de abusos que já circulavam sobre o hospício da ilha de Blackwell, mas não foram as únicas responsáveis pelas mudanças.

**Figura 5 – Capa do livro *Ten Days in a Mad-House*, de 1887, de Nellie Bly**



**Fonte: Kroeger, 1994**

Dois meses depois da circulação das reportagens, *Ten Days in a Mad-House* é publicado em formato de livro (Figura 5). A edição conta com reflexões adicionais escritas por Bly; um capítulo extra narrando seu retorno à ilha e as mudanças que vê no manicômio; e ainda outras duas reportagens de disfarce produzidas para o jornal, para que o texto alcançasse tamanho suficiente para impressão.



## 5 EU REPÓRTER

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para dar conta do trabalho. A teoria escolhida como ferramenta de pesquisa foi a Análise do Discurso (AD). Primeiro, abordamos os principais conceitos da AD mobilizados, a partir da leitura de Benetti (2007; 2016) e Orlandi (2001). Utilizamos principalmente a noção de *ethos*, de Maingueneau (2013; 2014; 2020), a fim de investigar os atributos relacionados à imagem de si que Bly constrói no texto. Em seguida, elencamos as etapas da análise e, por fim, relacionamos e debatemos os núcleos de sentido identificados na reportagem.

### 5.1 Metodologia

A Análise do Discurso de linha francesa é o dispositivo metodológico adotado neste trabalho por seu caráter de problematização da linguagem. A AD busca entender *como* um discurso funciona. Essa linha teórica compreende a linguagem como um mecanismo opaco, que se apresenta como se fosse transparente – embora os sentidos pareçam evidentes, na verdade, eles só se revelam após a observação das camadas do discurso (Benetti, 2016). Isso porque o funcionamento da linguagem é complexo, envolve a ideologia e está enraizado em determinado contexto histórico.

A partir de Bakhtin<sup>69</sup>, a AD postula que a linguagem é sempre dialógica, e essa característica se manifesta na intersubjetividade – a relação entre sujeitos – e na interdiscursividade – a relação entre discursos (Benetti, 2016). Nessa linha, “o texto é uma materialidade discursiva em potência, que se concretiza ao produzir sentidos por um sujeito que o enuncia ou interpreta” (Benetti, 2016, p. 236). Ou seja, os sentidos, que não estão dados, só se constroem no espaço relacional entre enunciador e interlocutor.

A interdiscursividade também pode ser chamada de *memória discursiva*, porque envolve a retomada e a reconfiguração de elementos já ditos em outro lugar. O discurso é sempre marcado pela presença de outros discursos – como o discurso

---

<sup>69</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. São Paulo: Forense, 1981.  
BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

jornalístico, constantemente atravessado pelos discursos jurídico, científico ou histórico, entre tantos outros. Assim, sentidos construídos no campo jurídico, por exemplo, são retomados no jornalismo sem perder a filiação original às chamadas *formações discursivas*. Essas formações, que podem ser entendidas como núcleos de sentido delimitados, dão origem a textos muito diversos.

Os sentidos relativos a uma formação discursiva estão dispersos em vários textos, ou espalhados ao longo de um texto, e é o analista de discurso que os localiza. Para mapear os sentidos, que estão sempre dispostos de modo desorganizado e fragmentado, o analista procura compreender as características de cada formação discursiva, aquilo que a define e a distingue das demais. “A delimitação de uma formação discursiva se dá *na relação* com outras formações discursivas, em um movimento de tensionamento, complementação ou distinção” (Benetti, 2016, p. 240, grifo da autora).

Nesse movimento de aproximação e distanciamento, configuram-se duas maneiras de construção do discurso: a paráfrase e a polissemia. A polissemia se refere ao desvio, à criação de sentidos diferentes, às múltiplas possibilidades. Neste trabalho, a paráfrase é o mecanismo discursivo que mais nos interessa. “A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização” (Orlandi, 2001, p. 36). Assim, a paráfrase permite aos analistas de discurso mapear os sentidos predominantes de determinado texto, por meio da repetição e da frequência. Como em outros tipos de discurso, os sentidos veiculados no texto jornalístico são intenções de interpretação. “A pretensão de desambigüizar o mundo (MARIANI, 1998), que sustenta o jornalismo a partir de seu objetivo de relatar ‘fielmente’ os acontecimentos, revela-se frágil e ilusória sempre que problematizada pelo viés da linguagem” (Benetti, 2007, p. 108). Ou seja, embora o movimento da paráfrase se destine a reforçar um sentido, através da reiteração, nada garante que essa seja a interpretação do interlocutor. Como o discurso é uma tensão permanente entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, estamos tratando sempre de uma interpretação – mesmo no processo de investigação como analista do discurso.

O jornalismo, segundo Benetti (2007) é dialógico, polifônico e opaco. O discurso jornalístico é efeito e produtor de sentidos, e elaborado em condições específicas. Por ser uma narrativa situada historicamente e que trabalha com

representações, o jornalismo não consegue retratar a realidade de forma absolutamente fiel. Nessa direção, Hall (1993) afirma que, ao representar, o jornalismo ajuda a reforçar ou apagar mapas culturais de significados. Assim, os jornalistas ajudam a estabelecer supostos consensos sobre valores e atitudes. É interessante pensar que, em *Dez dias num hospício*, Nellie Bly contribui com uma espécie de mapa cultural metadiscursivo: o texto jornalístico reforça um dever-ser do próprio jornalismo, indicando os valores e as práticas relacionadas ao bom repórter. Aqui, com a articulação com Maingueneau (2013; 2014; 2020) e sua leitura do conceito de ethos, podemos pensar que Nellie Bly, ao sustentar seu discurso em um relato do eu, veicula também sentidos sobre a posição ocupada por jornalistas mulheres nos Estados Unidos do final do século XIX. A autorreferencialidade aponta, para além do individual, para um cenário de construção da imagem da figura do bom repórter.

Para Lopes (2011, p. 273-274), os textos autorreferenciais são um campo de embates significativos: “os jornalistas reforçam valores, constroem sua memória, apresentam-se à sociedade como detentores de um poder de fala, expõem características de seu trabalho que eles acreditam ser importantes, relembram fatos da memória coletiva envolvendo a categoria, colocam se em oposição a outros grupos”.

Benetti (2016) distingue quatro tipos de aplicação da AD: a análise dos sentidos; dos sujeitos; do silenciamento; e da estruturação do discurso. Este trabalho tem o objetivo de fazer uma análise dos sentidos do discurso.

O primeiro passo do pesquisador, para a análise de sentidos, é enxergar a existência de duas camadas no texto: a primeira, mais visível, é a camada discursiva; a segunda, só evidente quando aplicamos o método, é a camada ideológica. Essa segunda camada é que explica o processo de atribuição de sentidos que muitas vezes são tomados como literais, naturais ou verdadeiros, como se fossem a única interpretação possível. (Benetti, 2016, p. 247)

Assim, o conceito de paráfrase é mobilizado porque se busca as marcas discursivas dos sentidos, notando o que é repetido de forma mais ou menos frequente. O problema de pesquisa é o que define os sentidos a serem mapeados. “No método da análise, fazemos o caminho inverso do discurso: partimos do texto para o que lhe é anterior e exterior” (Benetti, 2016, p. 247-248). Neste trabalho, isso significa que buscamos as marcas do ethos construído por Nellie Bly como jornalista. Com a teoria do ethos de Maingueneau (2013), partir do texto para o exterior quer dizer basear-se na reportagem para chegar à imagem de si que Bly busca apresentar ao leitor de forma dispersa, aparentemente desorganizada, mas reiterada. Isso significa também chegar a

alguns elementos do ethos pré-discursivo, ou seja, a valores da época sobre o jornalismo. “O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia *em outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário” (Benetti, 2007, p. 111). Como só temos acesso ao próprio texto de Bly, produzido em condições particulares, não podemos avaliar o ethos efetivo – ao menos da época –, mas é possível investigar os valores implicados no discurso da jornalista.

Lidamos também com os valores e sentidos que aparecem *encaixados* no discurso de Nellie Bly. Maingueneau (2020) propõe o encaixamento como um mecanismo de enunciações subordinadas. Quando uma fonte é citada em uma reportagem, por exemplo, é seu ethos específico que está sendo colocado no texto. No entanto, sabemos que o texto foi escrito – enunciado – pelo jornalista: logo, o ethos da fonte está encaixado no discurso do jornalista, e sujeito a mudanças e contextualizações fora de seu controle. No caso de Bly, sabemos que é ela que seleciona e edita as falas dos personagens, portanto o que esses outros sujeitos dizem sobre ela é uma construção complexa da imagem da própria Bly. Da mesma maneira, por colocar-se explicitamente como repórter, o que ela diz sobre outros jornalistas acaba retornando para compor sua própria imagem. Esses são exemplos de ethos encaixado, que vamos apontar em alguns momentos da análise.

### 5.1.1 Objeto empírico e etapas da análise

A organização da análise depende do tipo de texto e de sua extensão. Neste trabalho, nosso objeto empírico é constituído pelo livro *Dez dias num hospício*, que contém a reportagem originalmente publicada em duas partes no jornal *New York World*. Consideramos o livro um objeto empírico interessante porque é representativo do período histórico que pesquisamos. Pelo tamanho da reportagem e pela riqueza do corpus, consideramos o material suficiente para analisar e perceber a estabilidade do discurso.

Utilizamos, na pesquisa, a edição brasileira traduzida por Ana Guadalupe e publicada pela editora Fósforo em 2021. Esta edição brasileira é uma tradução<sup>70</sup> da

---

<sup>70</sup> A informação foi relatada à autora pela editora da Fósforo Juliana Rodrigues, via email, em 7 de dezembro de 2023.

versão em inglês da editora Penguin, *Around the world in seventy-two days and other writings*, de 2014. A versão estadunidense utiliza os textos originais publicados nos jornais para os quais Bly escreveu. Existem, no entanto, outras edições, como o livro *Ten days in a madhouse*, da editora Open Road, de 2015, disponível em ebook – o livro traz o capítulo adicional, em que Bly retorna à ilha, e mais duas reportagens publicadas por Bly. Desse modo, é possível encontrar diferentes citações em trabalhos acadêmicos, de acordo com a edição do livro usada. Isso porque, de acordo com comparações feitas por nós entre as edições da Penguin e da Open Road, essa última traz frases extras, provavelmente inexistentes no jornal e adicionadas no processo de edição do livro que foi lançado logo após a publicação das reportagens, ainda em 1887. De todo modo, basta destacar que este trabalho tem como texto-base a edição da Fósforo, fiel aos textos originais publicados no *World*.

As etapas da análise envolveram o estudo do contexto histórico da época de publicação da reportagem e a leitura aprofundada do texto. Em seguida, delimitamos, de forma preliminar, os núcleos de sentido relativos à imagem de si mais presentes. Em uma segunda leitura, demarcamos no texto trechos que a AD chama de *sequências discursivas*. (SDs). Consideramos apenas o texto em si, ignorando títulos e linhas de apoio. “A sequência discursiva é o trecho arbitrariamente recortado pelo pesquisador, do texto em análise, porque contém elementos que respondem à questão de pesquisa; seu início e seu final são definidos pela correspondência a essa questão. É habitual numerar cada SD, para facilitar a organização do corpus de pesquisa” (Benetti, 2016, p. 248).

O livro *Dez dias num hospício* se trata de um objeto extremamente rico. Diversas vias de análise poderiam ser tomadas, e, mesmo com a delimitação da investigação sobre o ethos jornalístico, muitos sentidos foram identificados. Encontramos 266 sequências discursivas que respondiam diretamente às nossas perguntas de pesquisa. Como é habitual na Análise de Discurso, em função da estrutura enredada dos sentidos, várias SDs continham mais de um sentido. Para identificar a frequência dos sentidos, objetivando reconhecer a predominância de certos *ethé*, convencionamos trabalhar com as incidências discursivas. Enquanto a SD é o fragmento do texto em si, as incidências consistem em contar cada vez que um sentido aparece nos trechos selecionados. Localizamos, ao total, 346 incidências discursivas,

que foram separadas em núcleos de sentidos do ethos. Apresentamos a seguir uma tabela com essa divisão:

**Tabela 1 – Incidências discursivas do ethos**

<b>SENTIDO DO ETHOS</b>	<b>NÚMERO DE INCIDÊNCIAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
<b>1. Descubro a verdade e sou fiel aos fatos</b>	103	29,78%
<b>2. Sou corajosa e tenho uma missão</b>	78	22,54%
<b>3. Sou obstinada e estratégica</b>	56	16,20%
<b>4. Sou empática</b>	42	12,14%
<b>5. Vivo experiências inesquecíveis</b>	25	7,20%
<b>6. Sou uma boa moça</b>	18	5,20%
<b>7. Sei me disfarçar</b>	15	4,34%
<b>8. Sou ética</b>	9	2,60%

Fonte: elaboração própria (2024)

## **5.2 As imagens de si construídas por Nellie Bly**

Neste subcapítulo, analisaremos os núcleos de sentido relativos à imagem de si construída por Nellie Bly, presente no objeto empírico da pesquisa. Cada item aprofunda, com exemplos e associações teóricas, um dos sentidos do ethos encontrado.

### **5.2.1 Descubro a verdade e sou fiel aos fatos**

O principal sentido presente no discurso de Nellie Bly em *Dez dias num hospício* constrói o *ethos de repórter investigativa*, que revela a verdade e é fiel aos fatos. Para isso, articula enunciados referentes à objetividade, à veracidade e à denúncia. Esses

sentidos estão presentes em quase um terço das incidências – são 103, que correspondem a 29,78% do total. O *ethos da repórter investigativa* é o mais representativo do texto produzido por Bly e se encaixa na conjuntura histórica do final do século XIX. Os primeiros traços do que viria a se formar como *muckraking*<sup>71</sup> e, depois, como jornalismo investigativo, têm origem nesse período (Evensen, 2008).

O caráter testemunhal da reportagem em primeira pessoa centra a narrativa jornalística na experiência do repórter. Tudo o que sabemos do acontecimento deriva da perspectiva única do repórter-investigador, assim, “a figura do repórter (posto como um dos personagens da narrativa) é mais do que um mero organizador textual e mais do que uma das vozes do relato: ele monopoliza a função testemunhal em torno do narrado” (Casadei, 2014, p. 148). O discurso do jornalismo, no entanto, não é apenas narração testemunhal: seu gênero específico demanda do narrador uma credibilidade presumida. Casadei (2014) denomina esse elemento de “matriz de verdade presumida”, que sustenta a legitimidade da produção da imprensa. Dessa forma, segundo Ricoeur (2007), para se fazer credível o enunciador do testemunho evoca as ideias de que há factualidade nos acontecimentos que narra e de que ele estava lá. Além da credibilidade, o *ethos* discursivo que se fundamenta na imagem de testemunha dos acontecimentos está vinculado a valores como veracidade, objetividade e legitimidade (Bertasso, 2014).

Em *Dez dias num hospício*, Bly insere diversas marcas de presença que sinalizam como ela testemunha os fatos:

**Eu vi tudo isso com meus próprios olhos no Corredor 7. [...] (SD 238)**

Uma senhora de sobrenome Cotter **me disse** que tinha sido mandada para o Retiro\* por ter falado com um homem. [...] A própria sra. Cotter **me mostrou provas de sua história**: a depressão na parte de trás da cabeça e os pontos de calvície **em que o cabelo foi arrancado aos punhados. Reproduzo seu relato da maneira mais fiel possível**: “A forma como me tratavam não era tão ruim quanto o que já vi fazerem com outras pacientes mas acabaram com minha saúde, e mesmo se eu sair daqui estarei destruída. Quando meu marido soube, ameaçou denunciar o lugar se não me transferissem, então me trouxeram para cá. Agora eu estou bem do ponto de vista mental. Não sinto mais o medo de antigamente, e o médico prometeu que vai deixar meu marido me levar para casa”. (SD 236)

**Passei quase a noite toda ouvindo uma mulher agonizar de frio e implorar para que Deus a deixasse morrer.** Outra gritou “assassino!” e “polícia!” sem parar e **cheguei a sentir na carne sua fúria.** (SD 198)

<sup>71</sup> Jornalistas do início do século XX receberam o apelido *muckraker* em referência à forma como se especializaram em descobrir irregularidades de autoridades do governo. Ida Tarbell foi uma jornalista exemplar desse período, ao publicar grandes reportagens sobre as práticas da Standard Oil (Araújo, 2005).

Isso só fez a pobre criatura chorar mais ainda, então a esganaram. **Sim, a esganaram de verdade.** A arrastaram até o vestiário, e **ouvi seus gritos** aterrorizados minguaem até virar gemidos abafados. Em algumas horas ela voltou para a sala de convivência, e **eu vi as marcas** das mãos das enfermeiras em seu pescoço o dia inteiro. (SD 211)

O sentido testemunhal se relaciona ao esforço de apuração e de registro, que transparece em trechos onde Bly descreve ambientes, acontecimentos e pessoas. O movimento realista na literatura legou ao jornalismo a estratégia do *efeito de real*: o uso do detalhamento, da descrição e de diálogos para ajudar a construir a sensação de verossimilhança (Düren, 2014). Mesmo que não seja possível atestar a veracidade do que Bly viu, um efeito de real é construído pelo nível de detalhe.

**Fiquei em pé junto à porta e contemplei a cena à minha frente.** O corredor **comprido e sem tapete** ostentava aquela **brancura incomum que só se vê em instituições públicas.** No final do corredor havia **grandes portas de ferro fechadas com cadeados.** Alguns **bancos que pareciam duros e várias cadeiras de vime** eram a **única mobília** do lugar. Em **ambos os lados do corredor** havia portas que levavam ao que eu supus serem os quartos, e depois descobri que de fato eram. **Perto da porta de entrada, do lado direito,** ficava uma **pequena sala de descanso** para as enfermeiras, e do lado oposto havia uma sala onde se servia o almoço. Uma enfermeira que usava **um vestido preto e quepe e avental brancos** andava armada com um **grande molho de chaves**; era encarregada do corredor. (SD 91)

No dia do banho enchem a banheira e lavam as pacientes, uma após a outra, **sem nunca trocar a água.** Fazem isso até que ela fique **bem grossa**, e nesse momento a escoam e enchem novamente a banheira, **sem lavá-la. As mesmas toalhas são usadas em todas as mulheres**, tanto aquelas que sofrem de erupções cutâneas quanto as que não sofrem. As pacientes saudáveis brigam para que a água seja trocada, mas são forçadas a se submeter às enfermeiras preguiçosas e tirânicas. **Os vestidos são trocados no máximo uma vez por mês.** [...] (SD 228)

**No momento em que estavam aquecendo o aquecedor a gás,** mais uma paciente juntou-se a nós. Era muito moça, **tinha 25 anos**; me disse que estava acamada até pouco antes de chegar. **Sua aparência confirmava a história.** Parecia alguém que enfrentara uma febre muito severa. (SD 104)

Identificar nominalmente personagens e instituições, citar endereços e períodos de tempo de forma rigorosa contribuem para a transmissão de uma ideia de real. “Ainda que não sejam *a realidade*, as narrativas jornalísticas, históricas e biográficas tem veracidade, recorrem a recursos de linguagem para parecerem factuais, objetivas e verdadeiras. Produzem o *efeito de real*, a veracidade “(Motta, 2013, p. 200, grifos do autor).

Sabemos que, atualmente, caracterizar uma sala como “pequena” ou um corredor como “comprido” não cumpre o critério de precisão em uma reportagem. É



comum exigir que o jornalista traga a exatidão de números e dados ou teça comparações para ilustrar mais precisamente a situação para o leitor. Pulitzer (2009 [1904]) também considerava, já no início do século XX, a precisão e a confiança nos dados apurados como a capacidade mais útil para um jornalista. Dessa forma, embora a precisão não fosse uma exigência na época de Bly, é perceptível que a jornalista, em 1887, já se preocupa em fornecer informações com a maior exatidão possível:

Fomos obrigadas a nos levantar **às seis em ponto**, e **às sete e quinze** nos mandaram para o corredor, onde a espera da noite anterior se repetiu. (SD 172)

**Às dez nos serviram uma xícara de caldo de carne sem sal; ao meio-dia, um pedacinho de carne fria e uma batata; às três, uma xícara de mingau de aveia e às cinco e meia, uma xícara de chá e uma fatia de pão sem manteiga.** (SD 122)

Éramos, no total, **45 mulheres no Corredor 6**, e fomos mandadas para o **banheiro onde havia duas toalhas ásperas.** (SD 165)

**De acordo com um dos médicos, há 1.600 mulheres em Blackwell's Island.** (SD 182)

A ideia de que a função de Bly é descobrir a realidade e descrevê-la por meio de um texto fiel aos fatos está presente desde o início da reportagem. Aparece tanto por meio do discurso da própria jornalista quanto pelas instruções dadas pelo editor ao atribuir-lhe a pauta, constituindo um *ethos encaixado*.

**No dia 22 de setembro**, o jornal *The World* propôs que eu me internasse em um dos hospícios de alienados de Nova York para escrever **um relato franco e direto** sobre o tratamento dispensado aos pacientes e os métodos de administração, entre outros assuntos. (SD 1)

“Não queremos que você vá até lá com o propósito de fazer revelações espantosas. **Descreva os fatos como eles são, bons ou maus; faça elogios ou críticas como bem entender e busque sempre a verdade.** Mas esse seu sorriso crônico me preocupa”, disse o editor. (SD 6)

**Descrevi meu primeiro dia no hospício** e, como meus **outros nove dias** foram exatamente iguais no panorama geral, seria cansativo narrar cada um deles. Ao relatar essa história, espero que muitas das pessoas expostas aqui me contradigam. **Eu apenas contei, com palavras corriqueiras e sem exageros, como foi minha vida num hospício por dez dias.** (SD 190)

Caso o prédio pegue fogo, os guardas e as enfermeiras jamais pensariam em soltar suas pacientes loucas. **Isso eu posso provar mais adiante, quando chegar a hora de relatar o tratamento cruel** que dispensam às pobres criaturas que vivem sob seus cuidados. (SD 160)

Schudson (2010) defende que a objetividade, enquanto valor, se estabelece no século XX, como consequência da descrença nos fatos que emergiu em um cenário

tomado pela propaganda da Primeira Guerra Mundial e pela ascensão das relações públicas. O reconhecimento da subjetividade e o desenvolvimento da reportagem interpretativa, bem como a especialização dos repórteres seriam algumas das saídas encontradas pelo campo jornalístico da época. Entretanto, ao pensarmos a objetividade como um método disciplinado da prática jornalística, que pretende descrever os fatos da forma mais fiel possível, na linha de Kovach e Rosenstiel (2004), vemos que existe objetividade no texto de Bly.

Ou seja, por mais que a objetividade ainda não fosse uma diretriz do jornalismo no século XIX, é notável que Bly e seu editor demonstrem consciência da importância do efeito de real e do valor da fidelidade aos fatos. Essa preocupação denota como a história do jornalismo não é constituída por uma sequência de eventos isolados, mas por um movimento contínuo (Silveirinha, 2012).

Outra estratégia de objetividade e precisão são as menções a fontes e, por consequência, o uso da entrevista como procedimento. De acordo com Ricoeur (2007), há uma terceira camada de autenticação do testemunho, relacionada à confirmação dos fatos por terceiros – é como se a testemunha dissesse “se não acreditarem em mim, perguntem a outra pessoa”. Como só podemos nos basear na materialidade textual da reportagem – não podemos, de fato, consultar as pessoas envolvidas nos acontecimentos –, os indícios de presença denotam o esforço de Bly em fazer entrevistas e deixar claro ao leitor que os dados foram diretamente apurados por ela:

O Hospício de Alienados de Blackwell's Island é uma ratoeira humana. É fácil entrar, mas uma vez lá é impossível sair. Eu planejava fazer com que me levassem para as alas violentas, o Chalé e o Retiro, mas **quando consegui os depoimentos de duas mulheres sãs e pude registrá-los**, decidi não arriscar minha saúde – e meus cabelos – e não me mostrei violenta. (SD 241)

**“Você tem algum problema mental, além disso?”, eu lhe perguntei.**

“Não”, ela disse. “Os médicos me fazem perguntas estranhas e tentam me confundir sempre que podem, mas não há nada de errado com meu cérebro”.

**“Você sabia que só trazem gente louca para este pavilhão?”, perguntei.**

“Eu sei, mas não posso fazer nada. Os médicos não me escutam, e é inútil falar com as enfermeiras.” (SD 94)

[...] **“Como você tem sido tratada?”, perguntei.** (SD 220)

A entrevista é apenas um dos procedimentos que Bly emprega para apurar os fatos e que ficam evidentes no texto. Kovach e Rosenstiel (2004) relacionam esse movimento de transparência ao compromisso social dos jornalistas e ao reconhecimento do relato jornalístico como fiável. Em seu estudo sobre revistas,

Bertasso (2014) também identifica a credibilidade como alvo dos sentidos mobilizados pelos veículos, quando dizem que estão retratando a realidade porque fazem um trabalho rigoroso e preciso de apuração, apresentada de maneira objetiva. “Este sentido (*sei, porque fiz um trabalho rigoroso*) mobiliza valores como competência, verdade e objetividade” (Bertasso, 2014, p. 108, grifo nosso).

“Venha cá, Tillie Mayard”, ela disse. A sra. Mayard obedeceu e, **ainda que eu não visse o interior da sala, pude ouvi-la defendendo seu caso de forma educada, mas firme.** [...] (SD 141)

Disse que queria, e depois lhe perguntei como se chamava. Sra Standard, ela disse, e **na mesma hora anotei seu nome num caderno que eu levava para fazer meus memorandos**, e no qual escrevera várias páginas de baboseiras sem sentido para os cientistas intrometidos. (SD 26)

**Fiquei sentada do lado de fora, junto à porta, e esperei para ouvir como ele testaria a sanidade das outras. Com pouquíssimas variações, o exame era idêntico ao meu.** Todas as pacientes respondiam se viam rostos nas paredes, se ouviam vozes e o que as vozes diziam. **Devo acrescentar que cada uma das pacientes negou todas essas incomuns aberrações da visão e da audição.** (SD 121)

**Eu soube o que sucedeu através da srta. Neville e das outras pacientes.** (SD 203)

No texto, as denúncias apresentadas servem como justificativa para a reportagem de Bly. Ela se infiltra disfarçada no manicômio para revelar a realidade da instituição, comprometida com a verdade e com a noção de que era seu papel expor irregularidades – o que ficaria conhecido como a posição de *watchdog* (cão de guarda), a quem cabe vigiar e fiscalizar o poder (Kovach; Rosenstiel, 2004). A apresentação dos cruéis tratamentos e do sofrimento das internas constrói a ideia de denúncia ao longo da reportagem:

Pobre moça, como eu me compadeci dela! Naquele momento decidi fazer todo o possível para garantir que minha missão beneficiasse minhas irmãs sofredoras; **para mostrar que são internadas sem uma avaliação cuidadosa.** (SD 142)

Não consegui dormir, então fiquei deitada na cama, imaginando **os horrores que enfrentaríamos caso um incêndio se deflagraisse.** (SD 158)

**Não são as funcionárias que mantêm a instituição tão limpa** para as pobres pacientes, **como eu sempre havia pensado**, mas as pacientes que fazem tudo – até a limpeza dos quartos das enfermeiras e a lavagem de suas roupas. (SD 174)

Sua voz era tão fria quanto o corredor; e as pacientes nem sequer tentaram lhe contar suas agruras. **Pedi a algumas delas que relatassem como sofriam com**

**o frio e com a falta de roupas adequadas, mas responderam que a enfermeira lhe daria uma surra se o fizessem.** (SD 187)

Apurar informações para divulgar uma realidade antes oculta é uma tarefa ligada ao *ethos romântico* da profissão, que resgata o propósito iluminista do jornalismo: a busca da verdade. Para Lopes (2013, p. 110), “o trabalho de investigação carrega a imagem de um profissional com o dever de seguir pistas para desvendar algo encoberto ou averiguar se outros agentes sociais estão agindo corretamente”. Esse trabalho está relacionado também ao sentimento de missão e de que um dos objetivos do jornalismo é “mostrar realidades que, muitas vezes, são esquecidas ou apagadas” (Guilhermano, 2019, p. 110-111). O artifício do disfarce guarda uma conexão específica com essa noção, como vemos quando Bly explicita claramente que esse é o único modo de revelar a verdade:

A única instrução que recebi foi que me dedicasse ao trabalho assim que estivesse preparada. **Meu dever seria documentar de forma fiel** as experiências pelas quais eu passasse e, uma vez dentro do hospital, **descobrir e descrever seu funcionamento interno, que nunca chega ao conhecimento do grande público – graças às enfermeiras em seus quepes brancos e às grades e fechaduras.** (SD 5)

Por vezes, o caráter de denúncia se manifesta no texto através de comentários e questionamentos que Bly direciona ao leitor. Segundo Piccinin (2014, p. 331), na narrativa testemunhal, o repórter “passa como ator do processo a explicitar os processos produtivos da notícia, podendo em certa medida dividir com o público sensações, sentimentos e até mesmo os dilemas da profissão”. Aqui, Bly contesta o tratamento dispensado às internas do manicômio e explicita suas impressões e hipóteses, construídas a partir do que testemunhou, sempre reiterando a imagem de si mesma como uma repórter que faz inúmeras interrogações, pois seu compromisso é descobrir a verdade.

Dessa maneira a sra. Louise Schanz foi confiada ao hospício sem nenhuma chance de fazer-se entender [por não falar inglês]. **Como justificar tamanho descuido, perguntei-me, sendo tão fácil contratar um intérprete?** Se a reclusão se limitasse a poucos dias seria possível argumentar que não havia necessidade. Mas estamos falando de uma mulher que fora retirada de um mundo livre contra sua vontade e levada para um asilo **onde não lhe deram nenhuma chance de provar sua sanidade.** Presa atrás das grades de um hospício, provavelmente para o resto da vida, **sem sequer ouvir uma boa explicação para isso em sua língua.** (SD 143)

**À exceção da tortura, que tratamento levaria uma pessoa à loucura com mais rapidez? Aquela era mesmo um grupo de mulheres internadas para**

**serem curadas? Eu gostaria que os médicos especialistas que me condenam por minhas ações, que provaram sua competência, pegassem uma mulher** perfeitamente lúcida e saudável, trancassem-na e a fizessem ficar sentada das seis da manhã às oito da noite em bancos de encosto reto, sem permitir que ela falasse ou se mexesse durante essas horas, sem lhe oferecer qualquer leitura e sem deixar que soubesse nada sobre o mundo e seus acontecimentos, lhe oferecessem comida ruim e tratamento severo, e então observassem quanto tempo levaria para que ela ficasse louca. **Dois meses seriam suficientes para arruiná-la mental e fisicamente.** (SD 189)

A construção de camadas de sentidos relacionadas a um ethos de jornalista que revela a verdade, que descreve os fatos fielmente e que denuncia situações ilícitas culmina nos trechos em que Bly mostra como as pacientes eram desconsideradas no manicômio. Ao narrar como ela foi capaz de enganar os médicos, a repórter provou ao leitor que mulheres poderiam ser internadas sem qualquer critério lógico e sem a chance de contestar a decisão.

E permitam-me dizer uma coisa: desde o momento em que entrei no hospício da ilha, **não fiz nenhum esforço para me manter no suposto papel de louca. Falei e agi exatamente como faço no meu dia a dia. Por incrível que pareça, quanto mais eu agia e falava com lucidez, mais louca me consideravam,** com a exceção de um só médico cuja bondade e delicadeza não esquecerei tão cedo. (SD 14)

E assim convenci o segundo médico especialista. Depois disso meu respeito pela capacidade dos médicos diminuiu ainda mais. **Tive certeza de que nenhum médico saberia dizer se uma pessoa era louca ou não, a não ser nos casos mais violentos.** (SD 102)

### 5.2.2 Sou corajosa e tenho uma missão

O segundo sentido mais prevalente no discurso de Nellie Bly marca a jornalista com um *ethos corajoso*. O jornalismo é caracterizado como um ofício perigoso e difícil, mas ao mesmo tempo carregado de propósito. Não só a investigação disfarçada é a única forma de descobrir a realidade do manicômio, mas o jornalismo, de maneira geral, é um dever, uma missão da qual não se pode desistir. As dificuldades físicas e psicológicas que se impõem na missão disfarçada de Bly são diversas, mas a repórter se coloca como alguém capaz de superar as adversidades: uma jornalista corajosa, disposta a enfrentar os riscos. Esse ethos se manifesta em 78 incidências discursivas, o que corresponde a 22,54% do total.

Nellie Bly qualifica toda a sua jornada, antes e depois de chegar ao manicômio, como uma missão, uma provação:

Eu acreditava ter a coragem necessária para **enfrentar as dificuldades que tal missão** apresentaria? (SD 2)

“Não vou mais sorrir”, eu disse, e assim fui me preparar para a **minha delicada e – conforme viria a descobrir – difícil missão**. (SD 7)

Puxei meu chapéu de palha de aba larga para que cobrisse o máximo possível do rosto e me preparei para a **provação**. (SD 58)

Como a referência à missão se mantém ao longo do texto, podemos relacionar a necessidade de enfrentar as dificuldades da tarefa com o fato de que o jornalismo, por si só, é um trabalho árduo – e a prática do disfarce acrescenta ainda mais riscos. Vale pontuar, inclusive, que esta era a primeira reportagem de Bly para o prestigioso jornal de Pulitzer; então, falhar na missão representava também um perigo pessoal e profissional para a carreira da jornalista em Nova York. Um relato do jornalista Theodore Dreiser – que escreveu para o *New York World* – sobre as redações do final do século XIX dá o tom do caráter de missão da reportagem: “Busque a notícia! Busque a notícia!” – esse era o grande grito na editoria de cidades. ‘Não se preocupe demais sobre como você a consegue, mas *consiga-a, e não volte sem ela!* Não caia! Não deixe os outros jornais nos arrancarem o couro – *isto é, se você valoriza o seu emprego!* E escreva – mas escreva bem. [...]” (Dreiser<sup>72</sup>, 1922 apud Schudson, 2010, grifos meus).

É importante lembrar também que, no final da década de 1880 e começo de 1890, a imagem do novo repórter que passava a ocupar as redações era de alguém ambicioso e apaixonado pela profissão (Schudson, 2010). Mesmo quando relata sentir dor, frio e fome, e até teme por sua vida, Bly não lamenta a dureza da profissão, pois está movida por um propósito maior:

Então vesti o xale carcomido pelas traças com o cheiro de mofo a me envolver; e sentei-me numa cadeira de vime, **perguntando-me o que aconteceria em seguida, se eu morreria congelada ou sobreviveria**. (SD 101)

[...] **Meus dentes batiam e meus membros ficaram arrepiados e azuis de frio**. De repente ela jogou, um após o outro, três baldes d’água na minha cabeça. A água também era fria como gelo e entrou nos meus olhos, orelhas, nariz e boca. Acho que **experimentei algumas das sensações de afogamento quando me arrastaram, engasgando, tremendo e me debatendo, para fora da banheira**. [...] (SD 153)

<sup>72</sup> DREISER, T. *Newspaper Days*. Nova York: Horace Liveright, 1922, p. 151.

Meu cabelo, todo embaraçado e molhado desde a noite anterior; foi **puxado e esticado com violência**, e, depois de protestar em vão, **eu cerrei os dentes e aguentei a dor**. (SD 168)

As representações do jornalista como um apaixonado pela profissão e do trabalho jornalístico como uma missão fazem parte do que Lago (2002) chama de *ethos romântico*. A missão está ligada ao conceito de um gênio criador, sujeito único e heróico, dotado de características positivas. Lago (2002) resgata a perspectiva do Romantismo para escrever sobre esse *ethos* e destaca que a noção de gênio criador é fortemente associada aos relatos em primeira pessoa, que permitem um “mergulho na subjetividade específica do autor” (p. 104). O *ethos romântico* compreende a missão do jornalista enquanto um compromisso social e coletivo.

Por essa via, este segundo sentido sobre si identificado no discurso de Bly carrega uma relação de proximidade com o apresentado anteriormente, que a posiciona como comprometida com a verdade. A finalidade última do jornalista engendrado por ambos esses *ethé* é buscar a verdade, seguindo a prerrogativa iluminista da profissão – por isso, aqui, é prioridade cumprir a missão a todo custo. Apesar do medo e das dúvidas apresentados no texto, Bly constantemente reafirma a necessidade de cumprir sua “estranha ambição”:

**Perguntei-me se conseguiria atravessar o rio e concretizar a estranha ambição** de me tornar uma das habitantes dos corredores ocupados por minhas irmãs mentalmente prejudicadas. [...] (SD 45)

Nesse momento **tive vontade de dar um safanão na boa mulher**. E pensar que **Blackwell’s Island era justamente o lugar ao qual eu queria chegar**, mas **lá estava ela tentando me impedir**. Era muita gentileza da parte dela, mas **naquela situação a atitude me aborreceu**. (SD 69)

Várias das dificuldades verificadas na reportagem são especificamente sobre o disfarce. Ela teme ser desmascarada e falhar na missão, e também tem medo de sofrer por estar na posição de interna do hospício:

Depois que o jornalista se foi, notei outras pessoas chegando e descobri que um médico estava lá para me visitar. Eu não sabia com que propósito e **comecei a imaginar toda sorte de coisas horríveis, como exames e tudo mais, e quando chegaram ao meu quarto eu tremia, e não só de medo**. (SD 110)

Então, chegou a hora do exame. **O médico parecia inteligente e pensei que seria impossível enganá-lo, mas decidi continuar com a farsa**. (SD 74)

Justo nesse momento um policial chegou com um jornalista. **Fiquei muito amedrontada e pensei que pudesse ser reconhecida** como colega de

profissão, então virei o rosto e disse: “Não quero ver jornalista nenhum; não vou falar com ninguém; o juiz disse que não iam mais me perturbar”. (SD 71)

Quanto mais perto da hora de ir para Blackwell’s Island, mais **nervosa** eu ficava. **Me apavorava** cada pessoa que chegava, **temendo** que **meu segredo fosse desvendado** no último instante. Depois me entregaram um xale, meu sapato e minhas luvas. Quase não consegui vesti-los, de **tão frouxos que meus nervos estavam**. (SD 129)

Então foi dada a ordem para que me levassem ao pavilhão dos loucos, e um homem musculoso se aproximou e apertou meu braço com tanta força que **uma pontada de dor me atravessou. Fiquei furiosa, e por um momento me esqueci do meu papel**, dizendo a ele: “Como ousa encostar em mim?”. (SD 88)

Outras sequências que articulam a complexidade da experiência da eu-jornalista de Bly são as que tratam de seu medo de ficar junto de mulheres realmente “loucas”. O temor não é só de sofrer algum mal físico, mas de ser “contaminada” pela loucura e afetada de forma irreversível:

É melhor me permitir um último “olhar de ternura”, ponderei, pois **quem poderia garantir que a tensão de fingir loucura e ficar presa com um grupo de insanas não deformaria meu cérebro e eu nunca mais voltaria a ser a mesma?** (SD 20)

Mesmo com toda a minha **coragem, senti um arrepio ao me imaginar trancafiada com uma companheira que de fato fosse louca**. (SD 90)

Embora eu soubesse que era sã e que estaria livre em poucos dias, **senti um aperto no peito. Declarada louca por quatro médicos especialistas e jogada atrás das impiedosas grades de um manicômio**. Não ser confinada sozinha, mas me tornar companheira, dia e noite, de lunáticas falastronas e incoerentes; dormir com elas, comer com elas, **ser considerada uma delas era uma posição incômoda**. (SD 140)

É interessante pensar essa “posição incômoda” como um impasse específico do jornalismo de disfarce. Para Lutes (2006), as *stunt girls* ocupam uma posição ao mesmo tempo perigosa e privilegiada: ao fazer de seus próprios corpos um campo de mediação jornalística, elas podiam narrar de um ponto de vista único, mas estavam sujeitas aos riscos próprios do papel que desempenhavam. Bly, ao se infiltrar no manicômio, pôde contar uma realidade dificilmente acessível, mas enfrentou ameaças e atribulações.

O Hospício de Alienados de Blackwell’s Island é uma ratoeira humana. **É fácil entrar, mas uma vez lá é impossível sair**. Eu planejava fazer com que me levassem para as alas violentas, o Chalé e o Retiro, mas quando consegui os depoimentos de duas mulheres sãs e pude registrá-los, **decidi não arriscar minha saúde – e meus cabelos – e não me mostrei violenta**. (SD 241)



Na paisagem de sentidos construídos pela autora sobre si, os perigos e as dificuldades que se apresentam na jornada de apuração aparecem entrelaçados, ora implícita ora explicitamente, à noção de um *ethos corajoso*. A coragem é subordinada às condições do jornalismo, especialmente sob disfarce. É como se Nellie Bly constantemente afirmasse: “o jornalismo é uma missão difícil e perigosa, mas sou uma jornalista corajosa, logo, vou cumprir a missão com sucesso”.

### 5.2.3 Sou obstinada e estratégica

Ao analisar o corpus, identificamos um grupo de sentidos relacionado às estratégias empregadas para realizar a reportagem. Tais estratégias são vinculadas tanto à individualidade de Bly, construindo sua imagem como uma profissional determinada, obstinada e preparada para sua missão, quanto aos jornalistas como membros de uma comunidade. Nessa perspectiva, as estratégias remetem, de maneira particular, a outros atores envolvidos na pauta de Bly – como editores do *New York World* – e, de maneira geral, à caracterização da profissão jornalística à época. Este terceiro eixo de sentidos está presente em 56 incidências, que equivalem a 16,20% do total observado.

Em diversos momentos, Bly projeta para si o *ethos de uma jornalista determinada*. Estes fragmentos do discurso aparecem, por vezes, ligados aos sentidos de dificuldade ou do jornalismo como missão (abordados no item anterior), mas aqui, em vez de se consolidar enquanto uma repórter corajosa, o foco está em ser pragmática e persistente. “Pensar direito, pensar rápido, pensar incessantemente e intensamente, aproveitar as oportunidades quando os outros as deixam passar” eram, para Pulitzer (2009 [1904], p. 50), indícios do bom jornalista. De início, a decisão mais importante é topar produzir a pauta e a obstinação se estende por todo o texto, com o empenho para chegar ao manicômio e documentar a realidade de lá.

Poderia passar uma semana na ala de alienados de Blackwell’s Island? **Eu disse que não só poderia como iria. E assim fiz.** (SD 4)

Mas **nem sequer uma vez pensei em me esquivar da missão.** (SD 21)

Enfim chegara ao Bellevue, a terceira parada em minha jornada até Blackwell’s Island. Eu enfrentara com êxito as provações que me aguardavam no abrigo de

mulheres e na delegacia de Essex Market, e **agora estava certa de que não fracassaria.** (SD 86)

A escolha de narrar a preparação para o disfarce permite ao leitor saber das características específicas desse tipo de apuração – além de ler sobre o tema da pauta, como todo repórter faz, o repórter de disfarce precisa criar um personagem ou pensar em formas de ocultar sua identidade. Para Kroeger (1994), as características que possibilitam a um repórter ser bem sucedido numa reportagem de disfarce são demonstrativas da capacidade do profissional enquanto repórter, de forma geral. Por isso, a autora considera que o disfarce possibilitou que as *stunt girls* fossem vistas como audaciosas, espertas e boas jornalistas. Ao mesmo tempo, em uma reportagem em primeira pessoa, essas sequências de bastidores constroem Bly como uma jornalista que se importa com a tarefa em questão, uma profissional diligente e precavida.

Mas era preciso tentar: **Então corri até o espelho e observei meu rosto. Lembrei-me de tudo o que tinha lido sobre o comportamento dos dementes, de que eles sempre tinham um olhar fixo, então arregalei os olhos o máximo que pude e encarei meu próprio reflexo sem piscar.** (SD 17)

Então **vesti as roupas velhas que escolhera para a ocasião.** (SD 19)

Disse que queria, e depois lhe perguntei como se chamava. Sra Standard, ela disse, e na mesma hora anotei seu nome num caderno que eu levava para fazer meus memorandos, e **no qual escrevera várias páginas de baboseiras sem sentido para os cientistas intrometidos.** (SD 26)

Ao evidenciar as decisões que toma para chegar até o manicômio, Bly demonstra seu empenho e dedicação. Esse sentido aparece também quando ela fala das escolhas que toma para manter o disfarce e angariar informações, da maneira mais fiel possível à realidade.

Nessa hora entendi tudo, mas **não tinha intenção de recompensar Mary logo no início de minha jornada, temendo que isso pudesse influenciar a forma como me tratava,** então eu disse que tinha perdido minha bolsa, o que era bem verdade. [...] (SD 99)

Eu também estava cansada, mas **tinha me preparado e estava decidida a passar a noite toda acordada, de forma a garantir que minha imitação fosse bem-sucedida pela manhã.** (SD 42)

Eu só trouxera cerca de setenta centavos, **sabendo muito bem que tão logo me faltassem recursos eu seria mandada embora, e eu estava empenhada em ser mandada embora.** (SD 25)

No começo eu não conseguia dormir; **nem queria, já que poderia surgir algo novo para ouvir.** (SD 223)

O planejamento das estratégias de apuração, em determinados trechos, exhibe as condições singulares da pauta de Bly: a preparação para desempenhar o papel do disfarce exige que a jornalista saiba como fingir loucura. Um traço especialmente interessante dessa estratégia revela a habilidade discursiva da repórter. Ao tentar aparentar insanidade, ela mobiliza a ideia da loucura para convencer as demais mulheres do abrigo, demonstrando seu conhecimento dos efeitos daqueles sentidos à época.

“Sim, é tudo tão triste...”, eu disse, **tentando parecer atabalhoada para refletir minha loucura.** (SD 30)

“Mas você precisa aprender”, ela insistiu, “todas as mulheres aqui trabalham”. “Trabalham, é?”, respondi num **sussurro grave e trêmulo.** “Ora, **todas elas me parecem horríveis; iguaizinhas às loucas. Eu morro de medo delas.**” (SD 32)

Em seguida mediu minha pulsação e auscultou meu coração. **Eu não tinha a mais vaga ideia de como o coração de uma pessoa louca batia, então prendi a respiração enquanto ele ouvia** e, quando ele parou, arquejei para recuperar o fôlego. (SD 76)

Todos esses sentidos relativos à preparação e planejamento compõem a imagem do jornalismo enquanto uma profissão que exige conhecimentos e habilidades específicas para sua prática. Durante a maior parte do século XIX, o jornalismo não era considerado uma profissão delimitada e específica o suficiente. Embora o movimento de profissionalização comece nesse período, a partir do aumento da circulação dos jornais nos Estados Unidos e da divisão de funções nas redações, a consolidação do campo jornalístico só ocorre no século XX (Schudson, 2010). De todo modo, o que vemos em Nellie Bly é que, no final daquele século, já existia uma consciência coletiva de unidade profissional. Gadret e Benetti (2017) também lidam com essas duas camadas do discurso sobre si dos repórteres: uma articula os atributos do bom jornalista; outra, os modos de pertencimento à comunidade jornalística.

Além de se mostrar nos trechos sobre as particularidades do ofício, esse senso de comunidade aparece em momentos em que Bly e outros personagens da narrativa mencionam jornalistas e os caracterizam. Algumas sequências de bastidores do processo de reportagem indicam que há outros atores envolvidos na apuração, oferecendo ao leitor a percepção de que o jornalismo é um trabalho de equipe:

**A única instrução que recebi foi que me dedicasse ao trabalho assim que estivesse preparada.** Meu dever seria documentar de forma fiel as experiências pelas quais eu passasse e, uma vez dentro do hospital, descobrir e descrever seu funcionamento interno, que nunca chega ao conhecimento do grande público – graças às enfermeiras em seus quepes brancos e às grades e fechaduras. (SD 5)

**Coube a mim** cuidar de todos os preparativos da minha provação. **Só um detalhe estava decidido**, a saber, que eu deveria ingressar no hospital sob o pseudônimo de Nellie Brown, cujas iniciais coincidiram com meu nome verdadeiro e com as letras gravadas em minha roupa de cama, **para que assim não houvesse dificuldade em acompanhar meus movimentos e me ajudar a lidar com quaisquer problemas que pudesse arranjar.** (SD 8)

**O combinado era** que eu desse entrada em um dos muitos abrigos temporários ou albergues para mulheres que havia pela cidade, **e que uma vez lá dentro fizesse tudo ao meu alcance** para avançar na minha jornada rumo a Blackwell's Island. (SD 22)

O medo de ser reconhecida por colegas jornalistas que apuram o caso da “garota louca”, além de apontar para a capacidade investigativa dos repórteres, insere Bly num contexto de pertencimento e de vínculo a outros profissionais. Se ela pode ser “reconhecida como colega de profissão”, é por integrar uma comunidade jornalística.

Justo nesse momento **um policial chegou com um jornalista.** Fiquei muito amedrontada e pensei que **pudesse ser reconhecida como colega de profissão**, então virei o rosto e disse: “Não quero ver jornalista nenhum; não vou falar com ninguém; o juiz disse que não iam mais me perturbar”. (SD 71)

Eu me lembrava bem da delegacia, porque dez dias antes estivera lá e vira o capitão McCullagh, a quem **solicitei informações de um caso sobre o qual escrevi como jornalista. Se ele estivesse lá, seria capaz de me reconhecer?** Nesse caso não me restaria qualquer chance de chegar a Blackwell's Island. (SD 57)

Escutando a conversa, **descobri se tratar de um jornalista à minha procura, que ainda solicitou minhas roupas porque pretendia examiná-las.** (SD 108)

Mesmo que esta seja a primeira reportagem que Bly produz para o *New York World*, ela se sente segura com o apoio dos editores e funcionários do jornal e sabe que não será abandonada:

[...] E depois, uma vez lá dentro, como seria minha experiência? E depois? Como sair? **Bobagem!, pensei. Eles vão me tirar de lá.** (SD 45)

Quando Bly constitui sua imagem de boa jornalista e assinala suas características e práticas como repórter, ela comunica um processo de construção de ethos que vai do particular para o coletivo e vice-versa. Como o momento é de construção da figura do repórter como conhecemos hoje, o texto de Bly insere no

discurso traços que acredita ser importantes para um bom jornalista. Ao mesmo tempo, ela internaliza marcas percebidas e sentidos já circulantes do jornalismo profissional. Ethos discursivo e ethos prévio estão em constante interação (Maingueneau, 2014). O ethos discursivo é produzido de forma particular por Bly, mas mobiliza valores embutidos no ethos prévio que é compartilhado. Em determinados trechos, a definição do *ethos do jornalismo profissional* é mais direta:

**Os jornalistas eram os que mais davam trabalho.** Vários deles! E eram **todos tão espertos e inteligentes** que tive muito medo de que notassem que eu era sã. Foram **gentis e bondosos comigo, e delicados em todas as perguntas que faziam.** Meu último visitante da noite anterior veio à janela enquanto alguns dos jornalistas me entrevistavam na sala de convivência e pediu à enfermeira que permitisse as visitas porque eles **poderiam me ajudar a encontrar pistas sobre a minha identidade.** (SD 126)

O papel dos jornalistas aparece também na voz de outros personagens, como o juiz e um dos médicos que Bly encontra, acionando um *ethos encaixado*. Se partirmos para uma breve análise dos sujeitos nesses trechos, podemos perceber que, embora Bly seja a locutora responsável pelo discurso, a inserção de outros enunciadores (Ducrot, 1987<sup>73</sup> apud Benetti, 2016) no texto reforça que a posição específica dos jornalistas é compreendida por atores que estão fora da esfera da imprensa.

“Qual é seu nome?”, ele perguntou, sem erguer os olhos. “Nellie Brown”, respondi calmamente. “Onde a senhorita mora?”, perguntou, anotando o que eu dizia num caderno grande. “Em Cuba.” “Ah”, ele exclamou, como se de repente entendesse tudo – depois, dirigindo-se à enfermeira: “Viu algo sobre ela **nos jornais?**”. “Vi”, ela respondeu. “**Li um longo artigo sobre essa moça no Sun de domingo.**” Então o médico disse: “Mantenha a moça aqui, vou ao escritório **ler a notícia de novo.**” (SD 145)

O artigo “sobre essa moça no *Sun* de domingo” que a enfermeira menciona é a reportagem “*Who is this insane girl?*”, publicada na edição de 25 de setembro de 1887 do *New York Sun*. O texto a descreve como uma garota “bonita, bem vestida e que fala espanhol”, e cita diretamente as respostas dela ao juiz Duffy. Também há informações sobre Bly fornecidas pela sra. Stanard. O *Sun* publicou ainda um parágrafo, em 7 de outubro, narrando a saída de “Nellie Moreno” do manicômio; e uma reportagem – contando que a saga da “mulher louca” não passava de fingimento – saiu na primeira

---

<sup>73</sup> DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito.** Campinas: Pontes, 1987.

página do jornal de 14 de outubro<sup>74</sup>. O *New York Times* também publicou textos sobre o mistério da garota da ilha de Blackwell (Kroeger, 1994).

**“Bom seria se os jornalistas estivessem aqui”** ele [o juiz Duffy] disse, enfim. **“Eles conseguiriam descobrir mais informações sobre ela”**.

Fiquei bastante assustada ao ouvir isso, pois **se há alguém capaz de escarafunchar um mistério, esse alguém são os jornalistas**. Pensei que eu preferiria encarar uma multidão de médicos especialistas, policiais e detetives a enfrentar dois colegas, então eu disse:

“Não entendo por que tudo isso é necessário para me ajudar a encontrar meus baús. Esses homens são uns despuadorados, e não quero que fiquem me olhando. Eu vou embora. Não quero ficar aqui.”

Dizendo isso, baixei meu véu e **desejei em segredo que os jornalistas tivessem outros compromissos até que eu fosse mandada para o hospício**. (SD 68)

#### 5.2.4 Sou empática

Identificamos 42 incidências de um *ethos empático e justo* nas sequências discursivas analisadas, compondo 12,14% do total. Nesses trechos, Bly faz juízos de valor positivos quanto às atitudes daqueles que interagem com ela – desde o juiz até algumas enfermeiras, menciona momentos em que sente pena e empatia pelas mulheres internadas no hospício e cita ocasiões em que tentou ajudar essas mulheres.

Aqui, prevalece o reconhecimento das atitudes gentis das pessoas para com a personagem que Bly está interpretando, como nos exemplos:

Era a senhora Caine, **uma pessoa valente e generosa em igual medida**. (SD 37)

Fomos todos juntos; a sra. Standard, Tom Bockert, seu colega e eu. **Eu disse que era muito gentil da parte deles me acompanhar e que não me esqueceria deles tão cedo**. (SD 59)

Depois dessa declaração houve um momento de quietude, e os policiais **me lançaram olhares mais gentis** enquanto eu abençoava em silêncio **o generosíssimo juiz e torcia para que as pobres criaturas tão perturbadas quanto eu fingia ser tivessem a alegria de lidar com um homem gentil como o juiz Duffy**. (SD 67)

Devo dizer que a enfermeira de noite, Burn, do Corredor 6, **me pareceu muito bondosa e paciente com toda a gente pobre e atormentada**. (SD 225)

Bly descreve de forma empática as pessoas que aguardavam a avaliação de um juiz na sala de audiências da polícia:

<sup>74</sup> A íntegra das edições de 25 de setembro, 7 de outubro e 14 de outubro de 1887 do *New York Sun* está disponível na hemeroteca online da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Acesso pelo link <https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030272/>.

Comecei a tremer, não só de frio, e olhei ao meu redor, **observando aquele estranho grupo composto de homens e mulheres vestidos de forma simplória que trazia história de dificuldade e abuso e pobreza estampadas no rosto.** (SD 65)

Quando chega ao manicômio, Bly, que antes temia as consequências de compartilhar espaço com mulheres “loucas”, passa a sentir pena e empatia pelas demais internas, como fica evidente nos trechos:

**Pobres pacientes.** Como estavam **carentes de ar fresco**; como estavam **carentes de um instante longe da prisão.** (SD 176)

Algumas gritavam, algumas xingavam, outras cantavam ou rezavam ou davam sermão, de acordo com o que lhes viesse à cabeça, e **juntas compunham o grupo de seres humanos mais triste que eu já vira.** (SD 178)

“Se o doutor sabe de alguma coisa”, ela respondeu, “deve saber muito bem que eu sou completamente sã. Por que não me examina?” “Já sabemos de tudo o que precisamos saber”, disse o médico, e afastou-se da **pobre moça condenada ao hospício, provavelmente para o resto da vida**, sem lhe oferecer a mínima chance de provar sua sanidade. (SD 127)

À medida que conduziam a ambulância por entre os belos gramados que levavam ao hospital, meu sentimento de satisfação por ter alcançado meu objetivo profissional **foi bastante prejudicado pela expressão de angústia de minhas companheiras. Aquelas pobres mulheres não tinham esperança de sair de lá tão cedo.** (SD 136)

A empatia de Bly chega a aparecer em meio a traços de identificação com as mulheres internadas. Com o passar dos dias no hospital de Bellevue e, depois, no manicômio da ilha de Blackwell, e a partir das experiências que Bly vive junto das colegas, ela começa a se referir às outras mulheres como “companheiras” e “irmãs”:

Na parada seguinte **minhas companheiras** foram levadas, uma de cada vez. (SD 134)

Pobre moça, como eu me compadecei dela! Naquele momento decidi fazer todo o possível para garantir que minha missão **beneficiasse minhas irmãs sofredoras**; para mostrar que são internadas sem uma avaliação cuidadosa. (SD 142)

Conforme aumenta sua identificação com as “loucas”, cresce o número de vezes em que Bly se compadece das colegas quando enfrentam situações de sofrimento. Na segunda parte da reportagem, os indícios de empatia se manifestam principalmente através de figuras de linguagem que demonstram as consequências de testemunhar a dor das internas. A compaixão aparece da seguinte forma:

Elas a agarraram, e **doeu-me o coração ao ouvi-la suplicar**: “Pelo amor de Deus, moças, não deixem elas me baterem”. (SD 212)

Então a senhora tentou deitar-se no banco, mas a puxaram de novo. **Que dó senti ao ouvi-la choramingar**: “Ah, me deem um travesseiro e me cubram com um cobertor, estou com muito frio”. (SD 199)

A essa altura já haviam despido a srta. Mayard, e, **por mais que eu tivesse odiado o banho, eu teria tomado outro se assim pudesse livrá-la daquela experiência**. Pensar em mergulhar aquela moça doente na água fria **me fez estremecer** como se tivesse malária – eu que nunca adoeci. (SD 154)

Ao expressar compreensão e empatia, Bly cria para si uma imagem de pessoa boa e altruísta. Apesar dos sentidos reunidos neste item estarem principalmente relacionados a uma moral pessoal, eles também estão correlacionados a uma noção de compromisso coletivo dos jornalistas. Para Pulitzer (2009 [1904], p. 40), tanto o veículo quanto seus profissionais devem ter como prioridade manter uma conduta humana que beneficie os oprimidos: “Acima do conhecimento, acima das notícias, acima da inteligência, o coração e a alma de um jornal se sustentam em seu senso moral, sua coragem, sua integridade, sua humanidade, sua simpatia pelos oprimidos, sua independência, sua devoção ao bem comum, sua propensão a prestar serviço à população”.

Ao abordar o *ethos romântico* da profissão, Guilhermano (2019) relaciona o jornalismo como missão à noção do repórter como um agente abnegado, que se coloca a serviço da coletividade. Vemos marcas desse altruísmo quando Bly tenta ajudar as colegas do manicômio, a fim de atenuar seu sofrimento:

Eu conversava com ela diariamente, e sofria ao vê-la piorar tão rápido. Até que ela teve um delírio. Achou que eu estava tentando me passar por ela e que todos que pediam para ver a Nellie Brown eram amigos que a procuravam, mas que eu tentava convencê-los de que era ela. **Tentei conversar com ela, em vão, então fiz o possível para manter distância, com medo de que minha presença alimentasse sua alienação e contribuísse para sua piora**. (SD 232)

Contei a eles do frio que eu sentia e **lhes garanti que eu não precisava de atendimento médico, mas que a srta. Mayard precisava, e que deveriam dar toda aquela atenção a ela**. (SD 196)

Deixei o hospital de alienados com prazer e remorso – prazer por ter uma nova chance de respirar o ar livre do paraíso; **remorso por não poder levar comigo algumas das mulheres desafortunadas que viveram e sofreram do meu lado**, e que acredito serem tão sãs quanto eu mesma era e sou. (SD 13)

Ao final da reportagem, Bly narra sentir satisfação por alcançar seu objetivo, mas ao mesmo tempo lamenta a limitação do seu trabalho. Enquanto jornalista, ela



pôde descrever e, assim, denunciar os abusos antes ocultos sofridos pelas mulheres no hospício, mas não conseguiu tirá-las de imediato daquela situação. O remorso está relacionado à postura de heroína abnegada que ela assume ao longo do texto.

### 5.2.5 Vivo experiências inesquecíveis

O quinto eixo de sentido agrupa sequências discursivas que apresentam a jornada de apuração de Bly como uma experiência inesquecível, como uma aventura que – apesar das adversidades e dos riscos de uma reportagem de disfarce – proporciona diversão e prazer à jornalista. Essa ideia está presente em 7,20% das incidências de sentido encontradas.

Quando uma cena ou experiência é descrita como marcante na reportagem, Bly indica ao mesmo tempo que ela é uma jornalista que passou por situações interessantes e que a rotina de repórter – especialmente no caso de uma investigação – inclui esse tipo de aventura. Assim, como lidamos com uma reportagem testemunhal em primeira pessoa, em que a única perspectiva disponível é a da própria repórter-aventureira, ela acaba fornecendo ao leitor um indício de que a reportagem resultante da experiência constitui também uma leitura interessante. Para Motta (2013), contar uma história interessante é o principal fator que motiva os jornalistas. Buscar fisgar a atenção do leitor a partir da sugestão de que a experiência de Bly foi fascinante e, logo, a reportagem também será, é uma tática alinhada às funções atribuídas ao repórter do final do século XIX: informar e entreter (Schudson, 2010).

Conseguí ser admitida na ala de alienados de Blackwell's Island, onde passei dez dias e dez noites e **vivi uma experiência que jamais esquecerei.** (SD 10)

Comentei que nunca vira uma charrete daquele tipo e que não queria andar nela, mas depois de um tempo deixei que me convencessem, como planejara desde o início. **Jamais me esquecerei daquele trajeto.** (SD 84)

Para alguém que nunca havia estado perto de uma pessoa louca, o horror daquela cena **foi indescritível.** (SD 181)

A ideia de que um repórter vive e presencia muitas coisas em seu dia a dia integra o *ethos romântico* da profissão (Lago, 2002). Especialmente para as mulheres que puderam se tornar jornalistas na segunda metade do século XIX, parte do status

profissional se devia a poderem acessar ambientes e pessoas dificilmente disponíveis de outra maneira (Chambers; Steiner; Fleming, 2005). Desde então, de maneira geral, a comunidade profissional sustenta a noção de que o jornalismo é uma profissão única, que proporciona experiências diferentes das de qualquer outro ofício.

Pulitzer, proprietário do *New York World*, já afirmava no início do século XX que o jornalista ocupava uma posição privilegiada: “Sozinho, ele tem o privilégio de moldar a opinião, tocar os corações e apelar à razão de centenas de milhares de pessoas todos os dias. *Esta é a mais fascinante de todas as profissões.*” (Pulitzer, 2009 [1904], p. 20, grifo nosso). Além do potencial de impacto do trabalho, o cotidiano do jornalista é construído como repleto de novidades e de excitação. Conforme Guilhermano (2019, p. 100), “especialmente nos relatos sobre grandes reportagens ou trabalhos de investigação, essa visão ganha maior proporção e o jornalismo passa a ser tratado como propulsor de aventuras e de adrenalina”. A promessa do jornalismo como profissão única também está ligada às ideias de jornalismo como missão e de um ofício apaixonante (Lago, 2002).

Eu me adaptei à rotina de um dos hospícios da cidade durante esse período, **vivi muitas coisas, e vi e ouvi ainda mais coisas a respeito do tratamento** concedido a essa classe tão vulnerável da nossa sociedade, e assim que tinha visto e ouvido o suficiente, fui prontamente liberada. (SD 12)

Ah, sem dúvida **aquele foi o dia mais longo que já vivi.** (SD 29)

**Dos meus dez dias de experiência lá há muito que contar.** (SD 135)

Os trechos ligados a esse sentido indicam ainda que, individualmente, Nellie Bly é uma pessoa espirituosa, que sabe se divertir e tem um humor próprio. Mesmo em circunstâncias arriscadas, ela se diverte com sua atuação:

[...] Ela fez um movimento súbito e compulsivo, e então eu soube que minha primeira tentativa tinha sido um sucesso. **Foi divertido vê-la se levantar da cadeira com notável rapidez**, sussurrando apressada: “daqui a pouco eu volto para falar com você”. (SD 34)

“Mostre a língua”, ele ordenou de repente. Pensar nisso **me fez rir por dentro.** (SD 75)

**“Estou tão contente em ir com vocês”, eu disse, e falava sério. Eu estava mesmo feliz.** (SD 81)

Outra característica que, até hoje, é considerada parte dos traços de caráter de um bom jornalista está presente nesses excertos: a curiosidade. Inclusive em situações

que Bly descreve como brutas, horríveis ou assustadoras, ela demonstra ter interesse em assistir e curiosidade em aprender, como nos seguintes exemplos:

A situação foi ficando **deveras interessante**, mas eu ainda temia o desfecho do meu encontro com o juiz. (SD 61)

**Fiquei muito curiosa** para saber como a insanidade se manifestava no olho, e achei que a melhor coisa a fazer naquela circunstância era olhar fixamente. E foi o que fiz. Mantive os olhos imóveis e cravados na mão do médico e, quando ele a afastou, empreguei todas as minhas forças para continuar sem piscar. (SD 77)

**Observei com interesse** as filas e um arrepio de horror me atravessou. (SD 177)

Esse aspecto do texto de Bly corrobora a noção ainda presente no discurso dos jornalistas de que, apesar das adversidades, há na profissão uma satisfação pessoal que faz todo esforço do repórter ser recompensado. A ideia é especialmente relacionada ao jornalismo investigativo, como afirma o jornalista Ricardo Kotscho (2000, p. 40): “Os riscos nestas matérias são sempre grandes, as viagens demoradas e as condições de trabalho as piores possíveis. Afinal, você está atrás de um assunto que todo mundo quer esconder, num lugar que não conhece e sem contar com a ajuda de ninguém. Mas, quando se consegue contar a história toda, no fim vale a pena.” Ao analisar a imagem de si mobilizada por repórteres da TV Globo sobre sua profissão, Benetti e Gadret (2017) encontraram um ethos semelhante: o bom jornalista é curioso e ama a profissão, e o bom repórter sabe se divertir em meio à vida dura e perigosa.

### 5.2.6 Sou uma boa moça

Uma parcela menor de sequências discursivas, também autorreferente, constrói a imagem de Nellie Bly como uma *mulher bonita, jovem, digna, sensata, delicada e vaidosa*. Esse sentido está presente em 18 sequências discursivas, equivalendo a 5,20% do total de incidências. Os sentidos de Bly como uma “menina boa” aparecem menos que os anteriores, mas não podem ser desprezados, porque ajudam a posicioná-la como uma mulher ajustada aos valores da época. Além de se mostrar como uma repórter habilidosa, ela faz visíveis as características físicas e psicológicas que a situam no espectro da “boa mulher”.

As marcas dessa apresentação pessoal positivada aparecem, em alguns trechos da reportagem, de maneira sutil. São os casos de sequências discursivas em que Nellie Bly faz referência à própria aparência, mesmo sem incluir uma adjetivação explicitamente elogiosa. Aqui, o sentido central é de que Bly está atenta ao seu corpo<sup>75</sup> e a como se apresenta às pessoas à sua volta. O que prevalece nestes fragmentos é uma preocupação com sua imagem física, que denota um cuidado vaidoso da jornalista.

Não fazia frio, mas, mesmo assim, quando eu pensava no que me aconteceria, calafrios invernais me corriam pelas costas de cima a baixo, quase zombando da **transpiração que ia desfazendo, ainda que lentamente, os cachos da minha franja.** (SD 246)

[...] Quando abotoei o vestido na cintura, percebi que a anágua era cerca de quinze centímetros mais comprida do que a saia, e por um instante **me sentei na cama e ri da minha própria aparência. Nunca uma mulher desejou tanto ter um espelho como eu naquele momento.** (SD 164)

Na SD 164, vemos que Bly também se preocupa em mostrar ao leitor que é uma mulher requintada, capaz de reconhecer quando uma roupa é de qualidade ou não. A representação de elegância aparece de forma direta na próxima sequência discursiva:

Um homem de aparência bruta se aproximou e me segurou, tentando me arrastar para fora da ambulância como se eu tivesse uma força de elefante e fosse resistir. O médico, vendo minha repugnância, ordenou que ele me deixasse em paz, que ele mesmo ficaria responsável por mim. Em seguida me retirou do veículo com cuidado, **e eu, com a elegância de uma rainha,** passei pelo grupo de curiosos que se juntara para ver a nova desventurada. (SD 258)

O sentido da vaidade, vinculado à elegância e à atenção estética, faz parte do texto quando Bly se posiciona enquanto uma mulher moderna, asseada e higiênica. Mesmo em um momento arriscado e difícil, quando é obrigada a tomar um banho gelado no manicômio, ainda assim seu cabelo “vistoso” é suficientemente importante para figurar entre suas preocupações, na SD 153.

Me despedi de **alguns dos artigos mais preciosos que a civilização moderna já conhecera.** Pousei minha **escova de dentes** com ternura e, **quando me ensaboei** pela última vez, murmurei: “Talvez seja por alguns dias, talvez... um pouco mais”. (SD 247)

[...] A mulher louca começou a me esfregar. Não conheço outra palavra além de “esfregar” para o que ocorreu. Ela pegava um pouco de sabonete mole de uma

<sup>75</sup> Evidentemente, a corporalidade também é evocada dentro de outros sentidos discursivos em uma reportagem de disfarce escrita em primeira pessoa: quando passa por uma situação arriscada e a segurança do seu corpo está em jogo, por exemplo.

panelinha de lata e **passava com força no meu corpo inteiro, inclusive no meu rosto e no meu cabelo tão vistoso.** Eu finalmente me tornei incapaz de ver ou falar, **mesmo tendo implorado para que ela poupasse meu cabelo.** E a velha esfregava, esfregava, esfregava, matraqueando sozinha. [...] (SD 153)

Em alguns trechos, o sentido está presente nas falas de outros personagens, construindo um *ethos encaixado* – e sempre lembrando que essas citações são controladas pela narradora. A beleza, a dignidade e o comportamento adequado de Bly são reiterados por falas, em discurso direto ou indireto, de pessoas que interagem com ela ao longo de sua jornada. Vale dizer que essas características são destacadas quando a jornalista já está fingindo loucura. Ou seja, por mais que tente parecer louca, irracional ou histérica, alguns traços positivos de seu caráter e de sua aparência ainda sobressaem: seus bons modos, sua boa apresentação e sua delicadeza – que, segundo a sra. Stanard, não resistiria aos horrores do hospício de Blackwell’s Island (SD 254). A inserção dessas citações contribui para referendar a credibilidade dela enquanto jornalista, mesmo que de forma indireta. Quando escreve que o juiz a descreveu como uma “boa moça”, Bly usa de uma voz oficial e reconhecida na sociedade para mostrar como ela é uma mulher adequada. Isso serve de base para sua construção (por meio de outros sentidos do texto) como alguém apta a narrar os acontecimentos.

“Coitadinha”, disse o juiz Duffy, “**ela está bem-vestida e tem modos de dama. Fala um inglês perfeito, e eu poderia apostar que é uma boa moça. Não tenho dúvida de que é a queridinha de alguém.**”

Todos riram dessa declaração, e eu cobri o rosto com o lenço, na tentativa de sufocar o riso que ameaçava arruinar os planos, apesar da minha determinação.

“**Quero dizer que é a queridinha de alguma mulher, uma mãe**”, o juiz se corrigiu logo em seguida. “Estou certo de que alguém está procurando a moça. **Pobrezinha**, serei generoso com ela, pois **lembra minha irmã que morreu.**” (SD 66)

“Não sei o que fazer com **essa pobre menina**”, disse o preocupado juiz. “Ela precisa de cuidados.”

“Mande-a para Blackwell’s Island”, sugeriu um dos policiais.

“Ah, não!”, disse a sra. Standard, visivelmente alarmada. “Isso não. **Ela é uma dama e ia morrer se fosse mandada para lá.**” (SD 254)

“Essa é **uma pobre menina** que foi drogada por alguém”, explicou o juiz. “**Lembra a minha irmã, e qualquer um nota que é uma menina boa.** Estou preocupado com essa moça e gostaria de ajudá-la **como ajudaria uma filha.** Peça que o senhor seja gentil”, disse ele ao médico. (SD 255)

Depois de me observar por algum tempo, ele [o médico] disse que nunca tinha visto uma lunática com **um rosto tão vivaz quanto o meu.** (SD 197)

De acordo com Kroeger (1994), a autorreferência se tornou uma marca dos textos de Bly. A jornalista fez da menção à sua aparência um hábito, e gostava também de citar elogios de fontes. Algo que aparece mais de uma vez em seus textos são alusões a momentos em que a jornalista é cortejada e até pedida em casamento por pessoas que interagem com ela nas apurações. Em sua primeira reportagem para o *New York World*, Bly já destaca como ela é capaz de reconhecer um homem bonito e de flertar mesmo dentro de um manicômio, como aparece no exemplo a seguir:

**O médico era um jovem muito bonito. Tinha a postura e a dicção de um cavalheiro**, e um ar um pouco enganador. Ele se aproximou, sentou-se na beirada da minha cama e **me envolveu com um dos braços**, tentando me tranquilizar. **Era uma tarefa terrível fingir loucura diante daquele homem – só as moças compreenderão a situação em que eu me encontrava.** (SD 111)

“Se eu a deixar sair **você fica perto de mim?** Não vai fugir quando estiver na rua?” “Isso eu não posso prometer”, **respondi, com um sorriso e um suspiro, pois ele era de fato bonito.** (SD 119)

É importante destacar que, de forma geral, o cuidado estético de Bly não é parte de uma personalidade individual, mas se alinha a valores sociais vigentes no final do século XIX. Mais do que ser considerada bonita, importa para Bly sublinhar como ela é uma “boa moça”. Insinuar que ela se prostitui, como ocorre na SD 260, é insultante; e o problema do uniforme do manicômio não está apenas na feiura ou na falta de proteção térmica, mas no desalinhamento aos “bons costumes” (SD 171):

“O que você faz em Nova York?” “Nada.” “Consegue trabalhar?” “Não, señor.” **“Me diga, você é uma mulher da vida?” “Não entendi”, eu respondi, francamente enojada com ele.** (SD 260)

Pedi que nos dessem mais roupas, **ou pelo menos aquilo que os bons costumes pedem que mulheres usem**, mas me mandaram calar a boca; não nos ofereceriam nada além daquilo. (SD 171)

Apesar da imagem de Bly seguir o ideal de mulher do século XIX, é notável que esse tipo de estratégia discursiva não se apagou com o passar do tempo. Ainda hoje, narradoras criam imagens de si que reforçam estereótipos ligados ao gênero. Em sua pesquisa sobre a revista feminina brasileira *TPM*, Patrícia Rocha (2007) indica que a formação discursiva “ser mulherzinha” aparece com frequência como um ideal nos textos analisados. “Ser mulherzinha”, no discurso destas jornalistas do século XXI, implica ser multitarefa, capaz de dar conta das tarefas profissionais e do lar ao mesmo tempo que é bela, afetuosa e sensível. O cuidado com o próprio corpo e a beleza

aparecem como centrais. Mesmo que o discurso de Bly possa parecer moralista ou antiquado ao leitor de nossa época, traços desse ideal feminino ainda persistem no jornalismo atual.

### 5.2.7 Sei me disfarçar

Além de buscar notícias e narrar os fatos, o jornalismo de disfarce exige dos repórteres a capacidade de desempenhar um papel. Para investigar a realidade do manicômio da ilha de Blackwell, Nellie Bly não precisa apenas ficar atenta ao que vê e escuta, fazer perguntas e registrar ou memorizar os acontecimentos, mas também ter a desenvoltura para manter o disfarce, sem revelar sua real identidade ou intenção. O sétimo sentido encontrado diz respeito às sequências discursivas em que Bly demonstra ser esperta e habilidosa o suficiente para que seu disfarce seja bem sucedido e convença as pessoas com quem ela interage. O sentido reúne 15 incidências, representando 4,34% do total.

As SDs a seguir são exemplos em que a jornalista faz referência à atuação que faz parte da reportagem:

Continuei **desempenhando meu papel** até a ajudante da supervisora, sra. Standard, aparecer. (SD 50)

**Seria capaz de simular as características da loucura de forma a convencer os médicos** e viver por uma semana entre as loucas, **sem que as autoridades descobrissem que eu não passava de uma denunciante infiltrada? Respondi que sim. Eu tinha alguma confiança nas minhas habilidades de atuação e me julgava capaz de simular loucura** por tempo suficiente para realizar qualquer missão que me fosse atribuída. (SD 3)

O sucesso do disfarce durante a jornada até o manicômio é motivo de orgulho e satisfação para Bly, como ela sublinha em alguns trechos:

**Comecei a ter mais segurança da minha posição** e decidi que nenhum médico me convenceria de que eu era sã antes que eu concluísse minha missão. (SD 95)

A essa altura **comecei a ficar mais confiante nas minhas habilidades**, afinal **um juiz, um médico e um bom número de pessoas tinham me declarado louca**, e recoloquei meu véu **com certa satisfação** quando me disseram que eu seria levada de charrete e que depois poderia ir para casa. (SD 80)

**Senti-me bastante orgulhosa de mim mesma** quando saí por uma porta lateral que levava a um beco no qual a ambulância nos esperava. (SD 82)

O trabalho das *stunt girls*, no final do século XIX, chamava atenção não apenas pelas circunstâncias difíceis, mas porque ainda se acreditava que mulheres não eram plenamente capazes de persistir no cotidiano duro das redações (Chambers; Steiner; Fleming, 2005). Quando Bly se candidatou para cobrir a viagem de balão de ar quente promovida pelo *World*, foi rejeitada por ser uma repórter novata, mas em seguida conseguiu levar até o fim o perigoso disfarce no hospício. De maneira geral, as reportagens de disfarce serviam como prova de que as jornalistas poderiam assumir tarefas arriscadas – em que pese a responsabilidade dos veículos sobre sua segurança, tema que ainda hoje é alvo de debates nas redações e no ambiente acadêmico (Moretzsohn, 2007).

Conforme avança em direção ao hospício e convence mais pessoas, Bly se torna mais confiante de sua esperteza e capacidade de enganar. Mais uma vez, apesar dos riscos, a certeza do convencimento aparece ligada à satisfação e mesmo à diversão que a jornalista sente ao ter êxito em seu objetivo, como mostram os exemplos:

“Todas elas parecem loucas”, declarei de novo, “e me dão medo. tem tanta gente louca por aí, e não dá para saber o que essa gente é capaz [de] fazer. E tem tantos assassinatos, e a polícia nunca pega os assassinos”, e **terminei minha fala com um soluço que teria convencido até uma plateia de críticos impassíveis**. Ela fez um movimento súbito e compulsivo, e então **eu soube que minha primeira tentativa tinha sido um sucesso**. Foi divertido vê-la se levantar da cadeira com notável rapidez, sussurrando apressada: “daqui a pouco eu volto para falar com você”. (SD 34)

Quando insisti em acompanhá-lo, ele [um médico] alegou que precisava ajudar em uma amputação, e que minha presença não seria bem vista. **Era evidente que ele acreditava estar lidando com uma pessoa louca**. (SD 89)

Ouvi o diálogo sobre mim com muita ansiedade, e **fiquei aliviada em saber que me consideravam uma louca incurável. Isso foi animador**. (SD 109)

À medida que conduziam a ambulância por entre os belos gramados que levavam ao hospital, **meu sentimento de satisfação por ter alcançado meu objetivo profissional** foi bastante prejudicado pela expressão de angústia de minhas companheiras. Aquelas pobres mulheres não tinham esperança de sair de lá tão cedo. (SD 136)

Lutes (2006) destaca que, para além de demonstrar a capacidade de Bly, a autorreferência nesses trechos serve para reforçar o papel duplo que a jornalista desempenhava: ao mesmo tempo que mostra sua habilidade ao entrar no manicômio para investigar, ela lembra ao leitor que aquele era apenas um papel, um fingimento. Dessa forma, ela reafirma sua sanidade e, também, sua credibilidade. Apesar de passar



pelas mesmas situações que as mulheres internadas, ela se distancia das “loucas” e reitera sua autoridade como narradora credível.

### 5.2.8 Sou ética

O ethos de Nellie Bly como uma *repórter ética* é um sentido residual do discurso. Aparece em 9 incidências, compondo 2,60% do total. Entretanto, não é um sentido desprezível. A existência e aplicação de códigos deontológicos só se tornaram uma realidade no campo jornalístico no século XX, dado que a própria profissionalização dos jornalistas era incipiente no período em que Bly publicou *Dez dias num hospício*. Exatamente por isso, importa destacar os trechos em que a repórter demonstra já ter consciência da necessidade de justificar o uso do disfarce e as escolhas tomadas ao longo de sua jornada até o manicômio.

Os princípios éticos indicados por Bly podem ser divididos em três camadas: não prejudicar os outros, assumir as consequências de seus atos e auxiliar os necessitados.

Havia maneiras de entrar no hospital de alienados, mas eu não as conhecia. Duas opções me ocorreram: me fingir de louca na casa de amigos e ser internada por decisão de dois médicos competentes, ou atingir meu objetivo por meio dos tribunais de polícia. **Após alguma reflexão, julguei mais prudente não prejudicar meus amigos nem envolver médicos idôneos em meu intento.** (SD 9)

Assumi a responsabilidade de representar o papel de uma pobre menina demente e desafortunada, e **me comprometi a não me esquivar de nenhuma das possíveis consequências desagradáveis de minha decisão.** (SD 11)

**Pobrezinha. Com que crueldade eu a torturei,** e que coração bom ela tinha! **Como eu torturei todas aquelas mulheres.** (SD 41)

Como admirei a coragem e a bondade daquela mulher pequenina! **Como desejei acalmá-la sussurrando em seu ouvido que eu não era louca,** e que só me restava torcer para que, se um dia alguma pobre menina tivesse a infelicidade de ser o que eu fingia ser, ela encontrasse alguém com o mesmo espírito e generosidade humana da sra. Ruth Caine (SD 49)

**Achei que deveria ser honesta quando possível,** desde que não prejudicasse o andamento do meu caso, então disse ao médico que eu era míope, que não estava nem um pouco doente, que nunca estivera doente, e que ninguém tinha o direito de me impedir de sair em busca dos meus baús. (SD 78)

Eu fui uma delas por dez dias. **Por mais tolo que pareça, pareceu-me um ato de imenso egoísmo deixar que continuassem vivendo aquele sofrimento.**

**Senti um desejo quixotesco de ajudá-las por meio de minha compaixão e de minha presença.** Mas isso durou pouco. As grades se abriram e a liberdade pareceu-me mais doce do que nunca. (SD 44)

Essas especificações de conduta se relacionam ao *ethos romântico* na medida em que contrariam a lógica de mercado, defendendo um jornalismo comprometido com interesses sociais (Lago, 2002). Guilhermano (2019) também identifica a politização dos jornalistas como um eixo do *ethos romântico*: a consciência política é um fator de interesse no jornalismo, já que a profissão coletivamente se preocupa com questões sociais e partilha de uma vontade de modificar a realidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe um ditado muito reproduzido em redações e salas de aula: “Se alguém diz que está chovendo, e outra pessoa diz que não está, o papel do jornalista não é citar os dois lados, mas ir lá fora e ver se chove”. Como acontece com práticas e costumes, podemos só repetir a frase sem pensar no que ela implica para o ofício jornalístico. A figura que temos do repórter típico passa por alguém que suja os sapatos, que sai de casa mesmo nos dias mais frios do ano para noticiar, que aguenta condições difíceis para levar informação às pessoas. Mas por que a presença é tão importante? E por que deve o jornalista ser o encarregado de testemunhar e narrar os fatos?

Um caminho para obter algumas respostas pode ser encontrado a partir do jornalismo de disfarce. Em especial, do *stunt journalism*, que denominava a prática de investigar ocultando sua identidade, bastante usada na imprensa estadunidense do século XIX. Em um momento de inserção das mulheres nas redações, elas encontravam nesse tipo de missão perigosa uma forma de chegar às primeiras páginas dos jornais. Afinal, quem desconfiaria da sinceridade de uma boa moça? O sensacionalismo da época incentivava o tipo de reportagem testemunhal que relatava condições normalmente ocultas à sociedade. O termo *stunt journalism* carrega até hoje, no inglês, um caráter de gênero: embora também fosse uma estratégia empregada por homens, o uso do disfarce permanece como uma marca das primeiras mulheres a entrarem nas redações estadunidenses. Embora tenha rendido sucesso a essas pioneiras do jornalismo americano, o *stunt* passou a ter também um sentido negativo, associando essas mulheres a um tipo de jornalismo sensacionalista e eticamente questionável.

Nessa seara, Nellie Bly foi não só uma personagem expoente, mas uma celebridade. A jovem, nascida na Pensilvânia, topou fingir loucura para cumprir a primeira pauta proposta pelo editor do *New York World*, famoso jornal de Pulitzer. A ideia era se infiltrar na ala feminina do manicômio da ilha de Blackwell, em Nova York, e noticiar o tratamento dispensado às internas. Podemos nos perguntar, ainda: além da vontade de conseguir um posto permanente na redação, o que motivou a jornalista a arriscar sua integridade física e psíquica em prol do trabalho? E por que o público deveria acreditar naquele relato?

O resultado da difícil tarefa realizada pela jornalista foi a reportagem *Dez dias num hospício*, publicada no *World* em duas partes, em outubro de 1887. Logo depois, virou livro e transformou Bly em uma celebridade do disfarce. Ela ganhou imitadoras e foi enviada em uma viagem ao redor do mundo para tentar bater o recorde do personagem de Júlio Verne – e ganhar mais leitores para o jornal de Pulitzer. Já era conhecida nacionalmente. Ao traçarmos o que motivou Nellie Bly a aceitar essa primeira e arriscada missão, nos deparamos com traços dos valores do jornalismo que despontavam e começavam a construir a imagem do repórter, como a conhecemos hoje.

Na reportagem autorreferencial, ao lado de trechos em que cria uma imagem positiva de si enquanto mulher, aparecem passagens em que Bly reforça a importância de parecer objetiva, comprometida com a verdade e credível aos leitores. Por mais que não seja possível atestar a veracidade do que ela escreve, nossa pesquisa mostra que ela tinha consciência de que era importante ser reconhecida como alguém confiável. No texto, ela mobiliza esse sentido de forma especialmente notável com o *efeito de real*: eu estive lá, vi com meus próprios olhos e agora vou relatar; se não acreditar em mim, procure outra pessoa para confirmar o que relatei, vou dizer quem estava lá para que a confirmação seja possível. Bly não só aceita sair para a rua para ver se está chovendo, mas está disposta a se molhar.

Considerando que o jornalismo, em seu desenvolvimento, não se apoia somente em figuras de renome, não interessa ao nosso trabalho posicionar Bly como uma pioneira ou personagem relevante de forma isolada. Outras mulheres da época também fizeram movimentos extraordinários e essenciais para a reportagem – um exemplo é a jornalista negra Ida B. Wells, uma das primeiras a angariar dados de forma independente para apurar seus textos. Também é preciso ponderar que Bly, assim como outras mulheres de seu tempo, aderiu a determinados lugares sociais para ser vista como uma boa mulher, exibiu preconceitos e reforçava estereótipos em alguns de seus textos. Mas é a confluência de diversas iniciativas que influenciaria o nascimento do jornalismo investigativo, por exemplo, bem como o estabelecimento de outras práticas da imprensa. Assim, a esta pesquisa, cabe abordar a trajetória de Bly para inseri-la num contexto que consideramos importante conhecer, para saber mais sobre como chegamos ao papel que nós, jornalistas, desempenhamos hoje.

Nosso objetivo era investigar as maneiras com que Nellie Bly constitui uma imagem de si como repórter e como seu discurso fala do jornalismo e de outros jornalistas. Utilizamos a Análise de Discurso de linha francesa e mobilizamos o conceito de ethos, de Maingueneau (2013; 2014; 2020), para entender os atributos valorizados pelo discurso de Bly e interpretá-los para chegar aos valores da profissão que se consolidava naquele momento. Nesse movimento, partimos do que Maingueneau chama de ethos discursivo – a concretude dada pelo próprio texto analisado – para o ethos pré-discursivo – os valores engendrados por esse discurso.

O ethos pré-discursivo é sempre historicamente construído e socialmente aprendido. Aqui, reforça-se a relevância de estudar o contexto da *penny press*, das mulheres nas redações e da técnica de disfarce. Foi o que fizemos no capítulo 2. Também interessava saber do caminho de Bly até escrever a reportagem que é objeto empírico do trabalho, por isso, no capítulo 4, abordamos sua biografia e sintetizamos a obra.

Empregando a ideia de paráfrase (Orlandi, 2001) da AD, buscamos trechos voltados aos mesmos sentidos, em repetição. Encontramos 266 sequências discursivas, na reportagem, que respondiam à nossa questão de pesquisa. Como mais de um sentido ocorre na mesma sequência, trabalhamos com 346 incidências discursivas, separadas em oito núcleos de sentido. O sentido predominante, representando 29,78% das incidências, constrói Bly como uma repórter que descobre a verdade e é fiel aos fatos. Aqui, uma ideia intrínseca à profissão jornalística é acionada: o desejo de revelar a verdade, ligado a uma função social da imprensa. A fidelidade aos fatos demonstra que, mesmo que as práticas da objetividade ainda não fossem difundidas – segundo Schudson (2010), elas só surgiram na década de 1920 –, Bly já tem uma forte consciência de que é seu papel relatar com justeza os fatos que testemunhou. Essas noções são articuladas por meio do uso de estratégias que produzem *efeitos de real*: modos de mostrar que o repórter estava lá e tem competência para narrar o que viu e ouviu.

O segundo sentido mais presente é “sou corajosa e tenho uma missão”, com 22,54% das incidências. Esse item traz a ideia de que o jornalismo é um dever a ser cumprido apesar das dificuldades. O terceiro sentido está vinculado a um ethos obstinado e estratégico. Equivale a 16,20% do total. Aqui, aparece a noção de que há vários atores envolvidos nos bastidores da apuração. Bly confia nos editores para

tirá-la do manicômio em segurança, e a jornalista caracteriza os outros repórteres que encontra em sua jornada. Dessa forma, ela se insere em uma comunidade profissional com determinados valores compartilhados – os jornalistas são inteligentes e bondosos, pessoas capazes de investigar e descobrir informações.

O quarto sentido posiciona Bly como uma pessoa empática, especialmente com as internas com quem passa dez dias, e corresponde a 12,14% do todo. O quinto sentido é “vivo experiências inesquecíveis”, contemplando 7,20% das incidências. Esse último constrói a noção de que o jornalismo é uma profissão única, que proporciona aventuras e diversão. O sexto sentido indica que Bly é uma “boa moça” e está presente em 5,20% do material. As sequências discursivas incluídas nesse último sentido demonstram como, ao mesmo tempo que Bly é uma jornalista obstinada e orgulhosa, ela ainda se enquadra em posições determinadas pelo seu contexto histórico – ela constrói um ethos de mulher bonita, jovem, digna, sensata, delicada e vaidosa.

O sétimo sentido demonstra o ethos de uma repórter que sabe se disfarçar e inclui 4,34% dos textos. Além de ser uma hábil jornalista, Bly denota sua capacidade para ocultar sua identidade e convencer aqueles com quem interage. O oitavo e último sentido mapeado assinala que Bly é ética. Códigos deontológicos só seriam estabelecidos no século XX, mas aqui Bly já ensaia certas reflexões que denotam uma consciência de sua responsabilidade e da necessidade de uma ética profissional. Ela se preocupa em não prejudicar outras pessoas e tenta ajudar as mulheres “loucas” do manicômio.

Foi possível cumprir nosso objetivo de pesquisa, encontrando as formas com que, de forma particular, Nellie Bly construiu-se como repórter e, de forma ampla, como os valores implicados em seu discurso dizem respeito a um movimento de consolidação do ideal de repórter e de jornalismo. Pelas limitações de extensão e escopo de um trabalho de conclusão, não foi possível abordar em profundidade outros temas interessantes, como a interface entre jornalismo e representações da loucura. Essa possibilidade de análise, no entanto, fica como proposta para estudos futuros, pensando na relevância de investigar como o jornalismo constrói mapas de sentido e colabora para que determinados sujeitos sejam enquadrados como marginais ou desviantes, a partir de seu uso das fontes. Parte do meu interesse em *Dez dias num hospício* surgiu com a vontade de analisar essas interações, assim, espero que

pesquisas futuras possam ampliar esse entendimento, tanto relativo a esse objeto empírico quanto a outros.

Por fim, espero que o esforço de fazer um resgate histórico dessa reportagem e das práticas e contradições – que fundaram o cenário para que o jornalismo como o conhecemos hoje tomasse forma – sirva como uma maneira de manter abertas as vias de reflexão sobre nossas práticas profissionais .

## REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel; REVAZ, Françoise. **A análise da narrativa**. Lisboa: Gradiva, 1997.
- AMOSSY, Ruth. Introdução. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2013.
- ARAÚJO, Luís C. Eblak de. Jornalismo Investigativo: dos muckrakers aos anos pós-Watergate. In: III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais [...]**. Florianópolis, 2005.
- AUCOIN, James. Investigative journalism. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism**. New York: Taylor & Francis Group, 2008.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**, São Paulo, v. 15, 2008.
- BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Pesquisa em comunicação: Metodologias e Práticas Acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- BENETTI, Marcia; GADRET, Débora Lapa. O ethos do repórter de TV da Rede Globo. **Intexto**, Porto Alegre, n. 39, 2017.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, v. 1**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985 [1936].
- BERTASSO, Daiane. **Jornalismo de revista e ethos discursivo: as imagens de si nas capas e nos editoriais de Veja, Época, IstoÉ e CartaCapital**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre; UFRGS, 2014.
- BLY, Nellie. **Around the world in seventy-two days and other writings**. New York: Penguin Books, 2014.
- BLY, Nellie. **Dez dias num hospício**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Fósforo, 2021 [1887].
- BLY, Nellie. **Ten days in a mad-house**. New York: OpenRoad Media, 2015 [1887]. E-book.
- BUNDY, Kissette. African American women journalists. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism**. New York: Taylor & Francis Group, 2008.
- BURT, Elizabeth V. Progressive era. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism**. New York: Taylor & Francis Group, 2008.
- BURT, Elizabeth V. Women journalists. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism**. New York: Taylor & Francis Group, 2008.
- CAMPOS MELLO, Patrícia. Prefácio à edição brasileira. In: BLY, Nellie. **Dez dias num hospício**. São Paulo: Fósforo, 2021.



CASADEI, Eliza Bachega. **Como contar os fatos: a história da narrativa do jornalismo de revista no século XX.** São Paulo: Alameda, 2014.

CHAMBERS, Deborah; STEINER, Linda; FLEMING, Caroline. **Women and journalism.** London: Routledge, 2004.

CLARK, Carmen E. Abolitionist press. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism.** New York: Taylor & Francis Group, 2008.

DAVENPORT, W. H. **Blackwell's Island Lunatic Asylum.** The New York Public Library. 1866. 1 ilustração. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e0-d3da-a3d9-e040-e00a18064a99>. Acesso em 10 dez. 2023.

DÜREN, Ricardo Luís. Jornalismo e literatura: uma complexa relação de dialogias, influências e reconfigurações. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (org.). **Narrativas comunicacionais complexificadas 2: a forma.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna.* In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2013.

EVENSEN, Bruce J. Pulitzer, Joseph. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism.** New York: Taylor & Francis Group, 2008.

EVENSEN, Bruce J. Muckraking. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism.** New York: Taylor & Francis Group, 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. Narratividades jornalísticas no ambiente de circulação. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (org.). **Narrativas comunicacionais complexificadas.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

FRONTANI, Michael. Alternative press. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism.** New York: Taylor & Francis Group, 2008.

GANCHO, Cândida Villares. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ática, 1998.

GOLDSTEIN, Robert Justin. Censorship. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism.** New York: Taylor & Francis Group, 2008.

GOTTLIEB, Agnes Hooper. Women's pages. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism.** New York: Taylor & Francis Group, 2008.

GUILHERMANO, Lívia. **Identidade profissional dos jornalistas: histórias de vida na transição do período industrial para o pós-industrial.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2019.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** Lisboa: Vega, 1993.

KARAM, Francisco. **Jornalismo, ética e liberdade.** São Paulo: Summus, 1997.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo: Ática, 2000.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. Porto: Porto Editora, 2004.

KROEGER, Brooke. **Undercover reporting**: the truth about deception. Evanston: Northwestern University Press, 2012.

KROEGER, Brooke. **Nellie Bly**: daredevil, reporter, feminist. New York: Times Books, 1994.

LAGE, Igor. **Eu, repórter**: narradores em primeira pessoa nas reportagens da Trip, Tpm e Rolling Stone. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Belo Horizonte: UFMG, 2015.

LAGO, Cláudia. **O Romantismo morreu? Viva o romantismo!** Ethos romântico no jornalismo. Tese (Doutorado em Comunicação). São Paulo: USP, 2002.

LISBOA, Silvia; BENETTI, Marcia. Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 51-62. jan./jun. 2017.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

LOES, Fernanda Lima. O papel da retórica na construção da identidade do jornalista. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, ano 33, n. 56, 2011.

LUTES, Jean Marie. **Front-page girls**: women journalists in American culture and fiction, 1880–1930. New York: Cornell University Press, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano, do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O “repórter infiltrado” e a câmera oculta: repensando problemas éticos e epistemológicos para a prática do jornalismo. In: DALMONTE, Edson (org.). **Teoria e prática da crítica midiática**. Salvador: EdUFBA, 2013.

MORRIS, James McGrath. Hearst, William Randolph. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism**. New York: Taylor & Francis Group, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Vozes e narrativas e jogos de poder no jornalismo: modelo plurivocal. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (org.). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas**: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.

NELLIE BLY ONLINE. Fotografia. Disponível em: <https://nellieblyonline.net/world-articles/>. Acesso em 10 dez. 2023.

NELLIE BLY ONLINE. Digitalização do jornal *New York World* de 9 de outubro de 1887. Disponível em: <https://nellieblyonline.net/world-articles/>. Acesso em 10 dez. 2023.

NELLIE BLY ONLINE. Digitalização do jornal *New York World* de 16 de outubro de 1887. Disponível em: <https://nellieblyonline.net/world-articles/>. Acesso em 10 dez. 2023.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PICCININ, Fabiana. O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (org.). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

PICCININ, Fabiana; ETGES, Ananda. O eu que narra, que sente e que diz como são feitas as notícias: análise da atorização em “Profissão Repórter”. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (org.). **Narrativas comunicacionais complexificadas 2: a forma**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

PULITZER, Joseph. **A Escola de Jornalismo na Universidade de Columbia**. Florianópolis: Insular, 2009 [1904].

QUEIROZ, Natália Costa. **O auge de Nellie Bly**: uma jornalista estadunidense no final do século XIX. 2013. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Florianópolis: UFSC, 2013a.

QUEIROZ, Natália Costa. Lugar de mulher é na redação: o jornalismo performático e o destaque alcançado por repórteres mulheres. In: X Seminário Internacional Fazendo Gênero. **Anais eletrônicos** [...] Florianópolis, 2013b.

REGINATO, Gisele. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. **Contracampo**, Niterói, n. 12, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Patrícia. **Jornalismo em primeira pessoa**: a construção de sentidos das narradoras da revista TPM. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2007.

RODRIGUES, Juliana. **Dúvida sobre a tradução de Dez dias num hospício**. Destinatário: Valentina Bressan. [S. I.], 7 dez. 2023. 1 mensagem eletrônica.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVEIRINHA, Maria João. As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: contributos para uma não-ossificação da história do jornalismo. **Comunicação & Sociedade**, Coimbra, v. 21, 2012.

STEINER, Linda. Feminist journalism. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism**. New York: Taylor & Francis Group, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, v. 1**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, v. 2**. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2013.

TUCHER, Andie. Bennett, James Gordon. In: VAUGHN, Stephen L. (org.). **Encyclopedia of American journalism**. New York: Taylor & Francis Group, 2008.